FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 12 997

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A Juventude

a Universidade e a Política

pelo prof. DANIEL BARBOSA

Não creio, ao contrário do que alguns pretendem, que o problema da gente nova, pelo que toca á sua adaptação ou interesse por uma política que lhe surge de um passado que não viveu nem sentiu, seja de hoje, ou seja nosso: é o problema de todos e de sempre, consequente, exactamente de uma ansiedade compreensível que a leva a analisar severamente o que encontra, e a virar-se ávidamente para o futuro, sem possibilidade de uma memória esclarecida para aquilo que não viu nem conheceu.

E mau era se não fora assim, isto é, se a mocidade de um país — que deseja viver, afirmar-se e progredir — ajustasse o seu espírito, numa adormecida aquiescência isenta de reacções e de vontade, ás razões invocadas para defesa de um presente que, sobretudo, procurassem aliciar ou convencer pela força comtemplativa de um passado.

Impõe-se reconhecer na mocidade, para bem exactamente de um futuro que queremos e devemos preparar, o valor construtivo do seu próprio inconformismo, o inegável interesse da sua natural irreverência, o indiscutível merecimento da ansiedade apaixonada que põe na

(Continua na página seguinte)

A "Casa do Gaiato" do Tojal

onde vivem, estudam e trabalham 100 rapazes foi hoje visitada pelo Chefe do Estado

A «Casa do Gaiato» do Tojal, no concelho de Loures, é um dos nucleos da admirável organização sonhada e realizada, dedicadamente, por esse grande apóstolo que foi o padre Américo, e que tem a sua sede em Paço de Sousa.

As outras são as do Porto, de Lisboa, de Coimbra, de Setubal, da Beira, no concelho de Paredes, e de Miranda do Corvo.

A de Santo Antão do Tojal está instalada no Palácio da Mitra, onde, em 1915, quando o Governo presidido pelo general Pimenta de Castro, mandou fechar o Parlamento, se reuniram os deputados. O palácio tem sido restaurado, progressivamente, mantendo-se o carácter do edifício.

A sua população é constituída por 100 rapazes, dos quais 80 dormem em camaratas, aos 8, aos 10 e aos 12, em cada, e os outros, habitam num casal agrícola contíguo (os que se dedicam a trabalhos do campo), só estando na sede durante as refeições, as aulas e as horas de descanso, ou de recreio. Este é constituído, além das brincadeiras

(Continua na página central)

O Chefe do Estado acariciando o filho de um antigo «gaiato»

O novo médico do Papa João XXIII

Depois do afastamento do dr. Galeazzi-Lisi, do Vaticano, por motivo das inconfidências que lhe atribuiram por ocasião da morte de Pio XII, foi agora nomeado o novo médico do Papa. É o professor Filippo Rocchi, cirurgião de Roma, que goza de grande reputação na capital italiana

Ao serviço

da exportação — é o tema expressivo de uma exposição que hoje se inaugurou

Com a colaboração de inspirados artistas, de espírito moderno, inovador, e largas possibilidades, esta interessante exposição «Ao Serviço da Exportação», promovida pelo Fundo do Fomento no pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas, resulta num admirável conjunto, de apurado gosto estético — uma festa de luz e cor, que hábilmente se conjugam com as formas harmoniosas de efeito espectacular.

Tudo aquilo, tocado por um sopro de arte, com apurado gosto e belo sentido interpretativo, resulta um atraente certame de singular efeito visual, em que a policromia sugestiva, o arranjo cenográfico e os vários pormenores decorativos quebram a monotonia que havia de resultar da sucessão de gráficos e esquemas, sem aquelas manchas de aguarela versicolor, as verduras exuberantes, os jogos de luz e as telas de natureza morta, ao vivo, ao natural, cheias de movimento, onde as frutas têm a olorante rescendência dos soalheiros vergéis e as coisas se animam como nos seus passados momentos de intensa vibração ao contacto com as multidões, pois ali se ostentam, na sua originalidade, os pavilhões que têm levado a típica sugestão portuguesa,

(Continua na página central)

Nota do dia

Envelhecer

Envelhecer é uma lei biológica. Saber envelhecer é uma arte. Uma arte difícil que nem toda a gente tem a coragem e o bom senso de praticar: as actrizes e os políticos, por exemplo, que nem sempre sabem retirar-se a tempo. Sabido como a média da vida humana aumentou nos ultimos anos, a ponto de não poder considerar-se velho um geronte de outras eras, a arte de envelhecer oferece ainda uma dificuldade maior para quem a quiser praticar com elegancia e dignidade. Os progressos incontestáveis da Medicina e as descobertas recentes da Ciência têm feito entrever aos homens perspectivas de longevidade com que eles nunca haviam sonhado, fora da venerável família de Mathusalém. Já não se fala dos enxertos glandulares do dr. Voronoff, em que muitos depositaram esperanças de rejuvenescimento parece que malogradas. Mas continua a falar-se das teorias de Bogomolov, que pretende alcançar os mesmos fins por outros meios, e estes parece que cientificamente válidos. Nasceu uma ciência nova: a Gerontologia, que se ocupa de todos os problemas inerentes á velhice. É difícil, no entanto, determinar onde ela começa e tudo nos leva a crer que, se o homem não descobrir uma eterna Primavera, o Inverno há-de chegar cada vez mais tarde. Ponham os olhos nesse exemplo admirável de vigor físico e de actividade mental que é o almirante Gago Coutinho, que no limiar dos noventa anos mantém intacta a sua paixão pelos estudos históricos e procura contribuir ainda com a sua inteligência e o seu esforço para esclarecer duvidas e iluminar zonas de sombra que, porventura, possam continuar a existir nesse capítulo portentoso da nossa História que foi a época dos Descobrimentos. Como Jouhandeau, que dobrou também o cabo dos noventa, ele poderia dizer: «Parece-me que comecei por ser velho e é agora que me sinto novo».

O presidente Bourguiba

reafirmou o seu desejo de colaborar com a França

TUNES, 14 — A propósito do seu ultimo discurso, em que tratou, principalmente da questão dos funcionários franceses presos na Tunísia, o presidente Bourguiba concedeu uma entrevista a um correspondente da U. P. I.

À pergunta: «Pode dizer-nos em que base encara o restabelecimento de relações confiantes com a França?», respondeu:

«Sobre a base simples do nosso estatuto de independência». E prosseguiu:

«Com a condição unica da seriedade e de admitir a França todas as consequências desta independência. É preciso abolir a nostalgia do passado. O triste assunto que descobrimos agora é a consequência da existência de bandos que importa fazer desaparecer. Desejamos que seja empregado entre nós o simples direito comum existente entre países independentes.»

Segunda pergunta: «No seu discurso há uma referência á cooperação militar com a França. Em que condições a imagina?».

«Desde que há vinte anos, se iniciou o nosso movimento político, sempre desejei a cooperação com a França em todos os domínios, incluindo uma defesa comum. Mas é necessário, por um lado, não nos chocarmos com pensamentos reservados colonialistas, e por outro, não se utilizar uma base como Bizerta para a evasão de capitais para o estrangeiro, contrariando ordens do meu Governo, ou para albergar espiões políticos.

«Temos sempre diante dos olhos o exemplo da Inglaterra que, quando se retira, retira-se de facto. Agindo desta forma, abre caminho a todas as colaborações. Nunca, que eu saiba, se ouviu falar de quaisquer

(Continua na ultima página)

De Gaulle

principiou a visita no Sudoeste da França

PARIS, 14 — O presidente de Gaulle partiu para Toulouse, de avião, esta manhã. Acompanham o presidente, nesta viagem de quatro dias ao Sudoeste da França e aos Pirenéus, além da esposa, os ministros do Interior, Berthoin; das Obras Publicas, Buron; e da Educação Nacional, Boulloche.

O primeiro-ministro, Michel Debré, e todos os outros membros do Governo cumprimentaram o chefe do Estado no aeroporto.

Durante a sua permanência no Sul da França, de Gaulle proferirá oito discursos, nos quais, segundo declaram círculos autorizados, salientará os esforços em que a nação está empenhada para readquirir a sua grandeza e apelará para que todos aceitem os sacrifícios financeiros necessários para a reabilitação económica.

O regresso a Paris está previsto para a próxima terça-feira, á tarde. — (F. P. e A. N. I.).

Um "satélite meteorológico"

será lançado ainda este ano pelos Estados Unidos

WASHINGTON, 14. — Sabe-se já que o «satélite meteorológico», que os Estados Unidos se propõem colocar numa órbita em redor da Terra, ainda este ano, será transportado por um foguetão do tipo «Jupiter-C». Todos os outros pormenores quanto ao seu peso, volume, altitude e período de duração, são mantidos em segredo pelos cientistas do Exército.

(Continua na ultima página)

2.ª TIRAGEM

Ler na ultima página, os relatos dos desafios de futebol disputados hoje.

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

O Homem pode viver até aos 150 anos

CHICAGO, 14. — Os cientistas da «Chicago Medical School» manifestam a opinião de que o Homem pode viver até aos 150 anos e explicam que todos os animais vivem dez vezes o tempo que demoram a atingir a idade nubil. Como no Homem essa idade é aos 15 anos, pode concluir-se que, em condições normais, qualquer homem pode durar 150 anos.

Os referidos cientistas afirmam que a grande maioria das pessoas morre de cancro ou de doenças do coração. — (A. N. I.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A Juventude, a Universidade e a Política

(Continuação da página anterior)

análise dos problemas e dos casos que, para ela, constituem ponto de principal convergência das suas preocupações extra-escolares.

Poderia discutir-se, de resto, se essa ansiedade, que hoje em dia a mocidade tão exuberantemente manifesta, é um atributo próprio da sua forma de ser, ou uma exteriorização mais viva de um sentimento de inquietude que a todos engloba, e que a juventude, por mais aberta, mais entusiasta e mais franca, exprime á sua maneira, relutante a compromissos, rebelde a limitações.

E' inexperiente a gente nova, é certo, e por isso mesmo fácilmente penetrável por propagandas perigosas que o saber dos mais velhos fácilmente disseca na mentirosa utopia da sua formulação; mas, como já disse um dia, oferece em contrapartida um entusiasmo a tudo quanto sinceramente a prenda, um desejo sem limites de actuar e de servir, uma dedicação sem mira de recompensa áquilo que a convence ou apaixone: e isto abre caminho franco, e firme, a todas as causas nobres, capaz de a levar portanto a tudo quanto, também, de aliciante e construtivo lhe saibam, dignamente, oferecer.

Se o estudante que acorre á Universidade se quer preparar para ser — nunca é demais repeti-lo — verdadeiramente um homem do seu meio e do seu tempo, um elemento actuante de uma «elite» a quem caberá amanhã contribuir para esclarecer um povo e ajudar a conduzir uma Nação, precisa de se habituar desde logo a ter iniciativas próprias e a saber pugnar por elas, a lutar esclarecidamente pela defesa de um princípio, de uma doutrina ou de uma ideia, a interessar-se devotadamente pela ética que aceita como determinante da sua forma de actuar: tem assim de saber estar presente nos momentos em que se ponha á prova a — quantas vezes! — mal esboçada linha de conduta por onde quer ver seguir a sua vida ou a do meio social que dele espera personalidade, conhecimento e formação. E tem talvez mais do que nunca, hoje em dia, um indiscutível direito a ver considerar devidamente as suas «interrogações», dado que talvez, mais do que nunca também, a juventude é actualmente chamada a tomar responsabilidades, a compartilhar de sacrifícios, a cumprir obrigações, que a afastam daqueles tempos de romantismo e de boémia em que uma descuidada indiferença era atributo inconfundível de uma despreocupada vida estudantil.

A mocidade deve constituir assim, por isto mesmo e pelo próprio valor que tem em si para as soluções dos problemas de amanhã, motivo de particulares preocupações, pelo que tão destrutivo seria pretender quebrar-lhe, numa rotina sem alma, devoção, entusiasmo e iniciativa, como deixá-la abandonada a si própria, ao livre correr dos perigos que as propagandas nocivas sedutoramente encobrem á sua natural inexperiência, tão receptiva e confiante a tudo quanto possa aparentar-se com almejadas soluções.

Cabe, então, ás gerações que a antecederam, esclarecê-la, informá-la e ajudá-la, compreendendo-a nas suas duvidas e interpretando-a nas suas próprias razões; como lhes cabe igualmente, sem prejuizo de respeitar o seu natural entusiasmo pelas questões que lhe compete começar a ponderar e a discutir, procurar orientá-la para a linha de rumo mais seguro que o interesse nacional imponha, e dentro da qual só há vantagem que ela possa manter sempre aquele grau de franqueza, de combatividade e de ousadia, sem o qual não seria mocidade mas simples agrupamento de homens novos que, por amargo destino, tivessem nascido velhos.

Como é evidente, e mais do que qualquer outra instituição cabe á Universidade — velho Colégio de Mestres que se impõe manter rejuvenescido, exactamente porque em si alberga e prepara a juventude — um papel preponderantíssimo na formação da gente nova pelo que toca a, num campo pudamente formativo, lhe apontar realidades, lhe objectivar conceitos, lhe marcar friamente os problemas através das suas naturais premissas, lhe indicar desapaixonadamente para eles as mais lógicoas e viáveis soluções: cabe-lhe, enfim, apetrechá-la com a formulação clara e apolítica dos dados indispensáveis de partida para equacionar as mais diversas situações, destacando-lhe, sempre que tal o mereçam, as possibilidades efectivas de que o País dispõe, definindo-lhe, sem omissões nem sofismas que o tempo rápidamente aclara, as determinantes específicas da vida e do interesse nacionais: só assim cumprirá, de facto, o papel que dela há a esperar, habilitando a juventude, desde logo, a sopesar realidades desligadas das fantasiosas mentiras que as desvirtuem ou enfraqueçam.

Para tanto tem a Universidade de ser mais do que simples lugar de encontro entre professores e estudantes, visto lhe caber, de facto, função muito mais alta e nobre do que a de simplesmente instruir; cabe-lhe actuar de tal maneira que a preparação da mocidade dentro dela se faça sem desvios nem faltas que possam levá-la a procurar fora da Escola, na ansia de soluções de equilibrio, de correcção e de justiça, elementos para apoiar uma análise, ou meios para chegar a uma Verdade, que a Escola lhe devia facultar mas que normalmente omite ou esquece.

Como estranhar, portanto, que a mocidade procure tantas vezes fora dela aquilo que a Escola lhe não dá?

Para essa acção eminentemente esclarecedora e formativa, necessita a Universidade de se afirmar, é certo, pelo valor dos seus mestres; mas afirmar-se naquela autonomia que se torna indispensável para que se não ensombre, mesmo aparentemente, a pureza e a relevancia dos seus próprios fins; só desta forma, de facto, poderá cumprir o altíssimo papel que lhe compete de contribuir eficazmente para os mais altos interesses da Nação, quer transmitindo doutamente ás gerações que se lhe confiam o máximo dos conhecimentos, quer desempenhando, dentro da particular aceitação que assim cria, a nobilíssima função formativa e educativa que há-de deixar marca indelével nas «elites» que é de seu mister preparar.

E pelo que toca aos governos? Aos governos cabe a função eminentemente política de tentar chamar a si a mocidade pelo interesse da sua própria eficiência e da sua programação, na certeza, até, de que o ter de permanentemente alimentar ambiente para tanto, lhes implica um rejuvenescimento salutar e constante com que só lucra o País.

Como fazê-lo, então?

Lembremos que foi á sombra de um tenaz inconformismo, de uma natural irreverência e de uma marcada ansiedade em ver construir e melhorar, que a juventude portuguesa de há trinta anos — e que não era, com certeza, mais tolerante ou aquiescente de quanto possa ser a actual — se deixou aliciar em grande parte por quem pôde e soube realizar, depois, a obra altamente meritória que o País não poderá, nem deverá, esquecer, particularmente em momentos de perturbadora indecisão.

E, contudo, quem se afirmava para tanto? Um quase desconhecido ou então, e quando muito — e mesmo assim só para alguns — um probo e esclarecido professor que se admirava no respeito pela eficiente devoção ao seu mister; mas trazia consigo aquela «credencial» que mais seduz a mocidade: a de mostrar — e de o ser! — um inovador, por inteligência e natureza ostensivamente inadaptado a estagnações, a formalismos e a lugares comuns de insuficiência e de incapacidade que tanto feriam a nossa sensibilidade juvenil; e foi por ser exactamente alguém que desejava libertar-se, e libertar-nos, de um passado que nos não prendia, que nos arrastou confiadamente consigo por novos caminhos para um futuro.

Pois bem, na realidade do conteudo dessa «credencial», que foi a base do ressurgimento português, está a melhor e mais segura indicação quanto ao caminho que se impõe seguir: aceitando que as novas gerações não poderiam ter memória para aquilo que foi preciso corrigir e estruturar e que, consequentemente, não podem avaliar, como os mais velhos, o valor indiscutível do presente em relação a um passado que felizmente morreu, aceitar também que é na chama de uma ideia aliciante e viva, de novidade e de acção, que os novos poderão encontrar motivo não para uma transigência aquiescente — que não chega — mas para uma entusiasta e construtiva adesão.

DANIEL BARBOSA

«Ou sim, ou não!»

CONCURSO

R T P

Ou Sim, ou Não!

Nome.....

.....

Morada.....

Telef......

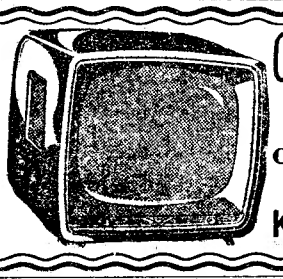
IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

Continuamos a publicar diáriamente, até ao próximo dia 15, inclusive, o boletim de inscrição para o concurso «Ou sim, ou não!», promovido pela Radiotelevisão Portuguesa.

Assim, os nossos leitores e os telespectadores portugueses podem concorrer a «Ou sim ou não!», bastando para isso que enviem á R. T. P., devidamente preenchido, o boletim que publicamos junto. Os concorrentes deverão, ainda, observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome a morada dos concorrentes de forma bem legível e de modo a não suscitarem qualquer duvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

A não observancia de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim ou não!», R. T. P. — Rádiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos á Lapa, 26, Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.



KORTING 53 cm.

ESC. 7.950$00

POR MÊS 364$40

O MELHOR TELEVISOR

R. T. P. — PORTO — LISBOA

KORTING — P. D. JOÃO I, 39 — PORTO

CASINO ESTORIL

Com as deslumbrantes decorações do Carnaval, de que tanta gente fala, mas que muitos ainda não viram, realiza-se hoje

O Baile Trapalhão da Pinhata

Mascare-se de qualquer maneira e divirta-se no CASINO ESTORIL

É permitido o uso de mascarilha!

PREÇOS: No Grande Salão Restaurante e no Wonder Bar» consumo mínimo por pessoa, **80$00**; No Bar Americano, sem direito a lugar sentado, **50$00.** — (Maiores 17 anos)

HOTEL EMBAIXADOR

NO TERRAÇO DAS ESTRELAS

APRESENTA

ANITA SOL

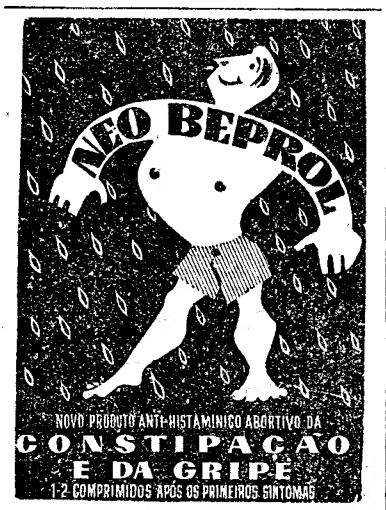
A INSINUANTE CANTORA DA TELEVISÃO ITALIANA

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25$00

(Adultos — Maiores de 17 anos)

MORADIA OU ANDARES

Precisa-se com 25-30 divisões, e, um mínimo de 5 salões grandes. Resposta a este jornal ao n.º 13



Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.

TECIDOS ALVINIZ

16, Largo do Carmo

O 1.º grupo da Companhia de Saude prestou homenagem ao governador militar de Lisboa

No aquartelamento do 1.º Grupo de Companhias de Saude, realizou-se hoje, ao meio dia, uma festa de homenagem ao governador militar de Lisboa e ao comandante daquela unidade, seguida de inauguração de vários melhoramentos.

Pouco antes das 12 horas, chegou ali o sr. general Valente de Carvalho, acompanhado dos srs. brigadeiro Barbieri Cardoso, 2.º comandante do G. M. L. e inspector de Infantaria, coronel Deciano de Barros, chefe do Estado Maior daquele departamento militar.

Depois de lhe serem prestadas honras militares, foi recebido á entrada pelos srs. tenente-coronel médico Cabral Sacadura e capitão dr. Lino de Matos, 1.º e 2.º comandantes respectivamente daquela unidade, major Martins Junior, comandante da Companhia de Adidos do G. M. L.; e por oficiais ali em serviço, o governador militar deu entrada no aquartelamento, dirigindo-se para o gabinete do comando, onde o sr. tenente-coronel médico Cabral Sacadura lhe deu as boas vindas.

A visita a uma enfermaria

Seguidamente, procedeu-se ali ao descerramento dos retratos dos srs. general Valente de Carvalho e do tenente-coronel Cabral Sacadura.

Foram depois, descerrados os retratos dos srs. tenente-coronel Xavier Pereira, coronel Meireles de Souto e tenentes-coronéis Augusto Garcia e Pina Monteiro, antigos comandantes daquela unidade, os quais agradeceram a homenagem após breves palavras do comandante da unidade.

Por sua vez, o sr. general governador militar, agradeceu a homenagem.

Terminada esta cerimónia, o sr. general Valente de Carvalho e restantes oficiais percorreram as várias dependências do aquartelamento e inaugurou depois a nova cozinha da messe dos oficiais e sargentos, onde foi servido um almoço de homenagem ao sr. general Valente de Carvalho e tenente-coronel médico Cabral Sacadura.

No final, trocaram-se amistosas saudações.

Uma homenagem à professora D. Joaquina Fonseca

D. Joaquina Fonseca

Amanhã, ás 20 e 30, uma comissão composta pelas profs. srs.as D. Hirondina Cruz Filipe, D. Josefa Santos Ferro Rodrigues e D. Isilla Judice, e professores srs. José Luís Ribeiro, Rodrigo Pimenta e Vítor Aragão Lamy promove, na Casa do Alentejo, um jantar de homenagem á ilustre professora, natural da dita provincia, D. Joaquina de Almeida Fonseca, que pertenceu ao quadro da Escola Primária n.º 1, da capital. Também se festejará, não sómente o seu aniversário natalício como o seu restabelecimento, após melindrosa operação. A inscrição continua aberta na dita casa regional, telefone 35311, Livraria Franco, 864548, e Petrony, 22911.

VIDA ARTÍSTICA

Exposições nas Belas-Artes

O ministro da Educação Nacional inaugurou esta tarde, ás 16 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, exposições de pintura de João Reis, Ayres Ferreira, Pilar Blanch e Maria Fernanda Toscano Rico.

Gravura portuguesa

A Sociedade de Gravadores Portugueses organizou uma exposição de trabalhos que está a alcançar um êxito extraordinário em Madrid, como noticiámos há dias. Em Março essa exposição desloca-se a Roma, a convite da Calcografia Nacional italiana. Em Abril, o certame é montado no Museu de Arte Moderna de Paris, por iniciativa da Jeune Gravure Française. Nesta exposição estão representados, entre outros, Jorge Barradas, Julio Pomar, Querubim Lapa, José Julio, António Santiago Areal, Alice Jorge, Milly Possoz, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid, João Hogan, Teresa de Sousa, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro, Manuel Ribeiro de Pavia, António Quadros, Ferreira da Silva e Jorge Vieira.

De ontem para hoje

CONTRABANDO

A ilegalidade no comércio de importação e exportação atinge todos os sectores. Em que medida afecta a nossa economia essa rede de contrabando que leva ás repartições, aos escritórios, á casa, por preços «sem competência» mercadoria que as lojas vendem pelo dobro do custo, uma vez que são grandes os seus encargos? A Guarda Fiscal, nas fronteiras de terra, mar e ar, cumpre, com certeza, o seu dever. Mas será tanta ou estará tanto em toda a parte que possa considerar-se eficiente a sua acção? Milhares de contos (admita-se) fogem anualmente pelas redes do fisco, ferindo os cofres do Estado e as caixas registadoras do comércio. E isto que se diz vem a propósito das notícias chegadas de Viana do Castelo, onde a Intendência dos Abastecimentos apreendeu quando iam para Espanha, 1.037 quilos de cafedos, no valor de 20.700 escudos. Quer dizer, a rede do comércio á margem das leis do País não se limita a trazer o que não paga imposto de recepção mas a levar para o estrangeiro aquilo que, pagando-o, á entrada, de cá é depois levado com fins de lucro pouco lícito. Há entre os homens um mínimo de sentimento a que é costume chamar consciência.

FEIXE DE IMAGENS

ANTÓNIO Pestana Fialho, o «Hortinha», como lhe chamavam, tinha 36 anos e ia-se casar. Amealhara dinheiro (era rural) e fora a Sobral de Adiça (Moura) visitar a noiva. Foi isto pelo Carnaval, quadra que chama á folia e á pinguita, pois, na verdade, o «Hortinha» dançou e tanto bebeu que se gabou do dinheiro amealhado. Foi isso o que o perdeu. Alguém ouviu, cobiçoso e, esperando-o, para o roubar, deu-lhe morte violenta, esfaqueando-o.

*** No Instituto de Medicina Legal, foi identificado o homem aqui há dias atropelado mortalmente no Estoril. Foi o dono da mercearia onde ia abastecer-se, Luís da Costa Beja, quem ali comparecendo, reconheceu na vítima José Pereira de Figueiredo (50 anos, cabouqueiro, natural de Lapa, Viseu, e residente em Polime, perto de Cascais).**

*** O drama negro da selva passou-se perto de Quixaxe (na Beira moçambicana). Um grupo de cipaios bem armados, acompanhados do chefe do posto, apareceu no momento em que um negro estava a ser devorado por um leão. Um tiro partiu, fazendo tombar a fera. Era um velho leão que tinha no seu activo a morte de outros dois indígenas, desaparecidos há dias.**

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Presidente da Republica inscreveram-se o dr. Ulisses Cruz Aguiar Cortês, contra-almirante Nuno de Brion, comodoros Luís Noronha Andrade e Paulo Viana, prof. dr. João Faria Lapa, comandante José Matoso, Helmuth Marques Minnemann e Manuel António Igreja Arez. * Com o Presidente do Conselho, trabalhou o ministro do Ultramar. * Uma automotora colheu mortalmente em Runa o servente da C. P. Manuel Joaquim Lima (24 anos, Barreiroa, Vieira do Minho). * Na estreita faixa de rodagem da histórica e formosa ponte romana de Chaves, foi mortalmente atropelado por um camião o pequenino Julio Alexandre (5 anos, filho do comerciante Artur Soares). * Em Sabugosa, morreu Maria Esperança de Vasconcelos (79 anos, viuva), que ao aquecer-se á lareira, foi alcançada pelas chamas.

! Mais perfeita Mais económica !

É assim a escrita **BIC**, que pela sua esfera de alta precisão, nível visível e a sua famosa tinta Imac, reune as maiores vantagens para escrever à mão, conhecidas até agora.

Experimente-a e dirá satisfeito
!QUE BEM SE ESCREVE COM A **BIC**!

BiC

LAFOREST, LDA.
AV. DA LIBERDADE, 140-2.º • LISBOA
TELEFONE 368452-21441

82

Pinhata no Bólide
Av. de Roma, 7-A — Telefone, 763522
DIA 14 — RESERVADO

O PERIGO DUMA ANGINA

Pastilhas de PENICILINA e EUFLAVINA

PARA AS DOENÇAS DA BOCA, GARGANTA E OUTRAS CONCOMITANTES
Anginas, Gengivites, Laringites, Piorreias, Gripes, etc.
À venda em todas as Farmácias

feiras da EUROPA
PRIMAVERA DE 1959

BRUXELAS
LEIPZIG
NUREMBERG
COLONIA
OFFENBACH
FRANCFORT
HANNOVER

VISITE AS FEIRAS DA EUROPA UTILIZANDO AS LINHAS DA

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM:

Rogério Paulo

Às 21.45 NO **AVENIDA**

A COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE APRESENTA EM PLENO TRIUNFO! O SEU GRANDE ESPECTÁCULO DE ALEGRIA

Um Marido em Rodagem

P.ª M/ DE 12 ANOS

ORIGINAL DE HENRIQUE SANTOS

AMANHÃ—Às 16 h. ✱ Espectáculo á TARDE!

LAURA NO VARIEDADES Às 21.45 h.

A RAINHA DA COMÉDIA REAPARECEU ONTEM **ALVES** EM TRIUNFALMENTE AO LADO DE:

ASSIS PACHECO

MARIA HELENA e ARTUR SEMEDO

À FRENTE DA SUA ÓPTIMA —COMPANHIA—

AMANHÃ — DOMINGO

Às 16 horas — 1.º GRANDE ESPECTÁCULO POPULAR À TARDE

A RAINHA DO FERRO-VELHO

ESP. P.ª M/ DE 17 ANOS

CAMPOS ELISEOS

Selecto ambiente familiar (Maiores de 15 anos)

MARCAM-SE MESAS

Estrada de Queluz (á saída de Lisboa) — CASELAS — Telef. 01 20 17 (Junto ao Posto de gasolina BP)

HOJE, GRANDIOSO BAILE DA PINHATA (Até de madrugada)

AVISAMOS os nossos Ex.mos Clientes, que para beneficiações, encerramos as nossas portas, durante «3 dias, a partir da próxima segunda-feira, dia 16.

ADULTOS — (Maiores 17 anos)
Empresa ANTÓNIO MARTINS

LIMPIA Clube Telef. 367581

GRANDE NOITE DA PINHATA

COM AS EXTRAORDINÁRIAS ATRACÇÕES:

AURELIA RIOS

PILAR MARTIN y JOSÉ LUIZ VEGA

Ballet LUIZA TORRES y EL ZINGARO

TRINDADE HOJE ás 21,45

DO NOVO ORIGINAL DE LUÍS FRANCISCO REBELO

PARA REAPARIÇÃO DE EUNICE MUÑOZ

Os pássaros de asas cortadas

Amanhã, ás 16 horas **1.ª MATINÉE**

PARA MAIORES DE 17 ANOS

FONTORIA P. da Alegria — Telef. 35431 — O DANCING DA MODA — Adultos maiores de 17 anos **HOJE**

estreia do famoso TRIO EMILYO

Sensacional atracção de alta categoria num formidável programa com

ROSITA LOPEZ — LINDA DEL VALE e outras «vedetas» e «estrelas»

Chicote

P. do Areeiro 3-A e 3-B-3-C — Telef. 720201

Com o mais PERFEITO SERVIÇO de

CONFEITARIA E SNACK-BAR

e o excelente fabrico próprio de

PASTELARIA

ANUNCIA A ABERTURA

DO SEU NOVO SALÃO BAR

COM JOGOS DE

BOWLINGS

A mais recente NOVIDADE

Com marcação Automática

BILHARES E SNOOKER

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

AMANHÃ, ÁS 16,15 HORAS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Direcção DR. IVO CRUZ

Solista LIDIA DE CARVALHO (violino)

Tento — Rodrigues Coelho tvo Cruz — (Séc. XVII)

Concerto para violino — Max Bruch

5.ª Sinfonia — Tschaikowsky

Para maiores de 6 anos

Praça de Touros de Algés

Amanhã, Domingo, ás 15 horas

IMPONENTE E ENGRAÇADISSIMA VACADA CÓMICA

Serão lidadas 6 BRAVISSIMAS VACAS 6 pela distinta amadora MARIA DE LOURDES e pela NOVA MAS JÁ CÉLEBRE TROUPE DE CHARLOTS DO MONTIJO com os cabeçudos das Festas de S. PEDRO e com os competentes ZÉS PEREIRAS e os seus ZABUMBAS a qual é dirigida pelo grande cómico Joaquim CARAMELO.

Tomam também parte os mais teimosos toureiros amadores da actualidade e ainda O GRUPO DE FORCADOS CORTADORES DE ALGÉS com as suas batas brancas.

Preços: PEÃO, 5$00; SOL, 7$50 e 10$00 e SOMBRA, a 17$50

Bilhetes á venda na Tabacaria da Rua 1.º de Dezembro 85, na Elite de Algés, na Casa das Meias do Estoril e nas Bilheteiras da Praça.

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe vendem se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

—O ilusionista português Max Lossafan apresenta-se pela primeira vez no Montijo, amanhã, à tarde, no cine-teatro local.

—O conjunto brasileiro de Carmélia Alves, que se encontra em Lourenço Marques, depois do espectáculo de despedida, segue daquela cidade para o Brasil.

—Está aprazada para quinta-feira da próxima semana a estreia, na Academia de Santo Amaro, da revista «Aqui é Portugal».

—Não foi autorizada a digressão que se projectava fazer pela província, com um circo estrangeiro.

—Para o elenco de uma companhia de revistas que se apresentará em Lisboa na temporada da Primavera, foram indicados os artistas brasileiros Renata Fronzi e César Ladeira.

«Com jeito, vai!»

no Sá da Bandeira, do Porto

PORTO, 14 — A revista «Com jeito, vai!» estreou-se agora no Sá da Bandeira, do Porto, onde um numeroso publico assinalou, com jubilo, a reaparição de Beatriz Costa. A revista, que tem as mesmas virtudes e os mesmos defeitos que lhe assinalámos quando da sua estreia em Lisboa, agradou plenamente. Ao lado de Beatriz Costa, trabalham Costinha, Emilio Correia, Berta Loren, Spina, Badaró, Glória May, Mara Abrantes e, ainda, como atracção, o conjunto folclórico «Galo de Ouro», que Lisboa igualmente conhece.

Primeiras exibições

«Noites do Scala de Berlim», no Monumental

Para quem pensava que Catarina Valente não era mais que uma razoável vedeta do disco, o filme ontem estreado no Monumental foi uma revelação. A jovem e já popular cançonetista alemã revela-se uma excelente vedeta de «music-hall», não se limitando a cantar, no seu tão apreciado jeito pessoal,

(Continua na 13.ª página)

RESTAURANTE ALVALADE

Telef. 779151

APRESENTA

AGUIDIEZ Y DON PANFILO

ventríloquo de categoria internacional

E

VICTOR DEBELLO SHOW

HOJE

BAILE DA PINHATA

ADULTOS M. 17 ANOS

O «FAIA»

RESTAURANTE TIPICO

Rua da Barroca, 48-56

Telefone 29387

Hoje: ADULTOS — M/17 ANOS

Baile da Pinhata

Adega Machado

TRADICIONAL BAILE DA PINHATA

COM UM GRANDE ELENCO

Reserve a sua mesa para este tradicional Baile da Pinhata, o qual será abrilhantado por um bom elenco:

Fados pelos consagrados artistas MARIA MARQUES, JOSÉ BORGES, NATÉRCIA DA CONCEIÇÃO e ANGELA NUNES.

Guitarradas por JAIME SANTOS, MIGUEL RAMOS, JOEL PINA e ARMANDO MACHADO. (Adultos maiores de 17 anos).

Miss Mundo 1958/59 encantou ontem com a sua rara beleza e simpatia a numerosa assistência daquela popular casa típica de Lisboa.

Márcia Condessa

PRAÇA DA ALEGRIA, 38 — Tel. 367093

Quer passar o BAILE DA PINHATA alegre e divertido, venha á Márcia Condessa

BAILE — FADOS — ALEGRIA — SURPRESAS

Reserve a sua mesa (Maiores 17 anos)

Aida Baptista

abc

TEL. 366745
EMP. TEATRAL ABC, LDA.
Às 20 e 30 e ás 22 e 45
O CARTAZ DA ALEGRIA

3.º MÊS

VINHO NOVO

PARA MAIORES DE 17 ANOS
A UNICA SALA DO PARQUE MAYER COM AQUECIMENTO
AMANHÃ, ESPECTACULO ÀS 16 HORAS

TEATRO MONUMENTAL

T. 55133

ESP. VASCO MORGADO, LDA.

VASCO MORGADO, apresenta
A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
Dirigida por ANTONIO PEDRO — 1.º Prémio da Crítica

HOJE e AMANHÃ
AS 21.45 H. — A TARDE, AS 16 H.
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A COMÉDIA DE *BEN JONSON*
VOLPONE
UM ÉXITO!
46 REPRESENTAÇÕES NO PORTO
(Adultos, maiores de 17 anos)

AMANHÃ ESTREIA
ÀS 21.45 H.
UM NOVO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO
REQUIEM
(REQUIEN FOR ANUN)
DRAMA DE *WILLIAM FAULKNER*
56 REPRESENTAÇÕES NO PORTO
(Adultos, maiores de 17 anos)

Teatro Nacional de Dona Maria II

Todas as noites ás 21 e 45

Aos sábados, ás 16 horas, tardes populares, a preços reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESUS

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTA AQUECIDO

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

2.ª FEIRA: SENSACIONAL NOITE DE GRANDE GALA!

PARA COMEMORAÇÃO DO

1.º ANIVERSARIO DO "PASAPOGA"

COM UM PROGRAMA DE FESTA QUE HONRA A DATA QUE SE CELEBRA!

À UMA HORA
BRILHANTE AUDIÇÃO ESPECIAL POR
SÉRGIO E SUA ORQUESTRA
com o cantor
ANTÓNIO ALVARINHO

ÀS DUAS HORAS
MOMENTO DE SAUDAÇÃO
COM OFERTA DE
UM PORTO E UMA SURPREZA
A TODAS AS PESSOAS QUE ESTIVEREM PRESENTES NA SALA

ÀS 3 HORAS
A TALENTOSA VEDETA DE BAILE
AMPARITO VALCANERA
em colaboração com os
HERMANOS ANTUNEZ

Pasapoga

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

MARISA y SANDRO — NUMA NOVA CRIAÇÃO
ESPERANZA ROY — NUM NOVO BAILADO
AMPARITO VELEZ — E OUTRAS ATRACÇÕES

A SURPREENDENTE ATRACÇÃO GREGA:
O ESCULTURAL «BALLET»
ALECOS ALVAREZ

A grande revelação do Teatro «ABC»
ANTONIA MONTEZ
por gentil deferência do EMPRESÁRIO SR. JOSÉ MIGUEL

ATENÇÃO — AMANHÃ: REVELAÇÃO DE OUTRAS SURPREZAS

BUGIO

Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ às 15 horas

GRANDIOSA FESTA DA PINHATA

COM A REPETIÇÃO DOS SENSACIONAIS ESPECTACULOS DE CARNAVAL, QUE SE REALIZARAM COM LOTAÇÕES ESGOTADAS

7 bravíssimas reses — O juvenil cavaleiro amador QUIM-ZÉ — Rapsódia Taurina Portuguesa, com D. José Jr., Totó, Charlot e seu Botones — o Gorila Toureiro — A Banda Taurina «Os Autênticos» — Anselmo e a sua gaita de foles — Tudo dança, minha gente, o «Hula-Hoop» e a vaca também, que não é nenhuma cartola — Toureiros das Escolas Luciano Moreira, Alfredo dos Santos e Arena — Forcados de Vila Franca de Xira, chefiados pelo jovem e valente José Carradinha

GRAÇA! ARTE! EMOÇÃO!

Maiores de 6 anos

BILHETES À VENDA NOS RESTAURADORES, 7, DESDE 7$50!

A. Magina

LUSO

J. Vianinha

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
ADULTOS — Maiores de 17 anos
HOJE, ATÉ DE MADRUGADA

O LUSO APRESENTA O SEU GRANDIOSO BAILE DA PINHATA, abrilhantado pela categorizada «ORQUESTRA LUSO»: FADOS por: Alice Magina — Joaquim Geraldes — Aurora Sobral — Manuel Hilário — Maria Vicente e o ás da Boa Disposição, João Viana «Vianinha». Acompanhamentos por A. Couto e Amadeu Rami. ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE. Amanhã — Grandiosa «Matinée»

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.15 (M/12 anos)
VIVA O PALHAÇO
com Danny Kaye e Pier Angeli
SÓ À NOITE
No palco: IVON CURI
Em virtude do acentuado êxito, continuará durante algumas noites mais, acompanhado por JOSÉ SCARAMBONE (ao piano) e o CONJUNTO HELDER MARTINS.

EDEN — TEL. 26768 — Emp. Lopo Lauer
15.30 - 18.30 e 21.30
Sophia Loren, William Holden e Trevor Howard em
A CHAVE
Cinemascope de Carol Reed
Parecia uma história banal, mas ocultava um grande drama de amor.
(Adultos — 17 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
5.ª SEMANA
O emocionante filme de Hitchcok
A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES
com James Stewart e Kim Novak

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um novo êxito de Lola Flores
MARICRUZ
Eastmancolor — Panoramico

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
SATÉLITE NO CÉU
Vida da minha vida

LIZ — TEL. 48560
21 h. (M/12 anos)
AS SETE COLINAS DE ROMA
Fugitivo do amor

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
O IRRESISTÍVEL FORASTEIRO
O belo Brummell

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
O célebre filme de FERNANDEL
AS VINHAS DO SENHOR
SÓ À NOITE
NO PALCO: MUSIC-HALL com Luce e Daniel Remi e a orquestra CASINO DE MADRID.
Amanhã ás 11 h. — Ses. clás. «História Parisiense» — (M/17 anos).

POLITEAMA — TEL. 26303
15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª semana do êxito de constante gargalhada, com
PEDRO INFANTE na famosa farsa
DAQUI FALA O MORTO
com Rosita Arenas e Raul Ramirez
Eastmancolor — (Adultos—M. 17 anos)

AVENIDA — Telefone 763080
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
A engraçadíssima comédia musical
VIVA O PALHAÇO
com Danny Kaye e Pier Angeli

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
UM CERTO SORRISO
com Rossano Brazzi

CAPITOLIO — TEL. 27493 — T. 27493
A's 21 (M/17 anos)
Technirama
ESTA TERRA AMARGA
c/ Silvana Mangano
Perversa sedução
com Arlene Dahl
Preços populares

ROYAL — TEL. 845037
A's 21 (M/12 anos)
A JUVENTUDE DE UMA RAINHA
No progr.:
Ansia de liberdade

CASINO ESTORIL
Às 21 (M/17 anos)
O JULGAMENTO DO CAPITÃO DREYFUS
com José Ferrer

IMPERIO — Tel. 451...
15.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O campeão dos filmes do Carnaval!
FÉRIAS EM PARIS
com BOB HOPE e FERNANDEL
Exito rotundo de loucura e de gargalhada.
A's 18.30, Festival do C. R. P. com a vedeta internacional LUIS MARIANO e um grande conjunto de artistas. Dir. e real. de Marques Vidal. — (M/12 anos).

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O estrondoso êxito do Carnaval NORMAN WISDOM em
NORMAN NA TROPA
A's 21.30, continuação dos FESTIVAIS DO RISO — desenhos animados e Norman na Tropa.

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Dois galãs incorrigíveis nas mais loucas aventuras
POBRES MAS BELAS
com Marisa Allosio e Renato Salvatore

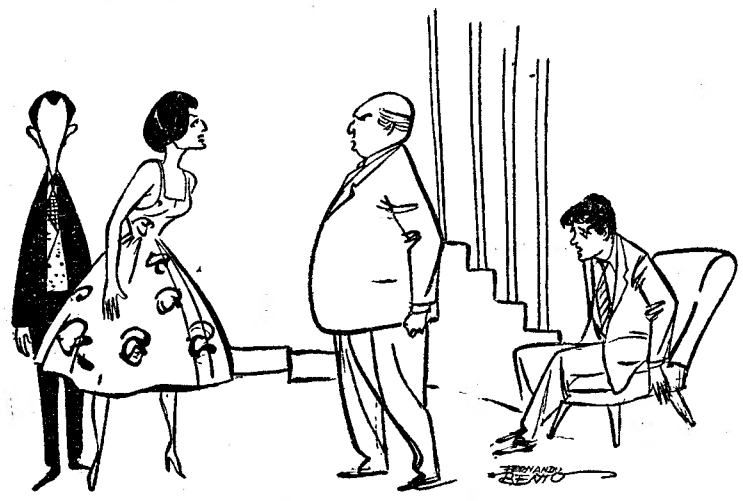
MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
O maior espectáculo até hoje produzido no género, pelo cinema alemão
NOITES DO SCALA DE BERLIM
com Caterina Valente, Silvio Francesco e Gerhard Riedman

AVIS — Telefone 47162
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
As aventuras hilariantes de um moderno Casanova
VENEZA, A LUA E TU
com Alberto Sordi e Marisa Allosio

Teatros e Cinemas

«Os pássaros de asas cortadas», no Trindade

Não serão novas, mas são e serão ainda actuais as figuras e as situações de «Os pássaros de asas cortadas» — a peça de Luís Francisco Rebelo ontem estreada com grande êxito no Trindade — entanto que a geração da «angustia» e do «vazio» nela reflectida se não der conta (e isso levará algum tempo) de que «passou» efectivamente o momento augico da inutil liberdade da agónica disponibilidade, e de que a ultima vasa, a cartada que agora se está jogando na mesa do nosso tempo, é já de esperança, mesmo que seja de esperança zangada. Mas isso é outra história. E em nada diminui o talento receptivo e ordenador de Luís Francisco Rebelo que, na esteira de Sartre, de Camus, de Anouilh, de Salacrou e de outros dramaturgos nossos coevos, ou simplesmente (porque não?) auscultando, a seu lado, um certo sector da mocidade de hoje, extraviada, inquieta, traumatizada pela guerra ou pelos seus ecos e, sobretudo, sôfrega de autenticidade (a negativa de Elsa é precisamente o grito dessa sofreguidão), soube dizer, com uma excelente linguagem dramática, ainda que progressivamente retórica (um terceiro acto seria de temer) o conflito das gerações, o desentendimento de pais e filhos, a confusão dos que, sem fés herdadas ou aprendidas, buscam em vão uma razão de viver, ou, mais longe ainda, um sentido da vida, que se lhes nega.



Quatro figuras de «Pássaros de asas cortadas», vistas por Fernando Bento

Em meio dessa gente, que o primeiro acto, clássico delineamento de carácteres, nos apresenta — a mãe frívola, o pai «importante» e bem-pensante, do lado dos poderosos e atolado em compromissos até ao sabugo das unhas; o rapaz desnorteado que joga, bebe e guia desenfreadamente o seu carro de corridas, e a sua corte de «teddy-boys», onde destoa, mas não muito, o marido frustrado que encontrou a sua côdea de sonho e de amor, que a saboreia, no entanto, sem perder o pé — em meio dessa sociedade heteróclita e dividida, suspensa do momento soberano, do fugitivo prazer, da distracção para matar o tempo, quem surge, como elemento perturbador? Elsa, incarnação da pureza bravia, consciência desperta e despertadora: a filha ilhada dos pais e do irmão, a sensitiva que comunga os ouvidos com a musica, a jovem que se deu por amor e serve de doce brinquedo ao homem casado, diferente dos outros mas só até certo ponto.

Entretanto, só no fim do primeiro acto alguma coisa acontece: quando dois carros vertiginosos seguiam a caminho de uma noitada no Estoril, Rodrigo, o irmão-parasita, atropela uma mulher, mata-a e, num repente de pavor, foge ás suas responsabilidades. Eduardo, o gentil e enamorado arquitecto que, a ocultas da mulher, guiava o segundo bólide, com Elsa a seu lado, escapa-se por seu turno, contra a vontade dela, para evitar outras complicações.

Depois, vem o segundo acto, o das grandes palavras decisivas e crueis, que opõe Elsa, isolada no seu campo, que é o da verdade absoluta, ardentemente desejada (o ajuste de contas) e todos os outros, dobrados ao medo e ao bom senso. O crime ficará impune e Elsa ficará mais só.

Mas a peça não terminou. Um epílogo, cujo cenário nos transporta ao local onde o marido da vítima, um operário desempregado, doente e abandonado, se condói da sua própria situação mais que da morte da sua companheira, vai pôr frente a frente Elsa, cada vez mais possuída por uma espécie de furor da justiça e da expiação, e esse pobre homem, condicionado pelas mais urgentes reclamações materiais. Ela não entende a dor humilde, sem orgulho, desse desgraçado, não lhe presta a sua solidariedade humana; passa por ele, preocupada ainda consigo quase sem o ver, sem o entender; mas dessa prova derradeira e ainda decepcionante, colhe ao menos uma decisão: a de romper com o mundo da mentira. E assim o pássaro das asas cortadas não encontra outro recurso senão a fuga, mas uma fuga limpa, para outras paragens, onde quiçá possa ainda voar.

Trata-se indiscutívelmente de uma peça engenhosa, equilibrada, coerente — e teatral. Haverá quem possa lembrar-se de «A morte de um ciclista» ou de outras obras recentes da literatura ou do cinema. Os temas não são propriedade de ninguém: andam no ar. De acordo com processos já anteriormente por ele experimentados, Luís Francisco Rebelo construiu um primeiro acto fotográfico, em que as figuras se nos apresentam através de uma viscosa banalidade, voluntáriamente sublinhada com cópia de lugares-comuns, para nos aparecerem no segundo acto, convulsionadas pela grande chicotada de um lance dramático, a falarem a linguagem de um desespero que ás vezes ronda as fronteiras do lirismo.

Quem sustém o diálogo a essa altura e aguenta todo o patético das situações, com o fogo interior das intuições geniais é — diga-se sem temor de exagero — Eunice Muñoz, uma Eunice Muñhoz sempre vibrante, filha ideal da tragédia, pura como as lágrimas, pura como as laminas cortantes, na figura de Elsa, ávida de absoluto. Só uma restrição (mas respeitará ela á actriz ou á encenação?): o grito final, o *não* essencial com que a peça desfecha e que a nossa aversão ao melodramático desejaria mais continente. A seu lado, Canto e Castro compõe, com um talento cada vez mais seguro, com uma inteligência fina e comedida, a figura de Rodrigo, emprestando-lhe uma riqueza de «nuances» verdadeiramente assinalável. Rui de Carvalho acompanha, sem desfalecimentos, este duo admirável, no papel do homem apaixonado, mas dividido; como Costa Ferreira, numa notável criação, vive a personagem balofa do pai pomposo, incompreensivo, mas cheio de escudos, de respeitos mundanos e de conselhos convencionais. Os demais intérpretes, com uma menção especial para Fernando Gusmão (muito certo no papel difícil de mísero viuvo, doloroso sem afectação), cumprem todos eles, de um modo geral, o que deles havia a esperar: Fernanda de Sousa, Lígia Teles, Lili Neves, Armando Cortês, Fernando Muralha e Joaquim Rosa.

O primeiro cenário, de uma amplidão e bom gosto pouco vulgares, como o segundo, original e bem iluminado, honram o nome de Mattos e Silva. E assim, na direcção e encenação do Teatro Nacional Popular, Francisco Ribeiro deu mais um passo, em plena luz, na relatividade das coisas portuguesas, para o que promete ser uma temporada de verdadeiro teatro.

U. T. R.

FERNANDEL
RI

FERNANDEL
CHORA

FERNANDEL
EMBRIAGA-SE

e nós **RIMOS**, choramos a rir, embriagamo-nos
COM AS PERIPÉCIAS E A QUALIDADE ALTAMENTE «PICANTE» DE

AS VINHAS DO SENHOR

A SUA MAIS RECENTE E SENSACIONAL CRIAÇÃO AO LADO DE
PIERRE DUX
SIMONE VALERE
EVELYNE DANDRY
REALIZAÇÃO DE
JEAN BOYER

2.ª!

SEMANA no TIVOLI

(ADULTOS — Maiores de 17 anos)

1.º Festival Mundial de Circo no Coliseu

Foi uma verdadeira noite de seda e oiro que passou depressa apesar do desfile de maravilhas ter sido longo na sua fascinante, senão magnética cadeia de entusiasmo. Trata-se de um espectáculo na escala grandiosa do anfiteatro do Coliseu e da própria personalidade de Covões (Américo), cujo êxito de ontem o deve animar a cometimentos desta excepcional envergadura, embora — advinhamos — excedam vultosamente, os encargos normais.

Pela primeira vez se realizou em Lisboa um Festival Mundial de Circo, onde se congregaram os melhores elementos internacionais — pirotecnia de efeitos deslumbrantes, que se pode considerar um triunfal fim de festa da temporada circense.

Apesar de tudo ainda há coisas novas no Céu e na Terra. Foi o que, ontem, se demonstrou no Coliseu, sob a cupula luminosa a escorrer ouro de miriades de lampadas multicores e entre bandeiras consteladas de dezenas de países, entre as quais a nossa, que trapejaram no começo do espectáculo. Vibrou intensamente o publico que várias vezes se levantou empolgado pela sua vibração aplaudindo numerosas atracções. De resto nenhuma falhou o alvo. De facto, este desfilar de artistas, cada um dos melhores do seu país, ases dos Estados Unidos, celebridades da Inglaterra, e fenómenos da Espanha, França, Itália, Alemanha, Suécia, Finlandia, México, e outros ainda, constituem um dos mais notáveis programas — senão o mais notável — apresentado no decurso da história do Coliseu.

Sente-se que não há, não pode haver melhor! E' um mundo novo esta rutilante exibição de atracções em que o assombro desfecha sempre imprevistos.

Abriu o espectáculo com a apresentação dos «Cavaleiros do Imperador», estampa romantica, de bicorne, casaca vermelha e calças brancas, com magistral mão de rédea. Os cavalos são autenticamente musicais, de uma precisão e de um paralelismo de movimentos impecáveis. «Miss»j Martha, com as suas pombas brancas — ela própria um desses volateis da mesma cor — conseguiu realizar trabalhos tão originais, como graciosos, a que um cão, singularmente amestrado prestou excelente colaboração.

Seguiram-se os «jongleurs» do Circo Ringling (U. S. A.) Mariealex, que galvanizaram a assistência. São vertiginosos. Como que estabelecem um fulgurante duelo de objectos, realizando equilibrios imprevisiveis. O jogo de pratos vermelhos no espaço, em orbitas meteóricas, é indescritível.

Fattini, no alto de uma vara de aço, que mede vinte e cinco metros, deu-nos um numero estupendo. De casaca azul, sempre alegre, fumando um charuto, no cimo desse farol, que se inclina em amplitudes cada vez mais largas, trouxe ao Coliseu uma imagem desconhecida nos anais da pista.

Atilina é uma rainha alada. A melhor aramista do Mundo? Sem duvida! Dá-nos uma lição tão profusa de dança, de tal maneira, que o fio parece desaparecer-lhe debaixo dos pés.

Os três Rivels «clowns» italianos, prodigalizaram-se em «gags». Encheram a sala de gargalhadas. Possuem invenção e estilo.

A primeira parte fechou com os voadores Flyng Palacios, mexicanos. Soberbos de juventude, sorrindo á morte, com todas as luzes da sala acesas, em aspecto apoteótico, realizaram as mais temerárias proezas, passe a imagem abracadabrante: uma tourada aérea, com efeitos que ainda não se haviam visto no género. Superiores a todos os outros, mesmo aos célebres Codonas. Lala Palacios é um novo Icaro, sem que o sol lhe derreta as asas. Todos, revoluteiam, espiralam-dobram e redobram-se, em sucessivos saltos mortais, duplos, por vezes, intervalados, numa fracção mínima de segundo por uma pirueta, de trapézio a trapézio, como se voassem ou nadassem no ar, eufóricamente. Singular maravilha!

Um emocionante salto mortal

O domador sueco Houcke fez uma extraordinária apresentação de tigres. Surge nu, descalço, sem uma cicatriz, no corpo atlético, na jaula das feras. Domina-as por completo, sem gritos, nem que elas rujam. A certa altura entrega a um dos tigres o chicote, e, por mais de uma vez, deixa que lhe passem as patas pelo dorso nu. Vê-se que convive, sem medo, com as feras como se o fosse também, embora de espécie humana.

A banda cómica «Del Empastre», vem com coisas novas. Foi lírica, faceta, musical e luminosa. O sol da Andaluzia brilha nos seus instrumentos. Não a queriam deixar sair da pista.

Raspini é, de facto, um incrivel malabarista. Autêntico criador, com um sexto sentido misterioso de equilibrio. O que faz na ponta de um facalhão sobre a qual justapõe, girando, várias esferas de cristal, tem algo de milagre.

A foca Rastelli, apresentada por «miss» Dorothy, é um produto acabado de requintada civilização. Só lhe falta falar!

Os irmãos Campos, como sempre, inultrapassáveis. Só por si constituem um abundantissimo espectáculo. As duas anedotas que contaram no princípio da sua exibição, rebentaram cataratas de hilaridade. Hão-de dar a volta ao Globo, tão elevado nível artístico alcançaram.

Muito bons os «jockeys» acrobatas Hansals, rolantes e funambulantes de diabólico movimento, sempre com uma elegancia que só pede mecas ao seu arrojo.

Há que ver — assim o aconselhamos a todos — este espectáculo «hors-serie». Um festival de circo? Mais do que isso: uma apoteose! Nunca vimos tão bom no Coliseu. — *J.*

A estreia no Porto

do filme «A costureirinha da Sé»

PORTO, 14 — Num ambiente de intensa curiosidade e expectativa, estreou-se no Porto, nos cinemas Trindade e Batalha, o novo filme nacional «A costureirinha da Sé», que é a cinematização da opereta do mesmo nome, da autoria de Arnaldo Leite e Campos Monteiro. No grupo de artistas que interpretam o filme salientam-se Maria de Fátima Bravo, Alina Vaz, Jacinto Ramos, Baptista Fernandes, Carlos José Teixeira, José Silva, Costinha, Luísa Durão, Maria Olguim, Alma Flora, Emílio Correia e Alvaro Pereira.

A nova produção nacional foi bem recebida pelos numerosos espectadores que assitiram á sua primeira exibição.

Recintos de diversões

No «dancing» Fontória, da Praça da Alegria, estreia-se hoje a atracção de grande categoria internacional Trio Emilyo.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O Benfica em Braga

desperta as atenções gerais

A 21.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, 8.ª da 2.ª volta, tem com a presença do Benfica, em Braga, o seu mais importante acontecimento. O F. C. Porto e ainda o Belenenses aguardam ansiosamente um deslize do «guia» e esta expectativa explica o invulgar interesse que a viagem dos «encarnados» está a despertar.

O calendário agrupa para amanhã os seguintes jogos:

Sporting de Braga-Benfica
Barreirense-Belenenses
F. C. Porto-Spt. da Covilhã
Torriense-C. U. F.
Sporting-Vit. de Guimarães
Vit. de Setubal-Académica
Lusitano-Caldas

Dos três primeiros classificados, o mais tranquilo é o F. C. Porto, que recebe a visita dos Covilhanenses. A vitória dos Nortenhos admite-se sem qualquer rebuço.

O Belenenses vai ao Barreiro, ciente de que o embate será dificílimo. As dimensões do campo e a natureza do piso contrariam a toada normal dos «azuis». Depende do oportunismo dos seus avançados a sorte da luta. Um empate é susceptível de encaixar-se nas conjecturas gerais.

O Benfica vai a Braga e isso equivale a dizer que arrasta uma numerosa falange de apoio, plena de entusiasmo e esperançada na conquista de dois pontos.

A tarefa dos «encarnados» não é, porém, fácil. Os Bracarenses, no seu ambiente, duplicam o seu valor, mas a certeza de que adoptarão uma toada de jogo aberto dev permitir aos Lisboetas uma perspectiva de réplica identica. Isto é, na lógica suposição de que os locais não se remeterão a uma exaustiva tarefa defensiva o Benfica terá certas vantagens, em consequência de dispor em de avançados rematadores os quais são capacíssimos de resolver as situações mais delicadas.

Afigura-se que a «força» do Benfica influirá na decisão.

Nos restantes encontros, destaca-se a presença da turma vimaranense, na capital, frente ao Sporting, e a deslocação da Académica a Setubal. Enquanto os «leões» parecem mais indicados para obter o triunfo, que será a repetição do que se verificou na primeira volta, os estudantes encontram-se em situação diferente, dado que os Sadinos, no seu ambiente, não costumam ceder fácilmente. Assim, inclinamo-nos por uma vitória do Sporting e admitimos a possibilidade da Académica empatar.

O Torriense e o Lusitano figuram como visitados e, naturalmente, não devem desprezar essa privilegiada situação nesta arrancada final. Acreditando-se, porém, que tanto os Cufistas como os Caldenses reunem condições para contrariar os designios dos Torresãos e Eborenses, respectivamente. O favoritismo pertence, no entanto, aos locais.

Equipas prováveis

SPORTING DE BRAGA — Nogueira; José Maria Azevedo e Narciso; Trenque, Calheiros e Pinto Vieira; Rafael ou Mendonça, Carlos, Teixeira, «Ferreirinha» e José Maria Matos.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Aguas, Salvador e Cavém.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Abrantes; «Lança», Pinto e Arturo; Freire ou Madeira, Correia, José Augusto, «Faia» e Moyano.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, «Yauca», Mendes, «Matateu» e «Tito».

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Gastão e Perdigão.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lourenço, Franco e Lorenzi; Pires, Coureles, Suárez, Gabriel e Oscar Silva.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Bispo, Martins, Travaços e «Quim».

VITORIA S. C. — Sebastião; Virgílio e Abel; Barros, Silveira e José da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e «Rola».

TORRIENSE — Montero; António Costa e Mergulho; Helder, Forneri e António Manuel; Isidro, Mário, Azevedo, José da Costa e Bezerra.

G. D DA C. U. F. — Gama; Abalroado e Durand; Carlos Alberto, Palma e Vale; Cravinho ou Rodrigues, Oliveira, Arsénio, Bispo e Uria.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; Fialho, Vicente, Caraça, Flora e José Pedro

CALDAS S. C. — Rita; Anacleto e Rogério; António Pedro, Saraiva e Orlando; Garnacho, Romeu, «Janita», Mateus Lenine.

VITORIA F. C. — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio Miguel, Mendonça, Fernandes e Virgílio.

ACADEMICA — Gomes da Silva; Araujo e «Juca»; Abreu, Marta e Torres; Chipenda, Humberto, Rocha, André e Samuel.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os jogos da 24.ª jornada

podem esclarecer algumas dúvidas

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 24.ª jornada, que é a antepenultima da fase inicial. Arrumado já o problema da Zona Sul, o maior interesse incide na luta travada na Zona Norte com vista ao vencedor e nas duas Zonas para o apuramento do 3.º classificado.

O programa de amanhã na Zona Norte apresenta-se assim:

Tirsense (21)-Chaves (23) ...	(0-3)
Peniche (24)-Oliveirense (23)	(1-1)
Marinhen. (23)-Boavista (34)	(0-1)
Portaleg. (5)-G. Vicente (20)	(0-2)
Salgueiros (24)-Vianense (19)	(2-1)
Sanjoane. (20)-Espinho (26)	(1-1)
Vila Real (23)-Leixões (37)	(1-1)

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada equipa e os resultados dos jogos da 1.ª volta.

O Leixões (guia) e o Boavista (subguia) têm deslocações difíceis, de tal modo que não se pode conceder-lhe favoritismo. Quando nos seus campos, contra os adversários de amanhã, os Matosinhenses não foram além de um empate e os «axadrezados» tiveram de contentar-se com uma vitória tangencial. Isto é significativo. Se o Leixões ganhar e o Boavista perder, o primeiro ficará virtualmente apurado vencedor da Zona. Ao contrário, os dois grupos ficam distanciados um ponto e então...

Dos três mais sérios pretendentes ao 3.º lugar o Espinho (actual 3.º) vai jogar fora e o Salgueiros e o Peniche jogam em casa e são favoritos. Os Espinhenses têm, pois, tarefa mais difícil.

Os jogos de Santo Tirso e de Portalegre apresentam-se equilibrados e de difícil vaticinio.

*

Na Zona Sul o programa apresenta-se assim:

Sacavenen. (12)-Arroios (18)	(1-1)
Estoril (23)-Serpa (17)	(1-3)
Portimon. (27)-Atlético (40)	(0-9)
Desp. Beja (14)-Oriental (23)	(2-4)
Almada (25)-Farense (28) ...	(1-4)
Montijo (26)-Coruchense (14)	(2-2)
Olhanense (31)-Juvent. (22)	(5-1)

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada equipa e os resultados dos desafios da 1.ª volta.

Todas as atenções se concentram nos desafios de Almada e Portimão, que podem ser decisivos com vista ao apuramento do terceiro classificado. O certo é que o Farense (em Almada) e o Portimonense (no seu campo) têm desafios muito difíceis e ambos necessitam ao máximo de triunfar, que o mesmo é dizer de desforrarem-se. Admitimos um empate em Almada e vitória do Atlético em Portimão.

O Sacavenense não deixará de se empenhar a fundo para se fixar em 12.º, tanto mais que o Desportivo de Beja e o Coruchense não merecem favoritismo.

O Estoril e o Olhanense têm os vaticinios pelo seu lado.

JUNIORES DA A. F. L.

Benfica e Belenenses

disputam amanhã em Alvalade a final do 23.º Campeonato de Lisboa

Os juniores do Benfica e do Belenenses disputam amanhã ás 10.30 h., no Estádio «José Alvalade», mais uma final do campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão.

Vincando a sua superioridade de modo iniludível, desde Setembro do ano findo, as equipas dos jovens jogadores dos «encarnados» e «azuis» voltam a estar presentes na final, deixando prever uma luta plena de interesse e emoção.

O embate tem aspectos de novidade, pois os dois grupos nunca se defrontaram ao longo da prova. Desta maneira, o vaticínio apresenta-se difícil de formular, podendo-se, apenas, prever-se que as duas formações se dêem á luta com o maior entusiasmo, o que valorizará o despique, que suprindo, possívelmente, a carência de um elevado nível técnico, que a importancia do encontro e a responsabilidade da partida não deixarão vir ao de cima.

Os benfiquistas defendem a posse do título; os belenenses procuram conquistá-lo. São dois objectivos que os pupilos de Valdivielso e Quaresma não deixarão de ter presente nem por um só instante, levando-os a empenharem-se com o maior ardor.

Por isso o Estádio de Alvalade não deixará de registar uma grande enchente — o que não foge á tradição das finais dos campeonatos de juniores. O jogo está marcado para as 10,30 h.

*

À mesma hora da final do campeonato de juniores da 1.ª Divisão da A. F. L., duas equipas «discutem» entre si qual representará Lisboa no próximo campeonato nacional de juniores.

Olivais e Torriense, terceiros classificados de cada uma das séries da 2.ª fase do campeonato têm esse problema a resolver e para tanto vão defrontar-se no campo do Vitória (á Picheleira), também ás 10.30 h.

Três jogadores do Sporting castigados

Os dirigentes do Sporting, tendo tomado conhecimento do relatório sobre o encontro disputado no passado dia 10, em Setubal, contra a reserva do Barreirense, resolveram punir três jogadores.

Assim, a Pérides e Palege foram aplicadas as multas de 500$00, a cada um, e a Ivson 750$00, por desinteresse verificado no referido desafio.

O internacional Manuel Vasques foi repreendido.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Continuam as várias competições que a M. P. tem em curso, estando previstos os seguintes encontros:

FUTEBOL (Iniciados) — Casa Pia (Secção Maria Pia) c. Escola Afonso Domingues e Casa Pia (Secção Pina Manique) c. «Charles Lepierre», no Estádio Nacional (relvado), ás 10 e 11.15 horas, respectivamente.

TENIS DE MESA — Campeonato de vanguardistas B. nas mesas da Escola Nuno Gonçalves, ás 9 e 11 horas

VOLEIBOL — Campeonato de infantis e vanguardistas A, no Ginásio da Escola Nuno Gonçalves, a partir das 9,30 horas.

ATLETISMO

O C. D. U. L. promove, no Estádio Universitário, ás 10 h., um torneio de atletismo para rapazes dos 13 aos 20 anos, que nunca tenham praticado atletismo oficialmente. O certame denomina-se «Revelação» e incluirá provas de 80, 250 e 700 metros, salto em comprimento e lançamento de peso (5 kgs.).

AUTOMOBILISMO

O «Arte e Sport» organiza uma confraternização automobilística, para comemorar o êxito das provas do «Critério do Condutor Completo». Às 9 e 30, em recinto anexo á Adega Regional de Colares realizar-se-á uma prova de perícia, seguindo-se um almoço e distribuição de prémios naquela Adega.

BASQUETEBOL

Prossegue a primeira fase da prova da Zona Sul-A do campeonato nacional da 2.ª Divisão, estando marcados os seguintes encontros:

SERIE A: Boa Hora-Atlético, no Boa Hora, ás 9 horas.

SERIE B: C. U. F.-Santa Catarina, em Santa Bárbara, ás 10.30

SERIE C: Técnico-Maria Pia, no Técnico, ás 9 e Almada-Algés, em Almada, ás 10.30.

SERIE D: Arroios-Lisgás nos Barbadinhos, ás 9 horas e Paço de Arcos-Seixal, em Paço de Arcos, ás 10.30.

SERIE E: Mundet-C. D. U. L., no Seixal, ás 11 horas.

SERIE F: Vitória Setubal-Rio Seco, em Setubal, ás 11 horas.

SERIE G: Moscavide-Educação Física, em Moscavide, ás 11 horas.

A. A. B. L. dá começo á 2.ª volta dos seus campeonatos de juniores e infantis com o seguinte programa:

SERIE A: Educação Física-Belenenses em Torres Vedras, ás 10 e 11 horas; Benfica-Cruzquebradense, no Campo Grande, ás 9 e 10; e Sporting A-Oriental no Passadiço, ás 10 e 11 (juniores ás 10). SERIE B: L. Ginásio-P. Arcos, em S. Gens, ás 9 e 10; Campo de Ourique-Algés, em C. de Ourique, ás 10 e 11; Liberdade-Sporting B (juniores), no Liberdade, ás 11. SERIE C — Ateneu-Campolide (juniores) e Ateneu-Sporting C (infantis), no Ateneu, ás 10 e 11; Ateneu-Nacional, na Tapadinha, ás 10 e 11; Carnide-Queluz, em Carnide, ás 10 e 11. SERIE D (só juniores): Maria Pia-Tabacos, em S. Gens, ás 11; Algés B-C. D. U. L., em Algés, ás 10; e Benfica B-Casa Pia, no Campo Grande, ás 11.

CICLISMO

A Associação de Ciclismo do Sul inaugura a sua temporada de estrada:

Independentes e seniores, parti-

(Continua na 10.ª página)

No Sporting

Uma reunião

de corpos gerentes

Terminou esta madrugada uma importante reunião em que participaram os corpos gerentes do Sporting e que foi convocada pela direcção com o objectivo de ser divulgada a actual situação interna do clube, principalmente no que se refere ao problema económico-financeiro.

Usaram da palavra os srs. dr. Brás Medeiros, major José Carvalhosa e dr. Ventura Mateus, respectivamente presidente e vice-presidente da direcção, que apresentaram circunstanciadas exposições sobre actividades desportiva e administrativa. Esta ultima merece uma cuidada atenção, tendo sido preconizadas várias medidas tendentes a solucionar o passivo do clube que é bastante importante, á roda de 20 mil contos, incluidos os encargos assumidos com a construção do estádio.

O conselho geral e a assembleia geral do Sporting tomarão, na devida oportunidade, pormenorizado conhecimento de todos os problemas.

O «Sempre Fixe» é vendido em AGUADA DE CIMA pelo sr. Darlindo S. Figueiredo.

O «Nacional» da 3.ª Divisão

Os 31 desafios

da 5.ª jornada

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão prossegue amanhã com os seguintes desafios correspondentes á 5.ª jornada:

ZONA A — 1.ª SÉRIE — Monção-Limianos, Fafe-Régua; Bragança-Paredes e Murça-Mirandela. 2.ª SÉRIE — Penafiel-Agueda; Feirense-Beira Mar; Ovarense-Leça e Avintes-Académico.

ZONA B — 3.ª SÉRIE — Vildemoinhos-Cebolense; Castelo Branco-Guarda; Mortágua-A. de Viseu e Cernache-Mangualde. 4.ª SÉRIE — Marialvas-Marrazes; União de Coimbra-Naval; Alcobaça-Mirense e Lousanense-Recreio.

ZONA C — 5.ª SÉRIE — Vitória-Leões; Operária-Torres Novas; Vilafranquense-Tramagal e Ferroviários-Alhandra. 6.ª SÉRIE — Sesimbra-Cova da Piedade; Casa Pia-Amora; Olivais-Luso e Seixal. Futebol Benfica.

ZONA D — 7.ª SÉRIE — Montemor-Estrela Portalegre; S. L. Evora — Estrela de Evora e Elvas-Campomaiorense. 8.ª SÉRIE — Sambrazense-Despertar; S. Domingos-Louletano; Aljustrelense-Silves e Moura-Lusitano.

ATLETISMO

Cinco «records» mundiais em recinto fechado

FILADÉLFIA, 14. — Don Bragg saltou á vara 4m,81 (em recinto fechado) batendo assim a melhor marca mundial da especialidade que pertencia há 16 anos a Cornelius Warmerdam, actualmente treinador no Colégio de Fresno (Califórnia).

Na mesma reunião, John Thomas bateu o «record» mundial do salto em altura ao passar 2m,133; Bill Dellinger cobriu 2 milhas em 4 m. 49 s. e 9/10, Mel Barnwell correu as 300 jardas em 30 s. e o Russo O. Fedosev obteve 15 m. e 20 no triplo salto. Ao todo, cinco «records» em recinto fechado.—(F. P.).

O temoo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: No continente português o vento era fraco a moderado de Nordeste e o céu estava geralmente limpo por acção de uma massa de ar continental transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Europa Central.

Temperaturas ás 9 horas: Porto e Penhas Douradas, 6°; Lisboa, 10°; Coimbra e Faro, 11°; Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ: Bom tempo com céu geralmente limpo. Vento fraco a moderado de Nordeste. Pequena subida de temperatura, com acentuado arrefecimento nocturno.

Continua por esclarecer

o mistério da morte do casal inglês aguardando-se o resultado do exame toxicológico às vísceras

O mistério da morte do casal inglês não se esclareceu ainda, nem se esclarecerá, por certo, enquanto não for conhecido o resultado do exame toxicológico ás vísceras. As investigações prosseguem, no entanto, no tribunal da comarca de Almada, a fim de esclarecer as circunstancias que rodearam a tragédia. Os médicos que ontem procederam á autópsia dos cadáveres do dr. Trist e de sua esposa pediram um prazo de dez dias para apresentar o seu relatório.

No Instituto de Medicina Legal, foram hoje entregues as vísceras para o exame toxicológico, bem como os restos que foi possível recolher dos alimentos vomitados.

Não houve, no entanto, o cuidado, ou não foi possível á hora a que as autoridades tomaram conta da ocorrência, recolher igualmente restos da comida que na véspera fora servida ao casal inglês, cuja análise contribuiria, sem duvida, para ajudar a esclarecer as causas da morte. Embora um dos proprietários do restaurante tenha afirmado aos jornalistas que as ameijoas estavam fresquíssimas e que todos os alimentos ingeridos pelos fregueses em perfeito estado de conservação, a verdade é que as duas crianças que não comeram ameijoas nem escalopes nada sofreram.

Por outro lado, não foi ainda desmentida a informação de que outros fregueses se serviram da mesma ementa sem os efeitos trágicos que o casal inglês sofreu após a refeição.

Às autoridades, no entanto, compete averiguar a exactidão destas informações e colher outros elementos valiosos que as possam habilitar a formar um juizo seguro sobre as causas da morte, como por exemplo onde e quando foram adquiridas a carne e as ameijoas; quantos dias, portanto, tinham de casa e que ingredientes entraram na sua confecção.

Afirmou-se que 24 horas depois da refeição já não era possível encontrar no restaurante restos dos alimentos cozinhados na véspera e, por isso, não se pode aproveitar este elemento que, embora não seja imprescindível para o apuramento de responsabilidades, podia no entanto ajudar a esclarecer o caso. Contudo, o exame toxicológico ás vísceras e aos alimentos vomitados constitui prova concludente sobre as causas que provocaram a morte do infeliz casal.

Durante o dia de hoje, o tribunal de Almada tem procedido ao arrolamento do espólio das vítimas, entre o qual figura alguma correspondência e um rolo de películas ainda por revelar. Todos os objectos e artigos encontrados constituem parte integrante do processo, bem como o automóvel em que o casal viajava. Os apetrechos de pesca que traziam no carro fazem supor que o dr. Trist se dedicava á pesca desportiva e que vinha disposto a passar na Peninsula umas férias agradáveis. Deve pôr-se de lado, portanto, a história do suicidio, que não tem nenhuma presunção a seu favor. As pessoas que os viram e com eles contactaram são unanimes em afirmar que o casal conversava animadamente e na melhor disposição de espírito, mostrando-se tão atencioso com o pessoal como ca-

(Continua na 10.ª página)

O Presidente da Republica observando o trabalho numa oficina de sapateiro

O Presidente da República

almoçou com os internados na «Casa do Gaiato» no Tojal

(Continuação da 1.ª página)

próprias de rapazes, por: radiotelevisão (só esta casa e a de Setubal é que têm tal aparelhagem), telefonia e teatro, interpretado, de vez em quando, pelos próprios rapazes, num grande e bom palco.

O horário é o seguinte: levantar, ás 7 horas no Inverno e ás 6 e 30 no Verão; orações; pequeno almoço; trabalho, ou escola, até ao meio-dia; almoço e recreio, até ás 13 e 30; ás 16 e 30, merenda; das 17 ás 19, trabalho; terço; jantar; e ás 22, recolher.

Há um posto médico e dentário e uma enfermaria.

Um pormenor interessante: não há uniforme, vestindo cada um o que lhe dão.

E' tudo feito pelos rapazes, orientados, claro, por mestres — alguns dos quais seus antigos camaradas.

Aprende-se ali carpintaria, alfaiataria, serralharia, sapatari e cozinha, estando projectada a instalação duma tipografia, quando a energia eléctrica—que é fornecida pela Camara de Loures — tiver a potência necessária.

Esta Casa foi instalada há 10 anos, e nela, como nas outras, se ensina, além das especialidades referidas e dos trabalhos agrícolas, a instrução primária. aos rapazes abandonados, por ela recolhidos e que vivem num ambiente de liberdade, de camaradagem e de iniciativa, diferente do de qualquer asilo. Daí o amor que todos os que passam por tais Casas lhes têm e

(Continua na 10.ª página)

O PORTO PELO TELEFONE

Casas abandonadas

envoltas em mistério que fala à imaginação

PORTO, 14. — O forasteiro encontrará aqui no Porto, não próprimente na parte antiga e pitoresca do velho burgo, nos seus aglomerados excêntricos, cheios de ruínas e coisas velhas que a ganga do tempo torna andrajosas, mas mesmo no centro da cidade, com suas expressões modernas, as actividades trepidantes, os aspectos de renovador progresso, algumas casas envoltas em misterioso silêncio, abandonadas sem sinal de vida, como tocadas por um sopro de maldição e povoadas de fantasmas. Parecer-lhes-á que são «casas assombradas», que criam a ilusória e esmagadora fantasmagoria dos lances de «suspense», como nos filmes de Hitchcok e servem de pasto ás delirantes imaginações exacerbadas pela literatura policial.

*

Verdadeiramente, não há mistério algum, pelo menos para os Portuenses, acostumados a todas as singularidades e aos mais extravagantes paradoxos da sua amada cidade, embora isto que sucede no Porto se verifique também, provàvelmente, noutras localidades. São apenas casas por assim dizer abandonadas, visto estarem desabitadas, e algumas há muitos anos, pelo que o seu estado de conservação se torna, muitas vezes, bastante precário, com efeitos impressionantes — lamentável e desagradàvelmente impressionantes.

Qual a razão disto? Factores vários, alguns mesmo a revelarem-nos histórias de grande dramatismo, os quais, pela sua delicadeza, nunca atingem o domínio publico.

Quando muito, um vago «diz-se» em boca «chiusa»...

Um incêndio ocorrido em pleno coração da cidade, na sua artéria mais comercial e movimentada, a Rua de Santa Catarina, veio trazer ao de cima mais um caso, ainda que sem qualquer aspecto de sensação, mas um «caso» bem expressivo.

Há muitos anos já que a antiga «Casa do Arco», em tempo conhecido estabelecimento de móveis e estofos, acabou, encerrando para sempre as suas portas. Desertos o estabelecimento e os três andares do prédio (quase em frente ao Grande Hotel do Porto), muitas pessoas comentavam o facto de, numa época em que, naquela vasta e trepidante artéria, abrem, constantemente, novas casas e as antigas são renovadas, como era possível — perguntava-se — que permanecesse fechada, desabitada e, possìvelmente, abandonada, aquela onde há um estabelecimento com um fundo com

(Continua na 13.ª página)

Pretendem vender ouro, pratas ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRATA, 257

LINDBERGH em Lisboa

Como consultor técnico da Pan American, o «aviador-solitário» Charles Lindbergh, «heroi» do século, encontra-se novamente em Lisboa, que ele visita, normalmente, duas a três vezes por ano.

Desta vez, Lindbergh veio avaliar da possibilidade de aterrarem aviões americanos a jacto no aeroporto da Portela, cujas pistas percorreu, na companhia dos srs. major Carlos Beja e comandante Carrasco. Durante a sua estadia em Lisboa, o conhecido aviador trocará impressões com o director comercial da P. A. A., sr. José Theriaga.

Inauguração oficial

do novo hospital do Barreiro

BARREIRO, 14 *(Pelo telefone)*. —O ministro da Saude e Assistência é esperado amanhã nesta vila, para inaugurar oficialmente o novo Hospital de Nossa Senhora do Rosário, já em funcionamento desde 16 de Janeiro deste ano.

Após o acto inaugural, marcado para as 16 e 30, a Misericórdia prestará homenagem ao seu grande benemérito, sr. D. Manuel de Melo, presidente do conselho de administração da C. U. F.

HIPOTECAS
SOBRE PROPRIEDADES, EMPRESTAMOS AO JURO DA LEI, EM TODO O PAÍS. PRAZO ILIMITADO. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. NADA COBRAMOS A TITULO DE AVALIAÇÕES. MÁXIMO SIGILO
A CONFIDENTE
(A maior organização do País)
LISBOA-Rossio, 3-2.º PORTO-R. Passos Manuel, 14

GAZC
Em 24 HORAS e utilizando o
sem franquia, V.ª Ex.as poderão ter o
Evite assim as TAXAS DE U
serão:
Em Lisboa ... ...
ARREDORES:
Até Paço d'Arcos, Massamá, e
Para além destas localidades ...
ENTREGA DE
Domingos e Feriados, T
Em Lisboa ... ...
Arredores ... ...

A bela exposição

que hoje se inaugurou na F. I. P. destina-se a fomentar

as exportações para o estrangeiro

(Continuação da 1.ª página)

a panoramica, a paisagem humana, as produtivas actividades, ás exposições internacionais.

Fazer a propaganda das possibilidades do nosso comércio externo, salientando a sua importancia na estrutura e conjuntura económicas mundial e, em particular, do comércio exportador, bem como o papel que a exportação deve desempenhar na actividade do País, criticando, de passo, os males de que enferma e sugerindo ou procurando soluções adequadas para a sua profícua e produtiva expansão, incluindo as medidas para o saldo acentuadamente negativo da nossa balança comercial — eis em síntese o objectivo da exposição, que se torna eloquente, pelo efeito imediato aliciante á multidão de visitantes e o alto poder sugestivo, graças ao cunho artístico que souberam imprimir-lhe.

Uma notável realização artística

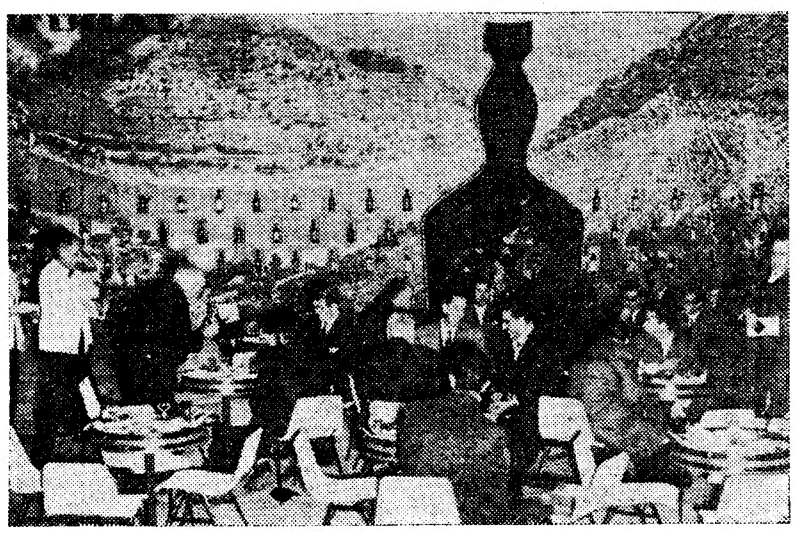
Logo no átrio, os olhos se regalam ao relancear a teoria de cartazes de propaganda dos produtos nacionais, admiráveis no sentido interpretativo, na realização artística, no mágico sortilégio de harmonia das cores e das formas, que irrompe em mancha de vibrante policromia, uma lufada de bom gosto e renovadora modernidade.

Estão ali os belos trabalhos de numerosos artistas, de entre os quais foram premiados pelo juri, a que presidiu o sr. dr. Alves Machado, presidente do conselho administrativo do Fundo do Fomento de Exportação, e do qual fizeram parte os srs. Aires de Sá Nogueira, secretário; arquitecto Conceição e Silva, pintor Bernardo Marques e eng. Fernando Moutinho: 1.º (dez mil escudos), Sebastião Rodrigues (café); 2.º (sete mil e quinhentos escudos), António Garcia (exportação geral); 3.º (cinco mil escudos), Paulo Guilherme (têxteis); e os onze que alcançaram prémios de quatro mil escudos: Eduardo Anahory (exportação geral); Tomás de Melo (conservas de peixe e cafe), Sena da Silva (produtos alimentares); Sebastião Rodrigues (produtos industriais, artesanato e resinosos); Oskar Pinto Lobo (vinhos, frutas e cortiça); e Fred Kradolfer (têxteis).

Depois, no grande salão, todo em vibração de luz e de cor, ostenta-se, ao fundo, a superfície total da parede, com cerca de 84 metros quadrados, coberta por uma notável montagem fotográfica, talvez a maior feita até hoje, em Portugal, do artista Mário Novais, que é a imponente panoramica da região do Douro onde o Sol cristaliza nos cachos e se liquefaz no doirado e capitoso vinho do Porto.

Sucedem-se, dispostos com o mesmo bom gosto e requintes de arte, os quadros, os gráficos, os esquemas elucidativos, com legendas expressivas, sugerindo e incentivando a colaboração das iniciativas e actividades produtivas para o be-

(Continua na 11.ª página)



Um recanto da exposição, em que se vê uma grande foto do Douro

Viveu sem sentidos durante 627 dias

GOTEMBURGO (Suécia), 14. — Gravemente ferido num desastre de automóvel, Uno Janson, de 19 anos, faleceu ontem num hospital, onde esteve durante 627 dias e noites, sem nunca ter recuperado os sentidos. Embora extremamente raro, não se trata de um caso unico. Tem havido outros casos em que os pacientes viveram ainda mais tempo sem sentidos.

Jansson foi durante este tempo submetido a diversas operações ao cérebro, mas todas resultaram infrutíferas. — (A. N. I.).

DEZ MORTOS num incêndio

ASHLAND (Kentucky), 14. — Supõe-se que morreram, pelo menos, 10 pessoas e 20 outras ficaram feridas durante um incêndio que se registou hoje num edifício desta cidade onde estão instalados escritórios e vivem algumas famílias. — (R.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 15°,5; mínima, 9°,1.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 17°,3; mínima, 13°.*

— Temperaturas observadas ás 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 13°,5; na água do mar, 13°,2.

A viagem do sr. Dulles — (4)

Desde os primeiros dias de Janeiro que no Congresso e na Imprensa dos Estados Unidos se trava, com apaixonada veemência, o grande debate sobre a posição actual daquele país e da União Soviética em matéria de armamentos. O duelo Dulles-Fulbright aparece agravado, pelo duelo Mac Elroy-Symington. Logo que se iniciou a actual sessão parlamentar este senador que foi secretário da Aviação com o presidente Truman e é considerado como um perito de assuntos militares, lançou ao Governo na pessoa do secretário da Defesa, um desafio.

«Convido o sr. Mac Elroy, disse o senador Symingon, a dizer ao país quantos projécteis intercontinentais têm os Estados Unidos, quantos tem a União Soviética e qual será nos anos mais próximos, a diferença entre as existências prováveis dessas armas nos dois países. Se estas perguntas não tiverem resposta satisfatória até 31 de Janeiro, dá-la-ei eu». A primeira semana de Fevereiro decorreu no signo do ultimato do senador Symington e a Administração republicana viu-se na necessidade de fazer declarações na Subcomissão de Investigação presidida pelo «leader» da maioria democrática senador Lyndon Johnson.

Este ao iniciar aqueles trabalhos fez uma declaração nos seguintes termos: «Queremos, e o país comnosco, saber onde estamos. Para o povo americano é uma questão de vida ou de morte. Temos que lhe dar uma resposta concreta, sem equivocos nem subterfugios verbais. No inquérito a que procedemos no ano passado, chegámos a conclusões pouco tranquilizadoras sobre o estado da defesa nacional. A nossa inferioridade na fabricação de projécteis balisticos e satélites artificiais já então não oferecia duvidas e era objecto das nossas preocupações».

«Depois, continuou o senador Johnson, a situação agravou-se. A União Soviética adiantou-se muito a nós na construção de projécteis e submarinos. Receio bem que não tarde a acontecer o mesmo com os diversos tipos de aviões tripulados. O nosso objectivo é investigar se os Estados Unidos, para conjurar uma situação que se agrava perigosamente, fazem aquilo que podem e devem. Precisamos ter presente que assumimos a responsabilidade não apenas de defender o nosso país, mas também os nossos aliados ocidentais e outros. As nossas responsabilidades pelo que diz respeito á exploração do espaço são também das que se não iludem sem trágicas consequências».

A tese da Administração, defendida pelo secretário da Defesa, Mac Elroy, e pelo presidente Eisenhower, resume-se assim: em determinados tipos de armas modernas a inferioridade dos Estados Unidos não sofre contestação, sendo notória e tendendo a acentuar-se, em vez de diminuir, no capitulo dos projécteis balisticos intercontinentais, mas os Estados Unidos dispõem de uma panoplia equilibrada a qual, em conjunto, é superior á dos Sovietes. Nessa panoplia figuram a aviação estratégica (bombardeiros nucleares do S. A. C.), os projécteis de raio médio de acção (com alcance entre dois e quatro mil quilómetros), e um sistema de aviso que está incessantemente a ser melhorado, além da defesa passiva do território americano.

Estas conclusões optimistas não foram aceites pelos membros da subcomissão de Investigação. Depondo perante esta, os chefes do Estado-Maior, colocados em dificuldades para defender a tese oficial, forneceram aos adversários desta provas convincentes. As contradições em que caiu o secretário da Defesa, atacado pelo senador Symington, obrigaram-no a desmentir o que dissera no primeiro depoimento cuja veracidade foi contestada pelos censores daquele membro do gabinete, posto em foco durante as ultimas semanas. Do debate saiu ele pessoalmente atingido e a estratégia defendida pelo Governo seriamente ferida por personalidades da maior categoria politica.

Foi criada uma missão para estudar problemas de missionologia africana

Por sugestão da Junta de Investigação do Ultramar, foi agora criada, pela portaria n.º 17.034, uma missão para o estudo da missionologia africana.

A esta missão que terá a duração de quatro anos, podendo este período ser prorrogado, se assim for determinado superiormente, competirá estudar os movimentos religiosos em Africa; contribuir para a realização dos fins do Centro de Estudos Políticos e Sociais da referida Junta; organizar relatórios anuais dos trabalhos e estudos realizados; e redigir trabalhos para publicação, baseados em resultados dos estudos que tenha efectuado.

A missão será constituída, além do chefe, pelo pessoal nomeado, contratado ou subsidiado que for julgado conveniente para a execução do plano de trabalhos.

CIDLA

:ando os postais fornecidos pela CIDLA,
io ter o GAZCIDLA em sua casa.
DE URGÊNCIA que a partir do dia 16

... 7$50

amá, e Loures (inclusivé) 12$50
dades ... 15$00

A DE EMERGÊNCIA
dos, Telf. 382060/382069

... 10$00
... 20$00

ALMOÇO REGIONAL
NO
BARRETE VERDE
EM BENAVENTE
O MAIS LUXUOSO E TIPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO
DOMINGO 15 DE FEVEREIRO
RANCHOS FOLCLÓRICOS: «TÍPICO BARRETE VERDE» E PESCADORES DE ESCAROPIM» — FANDANGO — ACORDEONS — CANTARES REGIONAIS, ETC.
O MAIS ALEGRE DIA EM PLENO CORAÇÃO DO RIBATEJO
Programas, inscrições e informações na
AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE
RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 861214
OU PELO TELEFONE BENAVENTE 74 (6 anos)

COMUNICADO
«A CONFIDENTE», A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS, EM COMPRAS, VENDAS E HIPOTECAS DE PROPRIEDADES, COMUNICA A TODOS OS SEUS EX.MOS CLIENTES E AO PUBLICO, QUE, EM VIRTUDE DO SEU MOVIMENTO SEMPRE CRESCENTE, SE VIU OBRIGADA A PÔR UM P. P. C. 3 LINHAS, COM 9 EXTENSÕES, SENDO O SEU NUMERO ACTUAL 0 29384/5/6. — A CONFIDENTE — Rossio, 3-2.º

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

(Continuação da 7.ª página)

da ás 8 horas para 96 quilómetros. Percurso: Campo Grande (topo norte), Lumiar, Estrada do Desvio, Loures, Bucelas, Sobral, Dois Portos, Carmões, Aldeia Gavinha, Alenquer, Carregado, Vila Franca de Xira, Sacavém, Encarnação, Portela, Avenida do Aeroporto e avenida D. Rodrigo da Cunha.

Juniores, partida ás 8.15 h., para 71 quilómetros. Itinerário: Campo Grande (topo norte), Lumiar, Estrada do Desvio, Loures, Bucelas, Sobral, Arruda, Vila Franca de Xira, Sacavém, Avenida do Aeroporto e Avenida D. Rodrigo de Cunha.

Iniciados, partida ás 8.30 h. para 47 quilómetros. Trajecto: Campo Grande (topo norte), Lumiar, Estrada do Desvio, Loures, Bucelas, Cabeça da Rosa, Póvoa de Santa Iria, Sacavém, Avenida do Aeroporto e Avenida D. Rodrigo da Cunha.

As chegadas fazem-se na Avenida D. Rodrigo da Cunha.

CORRIDAS DE GALGOS

O Lusitano Ginásio Clube, por intermédio da sua secção Lebreira, faz disputar a final da prova «Diana» que limitou a 32 galgos com a idade de 18 meses.

CORTA-MATO

A Federação Portuguesa de Atletismo faz disputar ás 11 horas no Estádio Nacional o campeonato nacional de juniores, de corta-mato, na distancia de 8.000 metros.

DESPORTO CORPORATIVO

Prosseguem os campeonatos de basquetebol (1.ª Divisão) e futebol (1.ª e 2. Divisões) da F. N. A. T. com o seguinte programa:

BASQUETEBOL — S. F. Seguros-Comp. Carris, Guerin-Ferroviários do Barreiro e B. E. Santo-Robbialac, em Santos, respectivamente, ás 9 10 e 11 horas.

FUTEBOL — 1.ª Divisão — C. S. José-F. C. Tejo e F. C. Regina-F. L. Sacavém, em Belém, ás 9 e 13 h.; Guérin-Comp. Carris e C. P. Pesca-S. C. Cervejas, na Picheleira ás 11 e 15 horas. Refinaria-C. Telefones, no Estádio Nacional, ás 11 horas. 2.ª DIVISÃO — F. C. Regina-C. P. Comércio e B. Carenque-Standard Eléctrica, em Belém, ás 11 e 15 h.; C. N. Electricidade-C. Carris e Ar Líquido S. C. Cervejas na Picheleira, ás 9 e 13 h.; Simca Portuguesa-A. C. Sueca, no E. Nacional, ás 11 h.; Cinema Condes-Fáb. Simões em Benfica (F. Lázaro), ás 9 h.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

O campeonato regional de futebol prossegue com os encontros Escola do Exército-Belas-Artes e Medicina-Letras, no Estádio Universitário, respectivamente, ás 9 e 11 horas.

GOLFE

O Clube de Golfe do Estoril dá início ao torneio da taça «Dr. Ricardo Espírito Santo e Silva», em singulares-homens e senhoras, por pancadas.

HANDEBOL

Prossegue o campeonato de handebol da Divisão de Honra, com a 6.ª jornada da 2.ª volta: Glória Almada, no Pragal, ás 10.30 h.; Belenenses-Sporting, no Restelo, ás 10.30 e 12.15 (2.ª e 1.ª cat.); Benfica-Oriental, no Campo Grande, ás 14 e 15.30 h. (2.ª e 1.ª cat.); Liberdade-Alverva, na Cova da Piedade, ás 15.15 h.

Campeonato de Juniores — Belenenses-Almada, no Restelo; Cova da Piedade-Sporting, na Cova da Piedade, Oriental-Benfica, no campo «Eng. Carlos Salema» — todos ás 9 h.

HIPISMO

No campo de obstáculos das «Terras do Desembargador» (Calçada da Ajuda), a partir das 14.30 horas, realiza-se a «1.ª Reunião Hípica de 1959» com três provas para juniores e seniores, com cerca de uma centena de concorrentes.

RAGUEBI

Campeonato Nacional (Divisão de Honra) — 2.ª jornada — C. D. U. L.-Internacional, no E. Universitário, ás 11 h.; Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 15 h. *1.ª Divisão* — Arroios-Agronomia, no E. Universitário, e Académica-Direito, em Coimbra — ambos ás 15 h. *Taça «Francisco Silva»* — Internacional-Belenenses, nas Telheiras; Sporting-Benfica em Alvalade; Agronomia-Direito, no E. Universitário, todos ás 9.30 h.

TIRO A CHUMBO

No Stand do Lumiar, a partir das 14 horas disputa-se uma prova de pratcha (dois tiros) a 30 pratos e uma prova a 5 pombos.

VELA

Na baia de Cascais, ás 11 horas, regatas de «stars», organizadas pelo Clube Naval de Cascais.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS — A's 21 horas, realizam-se as assembleias gerais da Federação de Tiro e do Algés, para apreciação e votação do relatório e contas das gerências anteriores.

AUTOMOBILISMO — A's 20 horas, jantar de homenagem aos componentes da secção de motorismo do Sporting.

BASQUETEBOL — Prosseguem os Campeonatos Nacionais, realizando-se os encontros: Campolide-Pedrouços e Nacional-Belenenses, em Campo de Ourique, ás 21 e 22 horas; Luso-Sporting, no Barreiro, ás 21 horas; Montijo-Barreirense, no Montijo, ás 21.30 horas; F. C. Porto-Ginásio Figueirense e Boavista-Sangalhos, na Constituição, ás 21,30 e 22,30 horas; Académica-Vasco da Gama, em Coimbra, e Sporting de Torres-Lisboa Ginásio, em Torres Vedras, ambos ás 22 horas.

BADMINTON — Continuação da taça «Ricardo Ornelas». No ginásio da escola Nuno Gonçalves: Benfica-Sporting e Direito-Triangulo; no ginásio do Gil Vicente: Lisboa Ginásio-Técnico B — ás 21 horas.

XADREZ — A's 21 horas, no Ateneu, mais uma jornada do campeonato interno.

Um jogo amigável

que terminou numa desordem

CAMPINAS (Brasil), 14. — Dizer-se que a disputa de uma «Taça Amizade» resultou numa briga entre os 22 jogadores a que se juntaram algumas centenas de espectadores é um autêntico paradoxo.

De facto, os clubes Guarani e Ponta Negra resolveram realizar um encontro amigável, mas devido a divergências havidas no desenrolar do jogo, não punidas pelo árbitro e quando o marcador acusava 3-2 favoráveis ao Guarani, os jogadores envolveram-se em desordem, invadindo o publico o relvado, vendo-se a polícia em sérios embaraços para dominar aquela massa de gente desordeira. — (L.).

PROVAS DA A. F. L.

Começa amanhã o torneio de «Principiantes» e prosseguem os campeonatos da 2.ª e 3.ª Divisões e de Juniores (2.ª Divisão)

Além dos dois encontros do campeonato da 1.ª Divisão de Juniores (a que noutro lugar nos referimos), a A. F. L. faz disputar amanhã mais 32 desafios, relativos á «Prova Distrital de Principiantes», que se inicia com a participação de 16 equipas e aos campeonatos da 2.ª e 3.ª Divisões e da 2.ª Divisão de Juniores.

O programa apresenta-se assim:

Torneio de Principiantes — Série A — Oriental-Palmense, no campo «Eng.º Carlos Salema», e E. Amadora-Torriense, na Amadora — ambos ás 9.45 h.; Belenenses-Casa Pia, no Estádio do Restelo, e Atlético (A)-Sporting, na Tapadinha — ambos ás 11 horas. **Série B** — S. L. Olivais-Atlético (B), no campo «Alvaro Gaspar», ás 9.30 h.; Sacavenense-Vilafranquense, em Sacavém, ás 9.45 h.; Vialonga-Benfica, em Vialonga, e Alhandra-União Povoense, em Alhandra — ambos ás 10.30 h.

Campeonato Distrital da 2.ª Divisão — (13. jornada) — Amadora-Desp. Castelo, na Amadora; Charneca-Palmense, no campo «Chão do Loureiro»; Santa Iria-Ericeirense, em Santa Iria; S. C. Amoreiras-Odivelas, no campo «José Ramos» — todos ás 15 horas; S. L. Fanhões-Povoense, no campo da Matinha ás 15.30 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A (Jogos em atraso) — Queluz-Cascalheira, no campo «Francisco Lázaro»; Belas-1.º de Dezembro, em Belas; Cacém-Alto da Eira, no Cacém — todos ás 15.30 h. **Série B — (11.ª jornada).** — Povoense A. C.-Malveira, na Póvoa de St.ª Iria; Caneças-Tojal, em Caneças; Castanheira-Loures, na Castanheira; Camarate-Ponte de Frielas, em Camarate; Bucelenses-Pinheiro de Loures, em Bucelas; Vialonga-Zambuialense, em Vialonga — todos ás 15.30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da 2.ª Divisão — 11.ª jornada — Série A — Santa Catarina-Carcavelos, em «Pina Manique», ás 10 h.; U. Algés-Vitória, em Algés, e «Mirantense-Operário, no campo «Alfredo Marques Augusto» — ambos ás 10.30 h. **Série B** — Sintrense-R. Janeiro, em Sintra, e Sporting-Amoreiras em «Alvalade» (treinos) — ambos ás 10.30 h.; E. Amadora-Fut. Benfica, na Amadora, ás 11 h.; Casa Pia-Queluz em «Pina Manique», ás 11.30 h. **Série C** — Vilafranquense-Desp. Olivais, em V. F. Xira, ás 10.30 h.; Oriental-Santa Iria, no campo «Eng.º Carlos Salema», e Sacavenense-Camarate, em Sacavém — ambos ás 11 horas.

TAUROMAQUIA

Amanhã, domingo, ás 15 horas, repete-se no Campo Pequeno o espectáculo que no Carnaval esgotou duas vezes a lotação: o cavaleiro Quim-Zé, alunos de várias escolas, forcadinhos de Vila Franca e toureiros cómicos.

Em Algés anuncia-se para a mesma hora uma vacada cómica com uma cavaleira, os «Charlots» do Montijo e forcado da praia.

A visita do Chefe do Estado à «Casa do Gaiato»

(Continuação da página central)

que se verifica por factos como estes: alguns dos mestres entraram para lá como gaiatos recolhidos; e as instalações de Lisboa, Porto e Coimbra, são lares, onde comem, dormem e convivem os antigos «gaiatos» que estão empregados, ou a estudar nas três cidades.

A organização funciona como uma cadeia, dirigida, da sede de Paço de Sousa, pelo padre Carlos, um sacerdote jovem, bondoso trabalhador, persuasivo e de ideias desempoeiradas, que é um digno sucessor do chorado padre Américo; outros cinco ministros da Igreja dirigem as restantes casas lares; e, quando há necessidade em qualquer das instituições, faz-se o intercambio de rapazes especializados em qualquer ramo de trabalho.

O Presidente da República almoçou com os gaiatos

Hoje, ás 11 horas, chegou ao edifício o Presidente da Republica, acompanhado pelo brigadeiro Teixeira Pinto e pelo primeiro-tenente Benvindo da Fonseca.

Era aguardado pelos padres Carlos, José Maria e Acílio, directores da Obra do Padre Américo e das Casas do Tojal e de Setubal, deputado dr. Paulo Rodrigues e dr. José Carlos Ferreira — grandes amigos e cooperadores do falecido sacerdote — e pelos srs. capitão Oliveira Mata, presidente da Camara Municipal de Loures, e António Pereira Militão, presidente da Junta de Freguesia de Santo Antão do Tojal, e por outras entidades do concelho.

No largo fronteiro, estavam muitos populares, encontrando-se engalanadas com colchas algumas das vinte e duas casas construídas, naquela freguesia, pelo Património dos Pobres, em grande parte devido á oferta dos terrenos, feita pelo sr. António Pereira Militão, a quem a Casa do Tojal muito deve também.

O sr. almirante Américo Tomás visitou, sucessivamente, ouvindo, com visível interesse, explicações dos padres Carlos e José Maria, observando os rapazes nas suas actividades e conversando com alguns deles: a capela; as camaratas; o vasto e belo terraço, com excelentes painéis de azulejos; a escola primária; a igreja paroquial, contígua ao palácio; a enfermaria, com seis camas, felizmente quase sempre desocupadas, o que só por si é um indice impressionante; o amplo refeitório; a cozinha; as oficinas de carpintaria, de serralharia, de alfaiataria — de que é mestre um antigo «gaiato» que já casou e tem uma filhinha e a mulher a viver ali — uma das casas do Património dos Pobres; outra, em construção, com os gaiatos a dar serventia aos operários; e o casal agricola.

Um dos rapazes que seguiu sempre o Chefe do Estado impressionou pela sua vivacidade. Perguntado sobre o que fazia, respondeu:

— Estudo.

— E o que desejas ser?

— Professor.

— Professor de quê?

— Professor cá da casa...

Terminada a visita — que o impressionou muito agradávelmente, bem como a todas as outras pessoas presentes — o sr. almirante Américo Tomás almoçou, no refeitório, com todas as outras entidades e com os «gaiatos», aos quais ofereceu numerosos chocolates.

OS ACIDENTES de trabalho na construção civil

O Ministério do Interior, por intermédio da Direcção-Geral de Administração Política e Civil, enviou a todas as Camaras Municipais do País a seguinte circular:

«O elevado numero dos acidentes de trabalho, principalmente no campo da construção civil, levou o Governo a tomar as providências legislativas necessárias, com a publicação do Decreto-Lei n. 41.820, de 11 de Agosto do ano findo, e seu Regulamento, promulgado pelo Decreto n.º 41.821, da mesma data, confiando á Inspecção do Trabalho e ás Camaras Municipais a fiscalização das normas fixadas.

Porque o êxito das medidas estabelecidas dependerá, conforme se salienta no relatório do referido Decreto-Lei, da forma como for orientada a fiscalização, rogo a V. Ex.ª se digne recomendar ás Camaras Municipais desse distrito a sua melhor atenção para as disposições legais estabelecidas nos citados diplomas, solicitando-lhes o melhor esforço a empreender através da sua acção fiscalizadora, a qual, de princípio, e tanto quanto possível, se deverá limitar ao aspecto predominantemente educativo e orientador, com vista, a que, primeiramente, se crie e desenvolva um estado de espírito capaz de congregar todos os interessados (técnicos, empreiteiros, proprietários e operários) na solução do grave problema da prevenção dos acidentes de trabalho, depois do que se irá, gradualmente, procurando completar a fiscalização através da acção repressiva».

A tragédia de Vale de Gatos

(Continua na página central)

rinhoso com os filhos. Também se deve pôr de lado a hipótese de congestão, que chegou a admitir-se, supondo-se que o marido teria tomado banho após o jantar, pois a mulher, não o tendo feito, como se presume, teve morte identica.

As autoridades hão-de esclarecer, por certo, estas e outras duvidas que envolvem numa cortina de mistério a morte do infortunado casal. Os mortos foram trasladados esta tarde do cemitério de Almada para o cemitério inglês, onde ficarão depositados na respectiva capela até segunda-feira, dia marcado para o funeral, e em que chegarão a Lisboa pessoas de família das vítimas. As duas crianças continuam entregues aos cuidados da embaixada inglesa em Lisboa.

Os dois orfãos vão viver com os tios

LONDRES, 14 — A imprensa britanica publica com relevo os telegramas de Lisboa, que anunciam a morte do casal inglês Arthur Trist, que havia saído de Tulbury, no sábado ultimo, a fim de passar um mês de férias em Portugal e na Espanha. Trist era o capitão do Clube de Cricket de Brighton.

Falando aos jornalistas, um amigo da família declarou: «O sr. e a sr.ª Trist eram, em todos os sentidos, um casal ideal, extremamente dedicado aos seus filhos».

Francis Trist, irmão do falecido, que está em comunicação com a embaixada britanica em Lisboa, a fim de trazer para Inglaterra os dois sobrinhos orfãos, disse aos jornalistas: «Minha mulher e eu podemos dar-lhes um lar. Não temos filhos». — (A. N. I.).

Dr. Acácio Lopes Cardoso

Na próxima segunda-feira, ás 16 horas, toma posse das funções de juiz do Tribunal da Comarca do Cartaxo, o juiz sr. dr. Acácio Lopes Cardoso, que foi transferido, a seu pedido, da Comarca de Arouca.

Flotta LAURO

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

PAQUETE ITALIANO

«SURRIENTO»

para LA GUAIRA E BARBADOS

via FUNCHAL e TENERIFE

em 21 do corrente

Recebendo passageiros em 1. Classe e Turística

OS AGENTES GERAIS

J. VASCONCELOS, LDA.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 24 — Telefs.: 31926/32927 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73 — Telef.: 23568 — PORTO

Pequenas notícias

PELA POLICIA

ROUBARAM UMA MAQUINA FOTOGRÁFICA — No Cais do Sodré, um estrangeiro meteu conversa com dois indivíduos que por ali deambulavam e que, apesar de o não perceberem, depressa o encaminharam para um quiosque das proximidades e, a certa altura, sacaram-lhe violentamente a máquina fotográfica, que ele trazia ao ombro e fugiram.

Dado conhecimento á Secção de Justiça da P. S. P., os seus agentes logo realizaram aturadas diligências e não tardou que deitassem a mão ao principal culpado, Domingos José Rodrigues Teixeira, de 27 anos, marítimo, natural de Pardilhó. Horas depois a máquina estava apreendida, apesar de já ter sido transaccionada, e foi restituida ao seu proprietário, enquanto o arguido foi entregue á Polícia Judiciária.

VII CONGRESSO
Internacional de Columbofilia

Nas modernas instalações do Clube Columbófilo da Costa do Sol, em Cascais, prosseguiram hoje os trabalhos do 7.º Congresso Internacional de Columbofilia, em que tomam parte representantes de 14 países.

Os trabalhos começaram ás 9 horas, com a leitura do relatório das decisões do Congresso, que foi aprovado, seguindo-se uma visita dos congressistas á Camara Municipal de Cascais, que lhes ofereceu um almoço.

No recinto da exposição foram depois classificados os exemplares expostos, tarefa desempenhada por técnicos portugueses, italianos, holandeses e belgas.

Esta noite, no Estoril, efectuam-se o banquete oficial e a distribuição de prémios aos expositores.

Fernando Namora
no I. N. E. F.

O escritor Fernando Namora proferiu hoje, no Instituto Nacional de Educação Física, uma conferência sobre literatura portuguesa, seguida de debate. Presidiu o director do Instituto e assistiram professores e alunos deste estabelecimento de ensino. A conferência despertou o mais vivo interesse.

Posse dos presidentes
do Municipio da Vidigueira

BEJA, 14 (Pelo telefone) — O chefe do distrito, sr. dr. António Marques Fragoso, presidiu esta tarde, na Camara Municipal de Vidigueira, á posse dos novos presidente e vice-presidente daquele município, respectivamente srs. Joaquim Jorge de Carvalho e Fernando Polido Garcia

S. Pedro de Sintra

✝

Rosa Clara de Almeida

FALECEU

Laura de Almeida Simões e seu marido, José de Almeida e sua mulher, Carlos de Almeida e sua mulher, Maria Isabel de Almeida Lopes Cardoso marido e filhos, Maria Amélia de Almeida Simões Silva e seu marido, Maria Isabel de Almeida Simões, Maria Alice de Almeida Manaças e seu marido, João Carlos de Almeida e sua mulher, Joaquim Gabriel de Almeida e sua mulher, José Rodrigo de Almeida, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença a sua querida mãe, sogra, avó e bisavó, sendo celebrada missa de corpo presente na Igreja de S. Pedro, pelas 10 horas, realizando-se o seu funeral amanhã, pelas 10,30 para o cemitério local.

AGÊNCIA MELO

O «1.º Salão de Desenho»
da Casa da Imprensa»

Parece não estar suficientemente esclarecido, no espírito de algumas pessoas interessadas, o tipo das funções do juri do «1.º Salão de Desenho Moderno da Casa da Imprensa». Esse juri, de que fazem parte o arquitecto Mário de Oliveira crítico de arte do «Diário Popular»; Corregedor da Fonseca (Filho), da «Republica»; e o artista Francisco Relógio, seleccionará apenas os trabalhos enviados por jovens artistas, que ainda não tenham feito exposições individuais, os quais estão a ser convidados através de notícias publicadas na Imprensa.

As obras dos artistas que receberam, pessoalmente, convites da Casa da Imprensa serão todas expostas. Pretende a Casa da Imprensa, inicialmente, desenvolver uma actividade a favor da arte portuguesa contemporanea.

UM BENEMÉRITO
ofereceu 50 contos
para o hospital da Guarda

GUARDA, 14.— O benemérito Manuel Pires Gomes, natural da freguesia de Adão, deste concelho, e residente nesta cidade, ofereceu á Santa Casa da Misericórdia, a quantia de 50 contos, para a compra de material cirurgico para o hospital local.

Novos presidentes
da Câmara Municipal de Tavira

TAVIRA, 14. — Exonerados, a seu pedido, dos cargos de presidente e vice-presidente da Camara Municipal, os srs. capitão Jorge Filipe Coelho Ribeiro e tenente Francisco Solésio Tadinha, foram nomeados, em sua substituição, respectivamente, os srs. dr. Jorge Augusto Correia e Francisco Domingues da Encarnação Martins.

ORÇAMENTO
suplementar
da Camara Municipal

A Camara Municipal de Lisboa publicou um edital anunciando que o projecto do 1.º Orçamento Suplementar para o corrente ano está patente ao publico na 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, durante 3 dias, podendo qualquer contribuinte da circunscrição municipal expor o que tiver por conveniente, acerca do citado projecto.

Pequeno incêndio
na legação da Suécia

Esta manhã, compareceram na Avenida Pedro Alvares Cabral, 84, r/c., onde está instalada a legação da Suécia, os Sapadores Bombeiros (1.ª Companhia e Companhia de Reforço) para extinguir um pequeno incêndio que se havia manifestado na cozinha daquelas instalações. O fogo, provocado pelo aquecimento do fogão que se comunicou a um depósito de carvão de madeiras de caixotes, foi extinto com uma agulheta de nevoeiro.

Ardeu o recheio de duas barracas

Esta manhã, cerca das 10 e 30, declarou-se incêndio em duas barracas de habitação, na Quinta da Pailepa, na Azinhaga da Póvoa, á Charneca, provocado pela explosão dum fogareiro de petróleo. Nas referidas barracas residiam Balbina Rodrigues e Delmira Alexandre da Silva. Numa delas ardeu todo o recheio. O fogo foi extinto por populares, com baldes de água, e pelos Sapadores Bombeiros.

Subsidios diversos
pelo Ministério da Saude

Para prosseguimento da luta contra a tuberculose, o ministro da Saude e Assistência, por intermédio do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, concedeu subsídios eventuais ás seguintes misericórdias: de Setubal (300 contos), de Grandola (200 contos), de Benavente (100 contos), de Celorico de Basto (12 contos), de Castro Verde (110 contos) e de Santiago de Cacém (150 contos).

Para criação de serviços de cinesoterápia nos Centros de Cirurgia Torácica foram concedidos 99 contos.

VIDA SOCIAL

DR. COLLARES PEREIRA

No avião da T. A. P., partiu para Luanda o administrador-delegado da Companhia de Celulose do Ultramar Português, dr. João Pedro Collares Pereira, que vai visitar as construções em curso no Alto de Catumbela e tratar junto do governador-geral de assuntos pendentes.

DR. SANTOS MARQUES

Dos Estados Unidos da América, onde esteve durante dois anos, a especializar-se em anestesia geral na Universidade de Madison, regressou o dr. João Carlos Segurado Santos Marques.

CONDE DE BARCELONA

Por via aérea, partiu para Genebra, acompanhado de D. Ramon Padilha, seu secretário, D. João de Bourbon, conde de Barcelona.

AO SERVIÇO DA EXPORTAÇÃO

(Continua na página central)

nefício comum através da expansão dos produtos nacionais, a propaganda e a acção do Fundo de Fomento de Exportação e outros organismos coordenadores nos mercados interno e externo, através dos centros de informação, dos serviços comerciais junto das Embaixadas e das Casas de Portugal nas capitais de vários países.

Em tapetes de folas verduras rebrilham os deliciosos frutos das várzeas e pomares de Portugal, amontoam-se os produtos da terra; e alinham, em fulgurações coloridas, os mostruários dos vinhos, os produtos do artesanato, o mobiliário, os tecidos, vestuário, chapelaria, tudo o que produzem as características fábricas populares e a alta industria, no seu elevado nível de aperfeiçoamento técnico, contribuindo com a sua expansão pelos mercados mundiais para a prosperidade do País. Fotografias e dispositivos a cores, em pequenos «écrans» iluminados, com a assinatura do artista Horácio Novais, dão uma panoramica aliciante das belezas paisagísticas e dos formosos ambientes do rincão português, numa hábil sugestão turística.

Pedaços vivos de Portugal

Toda a exposição desperta envolventes enlevos, mas a parte onde se reconstituem ao natural, com o mesmo mobiliário, as mesmas decorações, os frisos vivos dos aspectos frisantes da nossa vida e das nossas actividades, dos nossos gostos, da nossa maneira de ser, adquire um interesse especial de contemplativa emotividade.

Figuram ali os conjuntos que constituiram os «stands» de Portugal nas ultimas exposições de Lausanne, Hamburgo, Estocolmo e Munique e vão agora figurar em próximos certames internacionais. No de Lausanne, onde se observa a «maquette» de conjunto, apreciam-se obras de arte notáveis, como a famosa tapeçaria sobre pintura de Almada Negreiros, tecida em Portalegre, o painel de ceramica de Querubim Lapa e o grupo escultórico de Jorge Vieira; no de Munique temos a sugestão do restaurante que ali funcionou e será aproveitado para funcionamento permanente naquela cidade alemã, com o nome de «Restaurante Caravela», explorado por um dos grandes industriais germanicos de hotelaria; e no de Hamburgo armou-se o «bar» trasteado de típico e confortável mobiliário onde se serviram vinhos e os característicos produtos alimentares portugueses, vendo-se ainda frigoríficos com mariscos e produtos de salsicharia e um aquário com peixes vivos.

Ali se reconstituem o nosso ambiente, aspectos da vida e expressões da paisagem, que abrangem a extensão do agro metropolitano até os territórios ultramarinos, animada pelos exemplares típicos da flora, como pinheiros e sobreiros, enquadrados na cenografia, aplicando-se madeiras das florestas do Ultramar nas estruturas e revestimentos decorativos. E ali se expõem os variados produtos de exportação, salientando-se aqueles que especialmente interessam os vários países para a conquista dos mercados, com o mesmo gosto, a mesma arte, as mesmas cativantes sugestões aplicados para tornar eficiente, agradável e envolvente a propaganda dos valores e das belezas de Portugal.

Deve-se a realidade desta admirável organização, de um modernismo cintilante, portuguesíssimo, onde sàbiamente se conjugam o tradicionalismo e um amplo anseio de progresso, que tem realmente o seu quê de «coisa nova», ao espírito de iniciativa, ao dinamismo e á ampla visão do sr. dr. Alves Machado, com a valiosa colaboração dos elementos que trabalham na sua esfera de actividade, técnicos e artistas, dos quais merecem justa referência os srs. dr. Carlos Faustino e Sá Nogueira e os pintores Manuel Rodrigues, Roberto de Araujo e Eduardo Anahor e o arquitecto Conceição e Silva.

A inauguração do certame

A notável exposição foi visitada, esta manhã, pelos representantes da Imprensa, da Rádio e da TV. Receberam-nos o sr. dr. Alves Machado, na sua qualidade de presidente do conselho administrativo do Fundo de Fomento de Exportação; pelo secretário do Fundo sr. engenheiro Sá Nogueira; engenheiro Fernando Moutinho, alem de outros funcionários, e pelos directores das Casas de Portugal, incluindo o sr. dr. Franco Mendes e o jornalista Rocha Ramos, respectivamente, director da Casa de Portugal em Londres e adido comercial; José Augusto, director da Casa de Portugal em Paris.

O sr. dr. Alves Machado acompanhou os jornalistas e, com inexcedível amabilidade mostrou-lhes a exposição, elucidando com a admirável clareza acerca dos objectivos em vista, salientando o principal que é fomentar a mais ampla colaboração de esforços e actividades para a expansão do nosso comércio exportador em prol da riqueza comum, do desenvolvimento das nossas capacidades produtivas e possibilidades que revertem em prol do robustecimento da economia nacional. Apontou, também, a valiosa colaboração dos artistas e o propósito de desenvolver estímulos e aproveitar os seus méritos para tornar mais sugestiva e aliciante a propaganda do País.

Depois de um «vinho de honra» oferecido aos convidados no magnífico «bar» do pavilhão de Hamburgo, foram exibidos, no cinema, filmes, que se podem classificar de notáveis, sobre a produção de conservas de peixe e cortiça.

A exposição foi inaugurada durante a tarde, com a presença dos srs. ministro da Presidência e secretário de Estado do Comércio, que usarão da palavra; secretário de Estado da Agricultura; os membros do Conselho Económico, srs. ministros das Finanças, da Economia, dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar, outros componentes do Governo e entidades diversas.

Para o publico a abertura far-se-á ás 21 horas. Durante a exposição haverá sessões de cinema, visitas a vários organismos dos sectores económicos e palestras pelos directores dos Serviços Externos do F. F. E. e presidentes dos organismos de coordenação económica, a primeira das quais depois de amanhã, ás 10 horas, sobre o «Mercado francês», pelo director da Casa de Portugal em Paris.

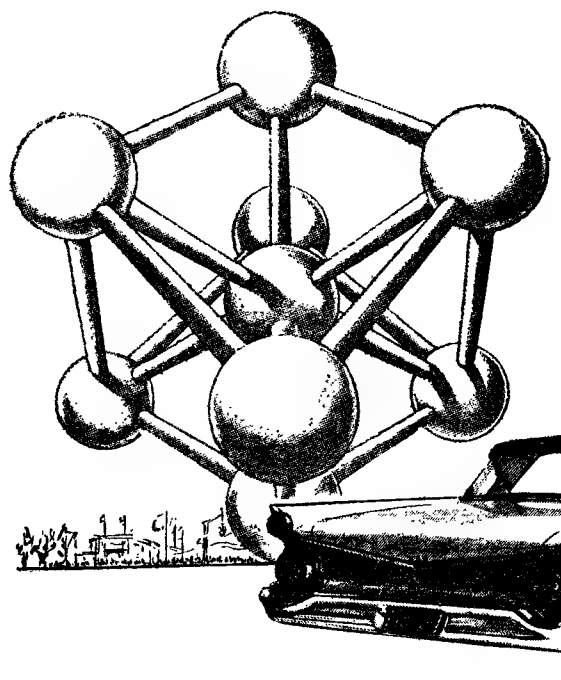
O futuro arranjo
da Avenida dos Estados Unidos

O Município informou os comerciantes da Avenida dos Estados Unidos da América que o estudo de arranjo, elaborado para o local, não permite o acesso directo de veículos ás portas dos estabelecimentos.

GRIPE
GARANTIDO
RÁPIDO
INOLVIDÁVEL
PERFEITO
EXCEPCIONAL
SÓ
ASPIROQUINAL
EM TODAS AS FARMÁCIAS

BATAS HOSPITALARES
CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
PIJAMAS E CUECAS

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cozido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57



Em exposição a partir de hoje...

FORD 59

o automóvel melhor proporcionado do mundo!

PREMIADO COM A MEDALHA DE OURO DA COMISSÃO FRANCESA DE ELEGÂNCIA DURANTE A FEIRA INTERNACIONAL DE BRUXELAS

"POUR PROPORTIONS EXCEPTIONNELLES ET LA LIGNE ÉLÉGANTE"

De vez em quando aparece um automóvel de proporções tão harmoniosas que imediatamente é considerado como uma obra clássica.

— Diferente de todos os outros carros.. diferente de todos os outros **FORD.**

— O andamento do novo **FORD** é tão suave que nos dá a sensação de vôo.

concessionários ford em todo o país

LINCURI, LIMITADA — LISBOA
AV. DA REPÚBLICA, 32-A • TEL. 777091/2/3

STAND MODERNO
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A • TEL. 49669
RUA JOÃO SARAIVA, 15 • TEL. 777566

«ESTABELECIMENTOS SIDA, LIMITADA»

Por escritura de 10 do corrente mês, lavrada de folhas 71 verso a 75, do livro n.º 103-B, das notas do Quinto Cartório Notarial desta cidade, a cargo do Notário Doutor Joaquim Ferraz Nunes Correia, o capital desta sociedade, que era de 100.000$00, foi elevado para 500.000$00, ou seja em mais 400.000$00, importancia esta integralmente realizada em dinheiro.

Pela mesma escritura, foram alterados os artigos 3.º e 6.º do pacto, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO

O capital social é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, está todo realizado em dinheiro e outros valores constantes da escrita e corresponde á soma de cinco quotas, uma de duzentos e quarenta mil escudos, do sócio David José Lopes, outra de cento e setenta e cinco mil escudos, da sócia Manuela Simões Junior, Limitada, outra de trinta mil escudos, do sócio José da Silva Sales, outra de trinta mil escudos do sócio Fernando Lopes e outra de vinte e cinco mil escudos, do sócio Doutor Celestino Henriques.

SEXTO

A gerência da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente, competem a todos os sócios, sem caução.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para obrigar a sociedade é preciso e suficiente que, nos respectivos actos e contratos, assinem ou intervenham dois gerentes.

Nos actos de mero expediente, basta a assinatura ou intervenção de um só gerente.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sócia Manuel Simões Junior, Limitada, será representada, quer no exercício da gerência que lhe compete, quer em todas as suas relações com os seus consócios e com a própria sociedade Estabelecimentos Sida, Limitada, unica e exclusivamente pelo seu sócio gerente Manuel Simões Junior e, na sua falta ou impedimento, pelo gerente ou delegado que lhe suceder ou o substituir, não podendo com as funções desse representante acumular-se as de qualquer outra pessoa.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Em caso algum, os gerentes obrigarão a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em outros actos e documentos de interesse alheio.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1959.

A 2.ª AJUDANTE

Maria Emilia Pinto da Silva

MORVANDELLES

SOPAS FRANCESAS

Chegou nova remessa destas maravilhosas sopas, que devem experimentar:

Lavagante, lagostim, canja com arroz, canja com massa, cebola, cogumelos, batata com alho

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DO GÉNERO

Importador:

ARTUR PAIVA, LDA.

R. D. Domingos Jardo, 17-A — LISBOA

S. R.

Ministério da Economia

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Administração do Concelho de Portimão, em todos os dias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento de um ramal aéreo a 15 kV, com 2951,7 m., do poste n.º 19 da linha Portimão-Lagos ao posto de transformação da Estação Elevatória de Enxugo dos Sapais de Alvor, da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 4 de Fevereiro de 1959.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção

VASCO DA GAMA BRANDÃO

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Leiam o jornal humorístico

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças

Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos

Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos

Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.

Dr. Henrique Soudo.

Dr. Coelho Lopes — Raios X

Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

Banco José Henriques Totta

S. A. R. L.

Pagamento de dividendo

Avisam-se os Srs. Accionistas, que está a pagamento na sua Sede, Rua do Ouro, n.ºs 69 a 79, Lisboa, o dividendo referente ao exercício de 1958, Esc. 53$60 por cada acção ao portador, já deduzidos os respectivos impostos.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1959.

Os Administradores

a) **Alvaro Belo Pereira**

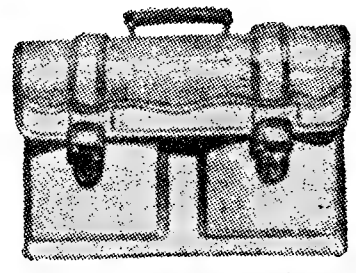
a) **Albano Rodrigues de Oliveira**

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

A Direcção comunica que no próximo dia 28 do corrente, pelas 21.30 horas, se realiza no ginásio do Liceu Camões um serão para trabalhadores organizado pela F. N. A. T. e dedicado aos sócios deste Sindicato.

Os sócios interessados devem fazer a sua inscrição até ao dia 20 do corrente mês na Sede deste Sindicato ou pelo telefone 41751.

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

O «Diário de Lisboa» vende-se em RIO MAIOR, na Fábrica Sant'Ana

linea C

FUNCHAL - RIO - SANTOS - MONTEVIDEO - B. AIRES

em 17 Fevereiro

O paquete «ANNA C»

BARCELONA - CANNES e GÉNOVA

em 20 Fevereiro

O paquete «FEDERICO C»

Os Agentes Gerais

SOC. COM. OREY, ANTUNES & CIA. LTD.

Praça Duque da Terceira, 4

Telef. 22272 LISBOA Tegm. ANTUNITA

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

mas, também, dançando e representando admirávelmente.

«Noites do Scala de Berlim» é uma comédia musical, no jeito das boas produções alemãs do género, com muita cor, musica em cataduas, inumeras situações cómicas e um fiozinho romantico a ligar todas as sequências — uma jovem artista desconhecida que, inesperadamente, ascende ao posto de vedeta e se enamora do director artístico do teatro onde trabalha.

Ao lado de Catarina Valente actua um homogéneo grupo de artistas que concorre para o agrado com que o publico recebeu «Noites do Scala de Berlim». Trata-se, realmente, de um filme que dispõe bem e merece ser visto.

Entre os complementos, exibem-se dois excelentes filmes curtos, da mais moderna escola cinematográfica. — **Visor 25**

«Veneza, a Lua e Tu», no Avis

Veneza, em fotografia a cores e colorida a imagem eterna pelo espírito optimista do realizador Dino Risi, de esplêndido bom humor, e alegrada pela presença permanente do dinamico Alberto Sordi na figura representativa do gondoleiro dos canais. Todo o filme é um encantamento turistico e humoristico, e com beldades italianas que disputam o lugar a Sofia Loren, Maria Aldasio em especial, e bons actores, todos integrados no bom espírito do filme, recomendável aos que só assim podem viajar, aos que se necessitam divertir, e ver mulheres bonitas. — **Visor 68**

«A Chave», no Eden

Uma Sophia Loren estilizada, melancólica, movendo-se silenciosamente dentro de um pijama listrado é a figura central desta «Chave», que Carol Reed realizou sobre uma novela de Jan de Hartog. A sua volta vemos William Holden e Trevor Howard, mais ou menos fascinados. Durante a ultima guerra rebocadores mal armados auxiliavam os cargueiros em perigo, levando-os ao porto de abrigo. A ameaça dos submarinos e aviões alemães transformavam estas missões em gestos suicidas. Stella vivia no porto e pelo seu quarto passaram todos aqueles que iam morrer. Era como um anjo da noite e da morte. Mas eis que esse estranho feitiço se quebra.

Filme feito com grande honestidade, equilibrado, tem algumas sugestões do «3.º homem», a escada, por exemplo.

Musica vigorosa. Notável interpretação. Bons documentários. — *Visor 109.*

No Maria Vitória

estreia-se hoje, «Encosta a cabecinha e chora...»

Salvador

Estreia-se hoje, no Teatro Maria Vitória, a nova revista «Encosta a cabecinha e chora...», uma realização de Eugénio Salvador. Os autores da revista são Amadeu do Vale, Aníbal Nazaré e Rui Martins, e a musica é de Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo; a montagem é dirigida por Hernani e Rui Martins; Pinto de Campos desenhou os figurinos do novo e luxuoso guarda-roupa, confeccionado sob sua direcção nos «ateliers» Paiva; a coreografia foi orientada por Carlos Alberto, e a direcção musical está a cargo de Carlos Dias e Tavares Belo.

Mais uma vez, a grande actriz Bibi Ferreira e o querido actor cómico António Silva serão primeiras figuras da companhia, que conta, ainda com os populares artistas Barroso Lopes, Humberto Madeira, Teresa Gomes e Mimi Gaspar. Como atracção é apresentada a escultural artista argentina Perla Cristal, que se faz acompanhar de El Bebo, o «Rei do Ritmo». Completa este valioso «cast» um numeroso grupo de jovens actrizes, discípulas e «girls», com relevo para Guida de Carlo, Lucinda Amaral, Sara de Abreu, Maria Vitória, Maria da Nazaré, Lá Féria e Bina de Almeida.

O rev. padre Duval

vai cantar no Tivoli

Lisboa vai assistir em breve a um daqueles acontecimentos que perdurará muito tempo na memória do publico, pela sua alta qualidade artística e elevação espiritual: a apresentação do reverendo padre Duval, o famoso «guitarriste du Bon Dieu», que tem percorrido o Mundo, com a sua viola, a espalhar a boa nova do amor, do bem e da beleza. Embora por onde passe deixe sempre o clamor de um êxito inesquecível, o padre Duval não consente que o tratem por vedeta. Os discos que grava, as entrevistas que concede, os concertos que realiza têm para ele apenas uma finalidade: a exaltação religiosa.

Nascido em 30 de Julho de 1918, em Val d'Agol, os pais puseram-lhe o nome predestinado de Aimé. Possuidor, desde a mais tenra infancia, de propensões artísticas e vocação religiosa, acabou por fundir os dois pendores e pôr a sua voz maravilhosa e os seus grandes dons de compositor ao serviço do amor dos homens e de Deus. E hoje, esguio, olhos azuis, cabelos negros, rosto patético, percorre o Mundo de sala em sala, de teatro em teatro, a prégar a sua fé de uma forma inteiramente nova e inolvidável, através de canções aliciantes e apaixonadas.

E' este artista extraordinário que se apresentará no Tivoli, na tarde de 20 de Fevereiro, num recital cujo produto se destina á construção da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus. Lisboa vai finalmente ouvir as sublimes canções «Seigneur mon ami» «La petite tête» e outras que já conhece dos discos cantadas directamente pela voz vibrante e dramática do célebre père Duval — o padre cantor.

Crianças ao Coliseu!

O apoteótico êxito de ontem, na estreia memorável do 1.º Festival Universal de Circo no Coliseu. Todos os circos do Mundo: Esta noite as crianças podem assistir. Amanhã, «matinée» com entrada às crianças

Não se descreve a estreia sensacional, ontem, no Coliseu, do 1.º Festival Mundial de Circo. Acontecimento fabuloso, que galvanizou o publico, atirando-o para as mais grandiosas ovações. Arrebatador espectáculo como não há memória.

Hoje, ás 21 e 30, todas as crianças podem admirar o maravilhoso espectáculo do maior circo do Mundo. Circo das feras! Circo de fantasias! Circo de voadores! Circo de acrobatas e trapezistas! Circo dos palhaços! Circo equestre!

Só visto! Emocionante! Apenas dez dias. Comprem os seus bilhetes com antecipação. Amanhã, «matinée», ás 16 horas, com entrada gratuita ás crianças, até aos 10 anos, acompanhadas. A noite, ás 21 e 30.

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» vende-se bem e o «Sempre Fixe» vende-se melhor na Tabacaria Dina.

O PORTO pelo telefone

(Continua na página central)

mais de 50 metros? Raras pessoas sabiam que era seu proprietário o conhecido comerciante e industrial sr. Domingos Barreira.

Sem que se conheçam, por agora, as causas, o fogo irrompeu há dias nesse prédio. Deu-se pelo sinistro, que ocorreu ao fim da tarde, mas, se fosse de noite, a coisa seria, por certo, muito séria. Os bombeiros compareceram rápidamente e tão acertadamente actuaram, apesar de toda a construção ser fácilmente combustível, que o incêndio foi dominado. Pouco ardeu, relativamente. O fogo foi um acidente... E a casa abandonada torna-se num caso para cada qual comentar a seu modo...

*

Muitas têm sido as casas abandonadas. Uma houve até que se dizia «ter coisa ruim». Apesar de ser um palacete, foi vendida mais barata do que hoje pode custar um galinheiro...

De entre elas, aponta-se, pelo seu valor comercial, aquela onde, há muitos anos, funcionou a Academia Musical «Orfeu», na Rua Passos Manuel, paredes meias com o Ateneu Comercial do Porto, vasto imóvel também de grande extensão, maior ainda do que a «Casa do Arco», que sabemos pertencer a uma importante firma industrial do Tramagal. Herméticamente fechada, assim permanece há longos anos.

Porquê? «Chi lo sa»...

Foi aberta, também há anos, uma casa, a mais elevada talvez das construções antigas, que havia seguramente quatro décadas estava encerrada, com a particularidade de se encontrar ricamente mobilada com valiosíssimo recheio e onde as teias de aranha se assemelhavam a cortinados...

A família que a habitara fora, por qualquer razão de ordem particular, residir para Paris. Passados anos, os herdeiros resolveram fazer partilhas, pelo que leiloaram o recheio da misteriosa casa, abandonada, segundo cremos, em hora de grande desgosto. A almoeda, feita por uma empresa de leilões de Lisboa, rendeu milhares de contos, com natural surpresa dos que ignoravam haver ali, num lugar de tão grande movimento, uma grande fortuna ao abandono...

Quantas haverá por aí nas mesmas condições?

Aumento de vencimentos do pessoal dos transportes

Foi atendida, finalmente, a velha aspiração do pessoal dos serviços de Transportes Colectivos do Porto, que há anos vinha reclamando, insistentemente, aumento de salário.

Por uma nota publicada, sabe-se que os aumentos oscilam entre sete a onze escudos diários, para o pessoal assalariado. Pelo novo reajustamento beneficia ainda, o pessoal dos escritórios, em base idêntica á dos funcionários publicos e administrativos.

Foram reajustados, também, os vencimentos dos funcionários superiores, incluindo os próprios engenheiros, que há muito venciam ordenados inferiores aos dos seus colegas noutros serviços camarários.

Esta manhã, representantes dos 2.878 beneficiados pelo aumento, foram á delegação do Instituto Nacional do Trabalho agradecer ao seu delegado a acção do Governo, nomeadamente do ministro das Corporações, pedindo para que lhes fosse transmitida a sua gratidão.

Falou, em nome dos 19 sindicatos que englobam todos os sectores daqueles serviços, o sr. Joaquim Pereira de Almeida. O delegado-interino do I. N. T., dr. Justino Falcão, ao agradecer a manifestação, regozijou-se pela maneira como as diligências foram conduzidas até á obtenção dos aumentos, que implica um encargo de doze mil contos anuais.

O acto eleitoral do F. C. Porto

Á hora a que telefonamos, está a decorrer, no ginásio do Estádio das Antas, a eleição dos novos corpos gerentes do F. C. Porto, para o próximo biénio.

As urnas abriram ás 10 horas, com apreciável afluência de associados, que se distribuem pelas vinte mesas, de harmonia com os seus numeros de sócios.

Estão presentes candidatos das duas listas que, nestes ultimos dias, desenvolveram intensa campanha eleitoral, com proclamações e cartazes.

A' entrada da Avenida Fernão de Magalhães os sócios do F. C. Porto são assediados por vários indivíduos, que lhes oferecem listas.

Durante a tarde, a concorrência ás urnas deverá aumentar consideràvelmente, encerrando-se, o sufrágio ás 18 horas. A seguir, proceder-se-á á contagem dos votos.

Atropelamento

A engarrafadeira Ana Pinheiro, viuva, de 66 anos, moradora na Rua da Mesquita, em Gaia, foi atropelada no cruzamento das ruas de S. João e do Infante D. Henrique por uma camioneta conduzida por Adriano da Silva Veloso, da Travessa Central do Seixo, 300, em S. Mamede. Transportada ao Hospital de Santo António ficou ali internada por ter sofrido fractura duma perna.

Barroso Lopes

Teresa Gomes

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
Adultos — M/17 anos

Salvador

Bibi Ferreira

António Silva

HOJE
Às 20.30 e 22.45
ESTREIA

Humb. Madeira

Mimi Gaspar

Guida de Carlo

Lucinda Amaral

SALVADOR

APRESENTA

A REVISTA POPULAR

Direcção e encenação de SALVADOR

Figurinos de Pinto de Campos

Coreografia de Carlos Alberto

Direcção musical de CARLOS DIAS e TAVARES BELO

CONTRA-REGRA
Mário da Encarnação

ORIGINAL DE AMADEU DO VALE, ANIBAL NAZARÉ e RUI MARTINS com musica de FERNANDO DE CARVALHO, CARLOS DIAS e TAVARES BELO

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

Direcção de montagem de HERNANI e RUI MARTINS

Guarda-roupa dos «Ateliers» PAIVA

PONTO
Joaquim Pinto

MAQUINISTA
António Pedras

ELECTRICISTA
John Hart

Carlos Alberto

Sara de Abreu

PERLA CRISTAL
com EL BEBO

Maria Vitória

Maria da Nazaré

Lá Féria

Bina de Almeida

AMANHÃ
ESPECTACULO À TARDE ÀS 16 HORAS

Banco José Henriques Totta

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
INSTITUIÇÃO FUNDADA EM 1843
SEDE — RUA ÁUREA N.os 69 A 79
Dependências Urbanas — ALVALADE, CONDE BARÃO e DUQUE LOULÉ

Lisboa

RELATÓRIO E CONTAS — 1958

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS,

De acordo com a lei e os nossos Estatutos, temos a honra de apresentar à vossa esclarecida apreciação o relatório e contas relativos ao exercício de 1958.

Como tereis ocasião de constatar, verifica-se no ano em apreço um aumento interessante em todas as rubricas do balanço, nomeadamente uma maior aplicação de capitais postos ao serviço do comércio e da indústria, em consequência dum maior volume de depósitos, os quais passaram de 797 mil contos, em 1957, para 909 mil contos em 1958. Continua a nortear-nos — muito mais do que procurarmos em poucos anos fazer deste Banco uma grande instituição de crédito — a sua consolidação, sobretudo numa época fértil de acontecimentos de toda a espécie e na qual a maior prudência usada não deverá ser interpretada como representando menos dinamismo

Desde a sua transformação em Banco, em 1953, um largo passo foi dado, cujos resultados consideramos satisfatórios.

No desenvolvimento metódico de um plano traçado visando sempre servir cada vez melhor os seus clientes entrou em serviço, no fim do corrente ano, mais uma dependência em Lisboa — a da Avenida Duque de Loulé. Esperamos que no próximo ano nos sejam concedidas autorizações, há tempos pedidas e que as entidades oficiais ainda não puderam satisfazer, para a abertura de duas agências fora da capital.

Feitas as provisões e amortizações que nos pareceram impor-se, apresentamos o resultado líquido de:

Esc. 13.716.417$15

para o qual temos o prazer de propor a aplicação seguinte:

Para Fundo de Reserva Livre	Esc. 5.000.000$00
Para Dividendo	» 4.000.000$00
Para Provisão de Obras	» 2.500.000$00
Para Conta Nova	» 2.216.417$15

Se for aprovada a nossa proposta, o Capital e Reservas elevar-se-ão a Esc. 91.000.000$00.

Ao nosso Conselho Fiscal, aos nossos Directores, Procuradores e restante pessoal que continuam a prestar-nos colaboração das mais uteis e eficientes, desejamos apresentar os nossos agradecimentos.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manoel Augusto José de Mello — Presidente
Albano Rodrigues de Oliveira
Alvaro Belo Pereira
Luiz Emilio da Silva
Manuel César da Fonseca
António Garcez, em representação da Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1958

ACTIVO

Caixa			
Dinheiro em cofre	44.539.629$63		
Depósitos em Bancos Nacionais	159.271.759$81	203.811.389$44	
Agentes e Correspondentes no Estrangeiro		77.865.830$26	281.677.219$70
Carteira de Títulos		31.836.000$00	
Carteira Comercial		512.910.841$70	
Devedores e Credores Moeda Nacional		249.356.223$79	
Contas Caucionadas		45.996.518$37	
Agentes e Correspondentes no País		11.265.582$94	851.365.166$80
Instalações			1$00
Propriedades			10.000.000$00
Cauções Estatutárias			1.150.000$00
Contas de Ordem			585.018.424$94
			1.729.210.812$44
Volores Depositados			1.043.084.363$20
			2.772.295.175$64

PASSIVO

	688.687.611$58	Depósitos à Ordem
	220.941.343$44	Depósitos a Prazo
941.261.777$47	31.632.822$45	Agentes e Correspondentes Estrangeiros
	70.919.470$48	Devedores e Credores Moeda Nacional
	30.887.578$22	Devedores e Credores Moeda Estrangeira
102.064.192$88	257.144$18	Letras a Pagar
	50.000.000$00	Capital
	12.000.000$00	Fundo de Reserva
	24.000.000$00	Fundo de Reserva Livre
	1.150.000$00	Credores por Cauções Estatutárias
	585.018.424$94	Contas de Ordem
	13.716.417$15	Ganhos e Perdas
	1.729.210.812$44	
	1.043.084.363$20	Credores por Valores Depositados
	2.772.295.175$64	

O GUARDA-LIVROS
Alvaro Ferreira Dias

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manoel Augusto José de Mello — Presidente
Albano Rodrigues de Oliveira
Alvaro Belo Pereira
Luiz Emilio da Silva
Manuel César da Fonseca
António Garcez, em representação da Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

GANHOS E PERDAS

Lucro ilíquido		50.341.501$71
Juros e comissões abonados e amortizações	19.693.725$74	
Contribuições, vencimentos e gastos gerais	17.021.358$82	36.625.084$56
Saldo		13.716.417$15

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Mais um ano é decorrido desde que este estabelecimento de crédito foi transformado em Banco, intensificando-se desde então o seu progresso e consolidação, ao serviço do crédito e da expansão económica do País. E' isto o que pode concluir-se, observando a confiança e a preferência sempre crescentes, manifestadas pela clientela.

O vosso Conselho Fiscal acompanhou sempre com a maior atenção e interesse o movimento do Banco, verificando com regularidade e cuidado não só a contabilidade, como também os valores sob a responsabilidade da Tesouraria, carteira de títulos e existência de valores confiados á guarda do Banco, tendo encontrado sempre tudo na melhor ordem.

Nestas circunstâncias, somos de parecer:

1.º — Que merecem ser aprovados o balanço e contas, bem como o relatório do Conselho de Administração referentes ao exercício de 1958, consignando-se ao dito Conselho um voto de bem merecido louvor pela forma criteriosa, zelosa e acertada como geriu os negócios socias;

2.º — Que igualmente merecem ser aprovados os actos do referido Conselho durante o mesmo exercício, bem como a sua proposta para aplicação do saldo da conta «Ganhos e Perdas»;

3.º — Que, terminando o seu mandato os corpos gerentes em exercício, deveis proceder à eleição para o novo triénio dos Accionistas que devem desempenhar os diversos cargos;

4.º — Que deve ser manifestado o apreço deste Banco aos seus clientes e amigos, directores e chefes de serviço, bem como aos agentes e correspondentes e a todos os empregados e colaboradores do Conselho de Administração, que fizeram a diligência por bem cumprir.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1959.

O CONSELHO FISCAL
Eduardo Candido Bravo Madail
António Vasco José de Mello
João Baptista Salgueiro

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12
Leiam o «SEMPRE FIXE»

FIAT
PEÇAS LEGITIMAS
AUTO-LUSITANIA
(AGENTES OFICIAIS — LISBOA)
Av. da Liberdade, 73-79 — LISBOA

PRECISA-SE
Sócio c/ capital para firma exportadora que dá as mel. ref. com. e banc. Dá-se preferência a pessoa nova para se deslocar ao estrangeiro ou possa colaborar gerência. Resposta ao n.º 196
Em ALCACER DO SAL o «Diario de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Motor em 2.ª mão
Grupo electrogeneo de corrente contínua — com motor Semi-Diesel. 30 Cv. 460 rot. por minuto — acoplado directamente a dínamo A. S. E. A. 2X220 Volts — resposta a este jornal ao N.º 48.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O conselheiro João Franco recebia no dia 14 de Fevereiro de 1929, na sua casa ás Janelas Verdes, uma comissão vinda do Fundão para o homenagear, e dizia: «Singular destino o meu. Depois de tantas vicissitudes, há dois anos que venho recebendo manifestações de simpatia que me enchem o coração de ternura. Agora, que chegou ao fim a minha vida, recebo a consolação suprema que me dá a certeza de, inalteravelmente, ter cumprido o meu dever. Porque ao fim de algum tempo a justiça imanente, que não é uma figura de retórica, chéga para nos recompensar». E concluia: «E' fácil deitar abaixo, mas é muito difícil construir. Por isso eu não tive a veleidade de fazer coisas novas. Procurei integrar-me na tradição e, dentro dela, fazer regeneração moral. A minha boca falou sempre a verdade e é ainda a verdade que proclamo nesta hora».

EFEMERIDES

No dia 14 de Fevereiro de 1571 morreu, em Florença, Benevenuto Cellini.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio Rural; 18 e 50, operetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — Ás 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão pela Orquestra Ligeira e artistas; 22 e 30, Vozes do Mundo; 22 e 45, Mulheres e terras de Portugal; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa B — Ás 19, Aspectos da musica moderna, programa de José Carlos Picoto; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara, em que colaboram a organista Maria Celeste Silva e o trompista Adácio Pestana; no intervalo, Temas portugueses; 20 e 41, Musica de bailado; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 1.º acto da ópera «A Força do Destino», de Verdi; 21 e 45, «Quinzena literária; 22 e 15, «Quinteto em mi bemol, op. 44», de Schumann; 22 e 45, Que quer ouvir?, «Leonor», abertura n.º 3, de Beethoven, «Alexandre Nevski», cantata op. 78, de Prokofiev; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Ás 17 e 30, Um receptor para si; 17 e 45, Variedades; 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, Quer um conselho; 19 e 15, Orquestra de Ricardo Santos, 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto; 23 e 30, Mário Lanza; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, baile.

Estação de Miramar — Ás 18, Passagem infantil; 18 e 30, Orquestras e canções; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses, 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 30, Uma orquestra e uma voz; 22, Brasil; 22 e 30, Vozes e musicas da América; 23, Trechos de zarzuela; 23 e 30, Fados; 23 e 45, América Latina; 0, Baile.

RADIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Selecções em piano; 20 Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Cançonetas portuguesas; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21: abertura da emissão; 21 e 2: noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: «Juventude no Mundo»; 21 e 35: «Music-Hall»; 22 e 15: «Tele-Desporto»; 22 e 40: «Na rua e na estrada»; 23: «Usos e costumes portugueses: a apanha do moliço»; 23 e 15: actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23 e 30: fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532, Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511, Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência ao Rego, 91, Tel. 773728. Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332, Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9 D Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443; Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331, S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771169. Providência—Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luis Bivar, 69-71 Tel. 47213, Latina Av. Antonio Agusto de Aguiar, 17-A, Tel 42312. Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961. Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel 51808. Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172. Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P P C. 720703-728395. Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39 Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965. Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36 Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade) 683694. Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514 Tel 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel 660955; Micael — Rua de S. Bento 380-382, Tel 662162, Neves Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa, 37, Tel 661251, Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280. Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Quimica, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40 Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 21, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto 71, Tel. 23631; Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46190; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927. Normal — Rua da Prata 220 Tel 21342 — A —; Santa Cruz — Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, n.º 2-A, Telefone .....; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

CONFERÊNCIAS

Quarta-feira, ás 21 e 30, na Academia de Amadores de Musica, Rua Nova da Trindade, 18, 2.º, o dr. Fernando Amado profere uma conferência subordinada ao tema: «O teatro como experiência».

Esta sessão integra-se no ciclo promovido pela J. M. P. sobre «O problema da modernidade em Arte».

EXPOSIÇÕES

Amanhã, ás 12 e 30, é inaugurada na Junta de Turismo da Costa do Sol uma exposição do aguarelista M. Kitchener.

CONCERTOS

Amanhã, ás 16 horas, efectua-se, no Teatro de S. Carlos, mais um concerto pela Orquestra Filarmónica de Lisboa. Actuará, como solista, a violinista Lidia de Carvalho que interpretará o concerto de Max Brüch.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, á noite, efectuam-se bailes na Liga Regional Cojense, Academia 1.º de Setembro de 1867, Casa de Trás-os-Montes, Casa do Concelho de Tomar, Casa do Minho, Casa do Concelho de Idanha-a-Nova, no Sporting Clube de Portugal, Ateneu Comercial de Lisboa, Associação Luis Braille, Casa do Ribatejo, Casa de Ferreira do Zêzere e no Clube Estefania.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — Ás 21.30 — «O processo de Jesus»
AVENIDA — A's 21,45 — Um marido em rodagem».
A B C — Ás 20.30 e 22.45 — «Vinho novo»
MONUMENTAL — A's 21,45 — «Volpone»
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».
VARIEDADES — A's 21.45 — «A rainha do ferro-velho».
MARIA VITORIA — A's 20,30 e 22,45 — «Encosta a cabecinha e chora».
COLISEU — Ás 21 e 30 — Festival Mundial de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «As Vinhas do Senhor»
SÃO LUIS—«Viva o palhaço».
SÃO JORGE — «Norman na tropa».
IMPERIO — «Férias em Paris».
EDEN — «A chave».
POLITEAMA — «Daqui fala o morto»
MONUMENTAL — «Noites de Scala de Berlim».
CONDES — «A mulher que viveu duas vezes»
ODEON — «Marcruz»
CAPITOLIO—«Esta terra amarga».
ROMA — «Pobres mas belas».
AVIS — «Veneza, a Lua e tu».
AVENIDA — «Viva o palhaço».
JARDIM — «O cobarde».
OLIMPIA — «A cinco passos da morte»
RESTELO — «Um certo sorriso».
PROMOTORA — «O gigante».
IDEAL — «Satélite no céu».
CAMPOLIDE — «Talismã».

QUEM PERDEU ?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cão, uma nota do Banco de Portugal, um cachecol, uma sombrinha, uma luva, uma cautela de penhores, um broche de fantasia, um estojo de plástico, um cartão de sócio do Clube Nacional de Natação, um brinquedo, uma cédula pessoal, três porta-moedas, três pares de óculos, uma bota de criança, um sapato, um cartão, uma atestado, dois tampões para depósitos de gasolina, dois livros, três pares de luvas, luvas desirmanadas, argolas com chaves e diversas chaves.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas: uma quantia em dinheiro, um par de luvas, uma luva, uma mantilha, um embrulho e um saco de papel.

EMISSÕES RÁDIOFÓNICAS

O Rádio Clube Português transmite hoje, ás 23 horas, o n.º 3 de «Rua Larga», revista sonora dos antigos e actuais estudantes de Coimbra. O programa inclui um recital do Orfeão de Coimbra.

As culturas e o tempo

A chuva que continuou a cair durante esta década alternada com periodos de bom tempo foi, segundo as informações do Boletim Meteorológico para a Agricultura, editado pelo Serviço Meteorológico Nacional, de um modo geral, favorável ás culturas que continuam com um bom aspecto vegetativo, designadamente as forragens excepto os cereais das terras baixas, de difícil drenagem, que se apresentam amarelecidos ou com vigor excessivo. Em regra, observa-se desenvolvimento precoce das culturas, devido ao tempo relativamente quente que houve em Janeiro, nomeadamente das árvores que mesmo nas regiões do Norte já começaram a abrolhar.

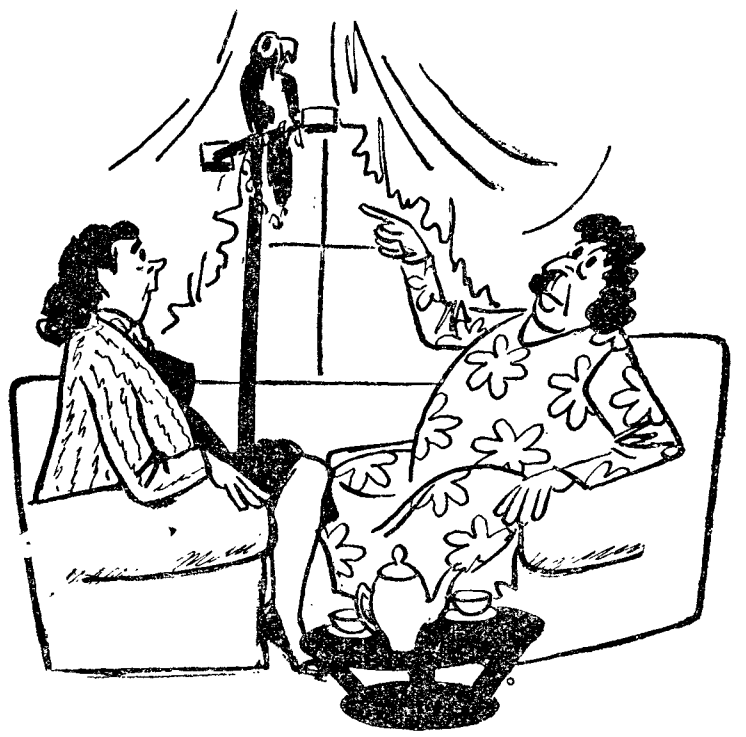
Prosseguiram com poucas interrupções os trabalhos agrícolas próprios da época, tais como podas e tratamentos fitossanitários, preparação das terras para as primeiras sementeiras de Primavera, cavas, sachas e mondas.

VIDA RELIGIOSA

As «bodas de prata» da Acção Católica

A Acção Católica Portuguesa, que está a celebrar as «bodas de prata» da sua fundação, vai reunir em Fátima os seus 102.000 filiados, numa Peregrinação Nacional que se realiza nos dias 4 e 5 de Abril.

As comemorações subordinam-se ao tema «Mobilização do laicado para uma presença da Igreja no Mundo de hoje».



— Porque não mandou o seu papagaio á exposição da passarada ?
— Ele diz muitas asneiras.
— Como o juri era inglês não fazia mal.
— Pois sim. Mas o meu genro é poliglota...

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante este mes, com juros de mora, os seguintes:

Contribuição Predial — Toda a contribuição inferior a 100$00 e a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Contribuição Industrial — Toda a contribuição quando não tenha sido paga a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Imposto profissional — Empregados por conta de outrem, Profissões Liberais e Assalariados (que não descontaram em folha de férias) — Todo o imposto se não tiver sido paga a primeira prestação em Janeiro findo.

Imposto sobre a aplicação de capitais — Secção A — A totalidade do conhecimento, qualquer que seja o quantitativo do imposto a pagar.

Imposto sobre as sucessões e doações — As anuidades de usufruto vencidas e não pagas no dia 2 de Janeiro findo.

DIVERSOS

Operações do Comércio Bancário — Acções caducadas e dividendos prescritos — Deverão ser apresentadas até ao fim do corrente mês, as relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1955 ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área da sede da companhia, sociedade ou banco, sendo feitas em quadriplicado.

Reclamações — Prédios devolutos. — Podem apresentar-se as reclamações para a anulação dos correspondentes duodecimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1958.

Contribuição Industrial e Imposto Profissional — Pode reclamar-se só a anulação de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários.

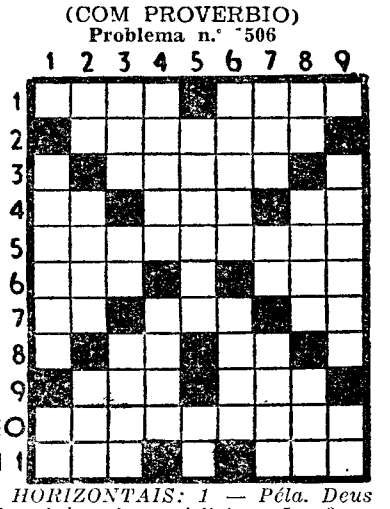
Imposto Complementar — Declaração do modelo 1 — Devem ser apresentadas as declarações deste modelo por todos os contribuintes que estejam colectados por qualquer concelho ou bairro diferente do da sua residencia. Todavia, se a adeclaração já tiver sido apresentada e não tiver havido alteração na residência do contribuinte ou da secção de finanças onde deve ser apresentada a declaração modelo 2, o modelo 1 não é de apresentar.

Declaração modelo 1-A — Esta declaração deve ser apresentada por parte das pessoas que, além dos rendimentos de contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais, recebem vencimentos, pensões, rendas, emolumentos, multas ou quaisquer outras remunerações, que com aquelas perfacam quantitativo superior a 60.000$00.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 506



HORIZONTAIS: 1 — Péla. Deus do vinho. 2 — Adicionarão. 3 — Cobrir. 4 — O sono das crianças. Chefe etiope. Reis. 5 — Fixamos a vista em. 6 — Passada. Artigo definido. Ar. 7—Batráquio. Pega. Abreviatura de idem. 8—Símbolo químico do érbio. Prefixo de negação. 9—Cólera. O sol entre os Egípcios (pl.). 10 — Abrangerem. 11 — Preposição. Certa.

VERTICAIS: 1 — Crivo. Antes de Cristo. 2 — Artigo definido. Vaga. Ilha do Arquipélago de Querimba. 3 — Rio de França. Entre nós. Estavam. 4 — Amarga. Lavrar. 5—Bico metálico que se adapta a uma caneta (pl.). Nome de uma letra. 6 — Carvão incandescente. Encoleriza-se. 7 — Rio da Suiça. 1100 em romano. Palavra japonesa que figura a seguir aos nomes dos navios que não sejam barcos de guerra. 8 — Símbolo químico do cobalto. Rilhai. Preposição. 9 — Que tem grandes ossos. Nociva.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1505

HORIZONTAIS: 1 — Rapando. 2 — Curia. 3 — EM. Lãs. Ou. 4 — Berg. Taça. 5 — Érca. Orar. 6 — Al. As. 7 — ABRIL. 8 — Os. Ror. Rã. 9 — CADA. MMIV. 10 — Aviai. 11 — Orna. Olga.

VERTICAIS: 1 — Sebe. Nocho. 2 — Mera. Sá. 3 — AC. Rela. Dan. 4 — PULGA. Brava. 5 — Ara. Cró. 6 — Nisto. Irmão. 7 — DA. Aral. MIL. 8 — Ocas. Ri. 9 — Luar. Gávea.

Provérbio — EM ABRIL CADA PULGA DÁ MIL.

BANQUETE

de homenagem

No Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém, os trabalhadores de descarga e escolha de peixe ofereceram hoje um almoço de homenagem ao sr. Julio Nunes Salgueiro, encarregado da Companhia Portuguesa de Pesca. Além de 130 inscritos, assitiram alguns oficiais da Armada ligados ás actividades da pesca. Presidiu ao banquete o sr. comandante Moreira Rato.

Fidel Castro

foi nomeado primeiro-ministro

e toma posse na segunda-feira

HAVANA, 14 — Em virtude do primeiro-ministro José Miro Cardona ter apresentado a sua demissão ao presidente Manuel Urrutia, o chefe revolucionário dr. Fidel Castro foi nomeado chefe do Governo cubano, lugar de que tomará posse na próxima segunda-feira.

O ministro do Interior, Luis Orlando Rodriguez, ao anunciar o acontecimento, acrescentou que, com Fidel Castro em primeiro-ministro, o país encontrará rápidamente uma solução para todos os seus problemas — (F. P.).

Os ministros serão reconduzidos?

HAVANA, 14 — O ministro do Interior do Gabinete demissionário disse hoje estar convencido que Fidel Castro, quando tomar posse do cargo de primeiro-ministro, reconduzirá nos seus lugares os ministros do Governo anterior. A unica alteração seria, portanto, a do chefe do Gabinete. — (A. N. I.).

Miro Cardona volta à advocacia

HAVANA, 14 — O dr. José Miro Cardona, primeiro-ministro demissionário, declarou, na carta em que apresentou o pedido de demissão ao presidente Manuel Urrutia que com a revolução consolidada e com a introdução da nova «lei fundamental», que estabeleceu o Governo semiparlamentar, desejava voltar á advocacia. — (R.).

O encerramento dos casinos ditou a queda do Governo

HAVANA 14 — A queda do Governo cubano, que tomou posse no dia 5 de Janeiro, foi motivada pela sua intransigência em não autorizar a reabertura dos casinos.

Ontem, durante o dia, milhares de pessoas que ficaram desempregadas com o encerramento das casas de jogo, manifestaram-se nas ruas da capital e em frente do palácio presidencial, onde estava reunido o Gabinete para estudar assunto, pedindo em altos gritos a imediata reabertura dos casinos e ameaçando que exerceriam severas represálias se não fossem atendidos na sua pretensão.

Finalmente, os manifestantes reuniram-se no Palácio dos Desportos para aguardar a decisão do Governo

Sabe-se que Fidel Castro defende a autorização do jogo em Cuba com certas limitações, enquanto o presidente provisório, Manuel Urrutia, se opõe terminantemente á reabertura dos casinos.

O «Jornal Oficial» anunciará, na próxima segunda-feira, ser permitida a reabertura dos casinos. — (A. N. I. e F. P.).

O lançamento do satélite meteorológico

(Continuação da 1.ª página)

Acentua-se que não se trata, ainda, do «observatório meteorológico espacial» a que o presidente Eisenhower se referiu, na sua «mensagem do orçamento, dirigida no mês passado ao Congresso.

Muitos dos complicados instrumentos que serão transportados a bordo do novo satélite não foram, até agora, submetidos ás rigorosas experiências para se averiguar a sua eficácia. Os cientistas esperam obter resultados preciosos, que lhes permitam confirmar ou negar algumas das noções teóricas sobre a causa e efeitos das pressões atmosféricas, e achar a solução de muitos problemas meteorológicos.

Uma máquina fotográfica, por exemplo gravitando em redor da Terra, a uma altitude superior a 300 quilómetros, fotografará a formação de nuvens. Assim, se poderá determinar a que altitude ainda poderão ser encontradas nuvens e se são válidas as actuais teorias acerca da distancia máxima em que existem condições propícias para a formação dos vários tipos de nuvens.

O novo satélite deverá fornecer também dados concretos acerca da provisão de calor da Terra, permitindo averiguar a quantidade que é recebida do Sol e a que é irradiada novamente para o espaço.

Espera-se obter, também, informações valiosas sobre a formação e trajectória dos furacões e tufões. — (A. N. I.)

Milagre!

Santa Filomena

Os milagres mais assombrosos, as graças mais abundantes, as bênçãos mais copiosas — são os frutos quotidianos da intercessão de Santa Filomena usando as medalhas desta gloriosa Santa.

A' venda na OURIVESARIA SANTA FILOMENA (fica em frente do portão do Jardim Zoológico)

O carro dos 200.000 kms.

No n.º 48 da revista «Motor Ilustrado», agora distribuido em todo o País, é publicado o ensaio do Volkswagen. Entre outros assuntos de grande interesse incluidos no sumário deste numero, encontra-se uma lista completa do preço de todos os automóveis de turismo vendidos em Portugal

Preço: 4$00.

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos **Telef. 19**

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo do Turismo

Nuvem de gafanhotos aterradora

EL AIUN (Sahara), 14. — Uma gigantesca nuvem de gafanhotos, a maior vista até hoje nesta zona da costa atlantica, passou hoje por aqui em direcção ao Norte.

Os gafanhotos cobriam uma área calculada em cerca de 310 quilómetros quadrados. — (A. N. I.).

Altos cargos da N. A. T. O.

PARIS, 14 — A Organização do Tratado do Atlantico Norte anuncia que o almirante sir Manley Power sucederá, em Março próximo, ao almirante sir Guy Brantham, no comando-chefe das forças aliadas e da Mancha.

Sir Manley é actualmente 5.º lorde do Almirantado, adjunto ao Estado-Maior Naval britanico, tendo-se distinguido, em Maio de 1945, quando dirigiu o ataque de uma flotilha de contratorpedeiros contra o cruzador japonês «Haguro», no estreito de Malaca. — (F. P.).

Bourguiba reafirmou o desejo de se encontrar com de Gaulle

(Continuação da 1.ª página)

dificuldades suscitadas entre a Inglaterra e as suas antigas possessões. E nós vemo-nos na necessidade de continuarmos a bater-nos por coisa que julgávamos já ter conquistado. Se assim fosse realmente, a França — na minha opinião e na dos meus colaboradores — poderia ser a melhor associada da Tunísia.

E' evidente que o estabelecimento de um *modus vivendi* é dificultado pela existência da guerra contra os nossos irmãos Argelinos. Mas existem, ainda assim, muitos problemas que em vez de se acumularem, poderiam ceder lugar a uma colaboração de interesse para todos.»

Terceira pergunta: «Não seria preferível que a Tunísia uniformizasse o armamento do seu Exército, obtendo as armas que lhe são necessárias, do bloco ocidental, dispensando o auxílio em armas do bloco oriental?».

«Se o Ocidente se mostrasse mais compreensivo, não teríamos de recorrer a outrem. E, no entanto, Pineau reconheceu-o plenamente: nunca foi encontrada nas mãos dos Argelinos uma unica das armas fornecidas á Tunísia pela França, pela Inglaterra ou pelos Estados Unidos.»

Durante a entrevista, o presidente Bourguiba falou com serenidade, exprimindo-se sem paixão. A concluir, exprimiu o voto de que venha a realizar-se um encontro entre ele e o presidente de Gaulle:

«Tenho a certeza de que uma conversa directa com o presidente de Gaulle poderia ter os melhores resultados nas relações entre os te Bourguiba falou com serenidade, dois países. Tenho, com efeito, autoridade suficiente para obter o acordo tunisiano. Sempre desejei ese encontro que teria, evidentemente, de ser preparado pelas vias diplomáticas.

«E é justamente num período de crise, como aquele que atravessamos, que esse encontro poderia ter os melhores resultados — suprimindo as deturpações do pensamento — sempre possíveis quando se multiplicam os intermediários entre os chefes dos Estados». — (A. N. I.).

Os desafios das reservas da A. F. L.

foram ganhos pelo Atlético, Belenenses, Benfica e Sporting

O Campeonato Distrital de Reservas teve hoje a sua 5.ª jornada, com os desafios de que a seguir damos breves apontamentos.

BENFICA, 10 TORRIENSE, 1

Jogo no Campo Grande, com bastante publico. Os grupos alinharam:

BENFICA—Barroca; Nuno e Barbosa; Amaral, Humberto e Sidónio; Reis, Mascarenhas, Carda, (depois Palmeiro Antunes), Pedro Silva e Bambo.

TORRIENSE—Idalécio; Amilcar e Luís; Vitor, Belchior e Margaça (depois Brás); Jerónimo, Carlos António, Bernardes, Saldanha e Narciso.

Árbitro—António Bernardo.

Ao intervalo, 6-1. Os «encarnados» dominaram sempre, mas só aos 20 minutos abriram o activo, por intermédio de Reis. Os Torrienses empataram, aos 23 minutos, por Narciso e os donos do campo responderam com cinco golos de Pedro Silva, aos 29, 31 e 40 minutos (o 1.º de «canto» directo e o 3.º de grande penalidade) e de Reis, aos 42 e 44 minutos.

Na 2.ª parte, aos 10 minutos Carimbo substituiu Idalécio na baliza dos Torrienses Os «encarnados» fizeram mais quatro golos por Reis (7 m.), Palmeiro Antunes (20 e 30 m.) e Amaral (27 m.).

BELENENSES, 3 ORIENTAL, 0

Jogo no Estádio do Restelo, com razoável assistência. As equipas alinharam:

BELENENSES — Fernandes; Leonel e Rosendo; Marçal, Bento e Castro; Adelino, Abdul, Wilson, Amandio e Miguel.

ORIENTAL — Augusto; Mendes e Alfredo; Cordeiro II, José da Silva e Ribeiro; José Luís, Nogueira, Adamastor, Adolfo e Luciano

Arbitro — António Branquinho.

Ao intervalo, 2-0. As duas equipas exibiram-se sobre o fraco e o jogo decorreu sem motivos de interesse. Abdul e Marçal, respectivamente, aos 36 e 41 minutos, fizeram os golos da 1.ª parte.

Aos 30 minutos da 2.ª parte Abdul elevou a conta para 3-0 e perdeu golos em série. Ao fim, Belenenses, 3-Oriental, 0.

ATLÉTICO, 0 ESTORIL, 0

Jogo na Tapadinha, com pouca assistência. Os grupos formaram:

ATLÉTICO — Oliveira; Carlos Alberto e Elmiro; Abel, Vítor Manuel e Mega; Artur, Tomás, Guerreiro, Espiga Lopes e Florival.

ESTORIL — Carvalho; Brito e Albano; Palmiro, Galvão e Rosales; Cunha, Ferrão, Caracol, Armindo e Gonçalves.

ARBITRO — Heitor dos Santos.

Ao intervalo, 1-0. De entrada o Estoril carrilou melhor e perdeu duas ocasiões de golo. Aos poucos o Atlético recompôs-se e, aos 22 minutos, com a colaboração do guarda-redes estorilista fez um golo, que ditou o resultado da 1.ª parte.

Na 2.ª parte, o Atlético esteve mais á vontade e, embora sem dominar abertamente, fez mais dois golos, por Artur e Guerreiro, aos 23 e 37 minutos, respectivamente.

SPORTING, 10 ARROIOS, 0

Jogo no Estádio José Alvalade, com escassa assistência. Os grupos

SPORTING — Carvalho; Caldeira e Peyroteo; Pérides, Galaz e Valente; Carlitos, Caraballo, Tomé, Diego e Oscar.

ARROIOS — Geada; Costa e Maximino; Daniel, Quintela e Peres; Brito, José Maria, Martins, Brandão e Roque

Arbitro — Vítor Santos.

Ao intervalo, 5-0. O Sporting dominou a respeito da réplica esforçada do Arroios. Os golos foram marcados por Caraballo (aos 9 e 23 minutos) e Diego (aos 20, 25 e 43 minutos).

Na 2.ª parte, os «leões» mantiveram o domínio mais acentuadamente, fazendo mais cinco golos, por Diego (aos 10 e 27 minutos), Caraballo (aos 23 e 40 m.) e Pérides (aos 35 m.).

Nos bastidores do futebol

A direcção da F. P. F. encontra-se reunida

Começou ás 15 horas uma reunião plenária da direcção da Federação Portuguesa de Futebol, com um programa de trabalhos que engloba diversos assuntos de grande importancia para o futebol português, não só no ambito nacional, mas, também, no internacional.

Admite-se que a reunião se prolongue por algumas horas — pela noite adiante.

Ultimas notícias

Agrava-se o estado de Foster Dulles?

WASHINGTON, 14. — Anuncia-se que a intervenção cirurgica a que Foster Dulles foi agora submetido revelou recidivas cancerosas. — (F. P.).

Raul Castro comandante supremo das forças cubanas

HAVANA, 14.—Anunciou-se hoje que para tomar posse do cargo de presidente do Gabinete cubano, o dr. Fidel Castro será substituido no comando supremo das forças armadas, por seu irmão Raul Castro.— (A. N. I.).

A «PRAVDA» ameaça de morte o imperador persa

MOSCOVO, 14 — Em editorial a três colunas, intitulado «A pérfida politica da Pérsia», a «Pravda» diz, na sua edição de hoje, que o xá da Persia sofrerá a sorte do rei Faiçal, do Iraque, ou, pelo menos, a do presidente Baptista, de Cuba, por causa da sua atitude «dupla» para com a Russia.

O órgão do Partido Comunista russo ataca violentamente a Pérsia e o xá por motivo do acordo de defesa entre aquele país e os Estados Unidos e da recusa da Pérsia em aceitar as imposições russas. O editorial está cheio de ameaças, tanto para o país como para o soberano. — (A. N. I.).

ABSOLUTAMENTE CERTO...

COMEÇA NA 2.ª FEIRA A

LIQUIDAÇÃO TOTAL

DE TODA A EXISTÊNCIA POR MOTIVO DE

DEMOLIÇÃO

NA

«MEIA» - HORA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 3

(Ao Chiado)

RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR • LISBOA • TELEFONE 77 91 68

Comunica que hoje sábado, se realiza o **BAILE DA PINHATA,** com uma excelente orquestra. Serviço especial e permanente até ás 5 horas da madrugada.

SALA DE CHÁ — TELEVISÃO — CAFÉ-BAR

Temperatura confortável em todas as salas — **(Maiores de 15 anos)**

magazine

Diario de Lisbôa

SUMÁRIO

Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Rectilineos e curvilineos
ALFREDO BRÁS

Da Vinci na Corte do Sforza
MARIA JOSÉ MARINHO

Bilhetes Paulistas
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Luzes da cidade
DULCE REBELO

Fim de semana feliz
Cicerone

Ouvir bater o coração do Mundo
William Simpson

Crónica da Rua Humilde
MÁRIO CASTRIM

O cidadão Borges Carneiro
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

RECTILINEOS E CURVILÍNEOS

Tal como o Jacinto de «A Cidade e as Serras», não consigo ir para a cama sem levar comigo meia duzia de volumes, dos quais acabo sempre por ler só duas ou três páginas. E, também como o infeliz «Príncipe da Gran-Ventura», passo tormentos de hesitação numa difícil escolha. São os inconvenientes da abundancia!

Poesia ou prosa? Romance, conto ou ensaio? Este ou aquele autor? Oscilava eu, uma destas noites, entre um bom pedaço de prosa do mestre Aquilino e um poema de Álvaro de Campos, quando me surgiu uma ideia luminosa. Porque não as duas coisas no mesmo livro: um bom naco de prosa entremeada com poesia da melhor? Não hesitei mais. Agarrei num dos volumes do «Diário» de Miguel Torga, fui para a cama, abri o livro ao acaso, comecei a ler e logo se me deparou este magnifico pedaço:.

«Passei as horas livres da manhã a ver cair um chopo em frente da janela do meu quarto.

«Que dignidade, a daquela morte! Enquanto pôde, aguentou as machadadas aprumado como uma pura consciência, sem estremecer; quan-

(Continua na 3.ª página)

Viagem à roda da lareira

E' NESTES dias soturnos e frios de Inverno, que retêm o Inglês junto do lume largo da lareira, que se fazem os planos de férias para o Verão, lendo e relendo brochuras das agências de viagens, folheando guias dos caminhos de ferro, procurando através daquela espessura de papel «couché» o rincão amável e cálido do Sul, onde o Sol derrame numa pureza azulada o oiro faiscante da sua luz.

Antes da guerra ninguém pensava em iniciar preparativos de viagem com uma tal antecipação, mas logo nos primeiros anos de tranquilidade que se lhe sucederam as agências avisaram os seus clientes da necessidade de reservar alojamento cedo nos hoteis e pensões, devido ao numero limitado de quartos de que dispunham.

E o hábito — esse verme prosaico da vida inglesa — instalou-se no calendário doméstico e enraizou de tal modo que, apesar das circunstancias terem mudado, é nesta altura do ano que a imaginação se liberta da bruma suja para os oásis soalhentos do Continente.

No intuito de servir a curiosidade do publico, a Imprensa edita suplementos e numeros especiais, os livreiros anunciam longas listas de livros de viagens, a Rádio entretém os seus ouvintes com cançonetas da outra banda do canal e a Televisão exibe filmes de propaganda turística.

Enquanto o vento uiva lá fora, vão-se fazendo cálculos, consultando os cambios e apreciando as vantagens de um novo país a conhecer.

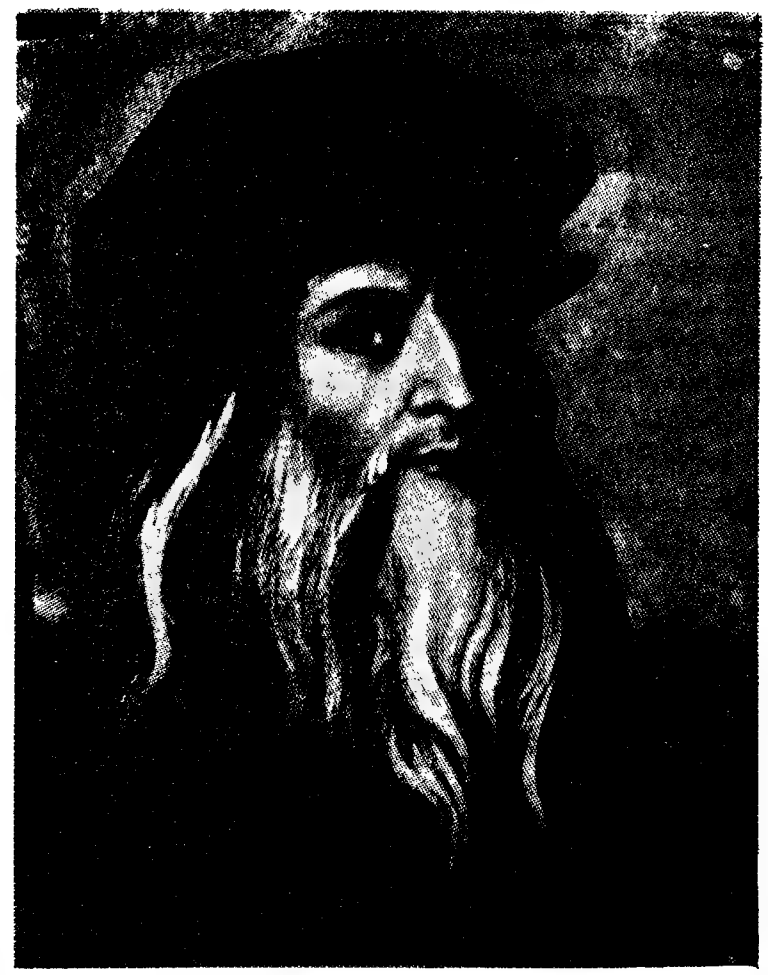
A França, á soleira da porta, atrai sempre um grande numero de visitantes não só por uma velha aliança cultural, como também por uma antiga camaradagem de armas, estabelecida menos por vontade do que por obrigação das vicissitudes históricas.

Na França encontra o Inglês o requinte e o polimento, que lhe faltam em casa nas pequenas coisas da existência diária, e uma solta alegria de que o seu coração anda ávido. São as modas e perfumes para madame; os museus, os «cafés» de Saint-Germain des Près, a «Rive gauche», a desenvoltura buliçosa dos rapazes de Boul'Miche para a menina; e o can-can do «gay Paris», os corpos nus das bailarinas do Tabarin para papá, que se delassa numa doce e velha saudade do tempo que fugiu. E é para todos eles um feriado de colegiais em festa, uma distensão dos nervos arrasados pela rigidez da civilização.

O Inglês já não é hoje o bisonho puritano dos dias da rainha Vitória, trilhando desconsolado os caminhos da Europa com o oficioso Baedeker debaixo do sovaco. Ainda vai em rancho, é certo, numa excursão da Cooks, em visita a monumentos famosos guiado por um cicerone a escorrer erudição. Mas a pouco e pouco tem-se tornado mais ousado, e,

(Continua na 7.ª página)

Por
LUIS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE ONDRES



Da Vinci na corte do Sforza

Corria o ano de 1483. Leonardo da Vinci acabava de se instalar na corte de Ludovico Sforza, o Mouro, Duque de Milão. Vinha de Florença, da casa dos Medicos. Ia fazer trinta e um anos.

Nesse curto espaço da sua vida mostrara já o inesgotável poder do seu génio. Interessava-se por tudo, sempre roído por uma insaciável curiosidade, e acerca de tudo tinha sempre algo de novo a dizer. Pintura, escultura, arquitectura militar, balística, hidráulica, anatomia eram campos familiares ás suas observações e experiências. Os Medicis um tanto cansados do ambiente de desconfiança e inveja que os outros eruditos e intelectuais haviam criado á volta de Leonardo, não se tinham oposto á sua ida para a corte de Ludovico.

Este, que logo se constitui protector do génio florentino era um homem astuto e cruel — envenenara o sobrinho para lhe usurpar o trono — mas, estranhos e contraditórios aspectos de natureza humana, sincero cultor da arte e fervoroso admirador do singular talento de Leonardo. Casado com Beatriz d'Este, que pertencia a uma antiga e ilustre casa, também tradicionalmente protectora da arte, transformara a sua corte em um dos mais brilhantes centros da cultura renascentista.

Sforza, o segundo do nome, tivera uma origem humilde. Era neto de obscuro camponês italiano, cujo nome teria desaparecido na vala comum, se Francisco, seu filho, ambicioso e esforçado, não se tivesse alistado nas tropas mercenárias que então infestavam a Itália ao serviço dos pequenos estados, e não tivesse conquistado o nome e a glória a golpes de espada. Alçado rápidamente a comandante, cobiçado por Veneza e Milão que disputavam os seus serviços, tornara-se o *condottiero* mais respeitado e temido da Itália. Os seus feitos e valentia valeram-lhe o apodo de Sforza (esforçado), que iria substituir o seu humilde nome de familia.

E este filho de camponês atinge o apogeu da sua fulgurante carreira quando Visconti, duque de Milão, para o atrair definitivamente ao seu partido, lhe oferece a mão de Branca, sua unica filha e herdeira. Assim, Francisco, simples *condottiero*, será elevado á mais alta dignidade do ducado de Milão, um dos mais importantes estados da Itália dessa época.

Mas já nesse ano de 1483 o trono que Ludovico, o ambicioso filho de Francisco, conquistara por um tão ignóbil preço, se tornara vacilante. A Itália era então um torvelinho de ambições, rivalidades, ódios, lutas sem quartel. Sforza tentava, graças a uma politica astuciosa e oportunista, salvar Milão das ambições alheias e particularmente da cobiça dos Franceses que interferiam abertamente nos destinos da Itália. Carlos VIII de França pretendia o reino de Nápoles e seu primo, duque de Orleans, futuro rei Luís XII, o ducado de Milão.

Porém, ainda durante perto de vinte anos Ludovico, o Mouro, conseguirá manter o seu estado fora da tempestade. Perto de vinte anos da vida de Leonardo da Vinci, ao longo dos quais produzira algumas das suas mais belas obras: os retratos de Ludovico, Beatriz d'Este, Lucília Crivili (conhecido com o titulo de «A Bela Ferroniere»), Cecília Galerani, estas duas favoritas do duque. Deste período também a célebre Ceia, executada, segundo parece, para satisfazer um desejo do seu protector.

E então aproxima-se o fim da sua estadia. Chegamos ao ano de 1499 e á entrada das tropas francesas no ducado. Porque Luís XII, sucessor de Carlos VIII, conseguira finalmente ver realizado o seu sonho: ocupara Milão depois de ter

(Continua na 7.ª página)

por
Maria José Martinho

FERNANDO LEMOS poeta que se realiza como pintor

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

bilhetes paulistas

SÃO PAULO, Janeiro — A ideia que a maioria dos Portugueses faz de São Paulo é completamente falsa. Já o afirmámos em crónica anterior em que tratámos dos aspectos puramente físicos da metrópole bandeirante e repetimo-lo hoje, tendo em vista certas facetas do seu clima humano.

Tem-nos acontecido encontrar Portugueses há muito residentes em São Paulo que se queixam amargamente da ausência de convívio, do desinteresse paulista pela vida de relação, da inexistência desse indispensável estabelecimento para discussões estéreis que é o «café». Semelhante estado de espírito apenas revela um conhecimento muito superficial da realidade. São Paulo não é apenas a trepidante capital do progresso onde as pessoas que cruzamos na rua parecem sempre apressadas, não é sòmente a urbe dos negócios onde o dinheiro está presente em cada conversa, em cada atitude, em cada pausa. A velha cidade de Manuel da Nóbrega apresenta-se sob prismas completamente diferentes a todos aqueles que se sentem mais atraídos pela vida do espírito do que pela perspectiva da riqueza.

Em pleno centro, o «bar» do Museu de Arte Moderna (hoje «apenas bar», porque a pinacoteca mudou-se para o Ibirapuera) é, por exemplo, um local de passagem obrigatória do «tout São Paulo» das Artes e das Letras. Quem quer que ali entre a partir das seis da tarde, de tudo ouve falar, desde a ultima peça estreada em Paris aos mais recentes «best-sellers» das literaturas americana e soviética. Lindas e estranhas mulheres, «gentlemen» no estilo do século passado, jovens «desabusés», escritores e pintores consagrados e poetas desconhecidos, com meia duzia de versos publicados em jornais da província, de tudo se encontra

(Continua na 8.ª página)

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

Outra vez o «sexo fraco» em evidência. A vencedora apresenta uma nova definição económica que muito vai interessar os especialistas. Apareceram respostas dos mais diversos tipos desde o musical aos problemas de trânsito. Um concorrente propõe a criação duma nova caixa de previdência

Na realidade o «sexo frágil» está a evidenciar uma força invencível e calcula-se que, a continuarem as coisas assim, muitos concorrentes do «sexo forte» passarão a apresentar-se com pseudónimos femininos a ver se o disfarce dá sorte.

A sr.ª D. Cidália Maria Rocio (Barreiro) demonstra altos conhecimentos da economia política. A sua definição está destinada a servir de base a uma revisão de muitas noções rotineiras. Diz com efeito a ilustre senhora que:

Garganta é a carteira do pelintra.

E as «anginas» são o senhorio, o padeiro, o leiteiro — e toda a restante casta de beneméritos.

Pedimos á vencedora que nos indique a sua morada.

O concorrente Nihil que enfileira na corrente zoológica já bem conhecida dos nossos leitores, afirma que:

Garganta é a ave canora que só canta de poleiro quando tem o papo bem cheio.

Isso é ás vezes. Na maioria esmagadora dos casos quem tem garganta não tem poleiro nem tem papo. São «órgãos» a mais para uma pessoa só.

O sr. Alvaro Manuel Machado, do Porto, e a sr.ª D. Marquinhas Amélia, de Aveiro, mandam-nos a mesma definição num estilo que faltava ao nosso concurso — o estilo automobilístico:

Garganta é o tubo de escape da vaidade.

Só o que não deita é fumo. Queima em seco.

Vários concorrentes enfileiraram no género musical.

Garganta — diz o sr. José Marques Beirão, de Alpedrinha — é **um instrumento de cordas vocais, em que muitas vezes um «sol» saído de «lá» faz «dón».**

Quase sempre. Mais musical, porém, é o sr. Alberto Silva do Porto:

Garganta é o hino dos farfarrões depois de levarem uma tareia mestra.

A pena é que poucas vezes se canta depois da tal tareia mestra. A tareia mestra é a consequência da cantoria.

O sr. Manuel S. Neves (Lisboa) também enfileirou na corrente musical:

Garganta é um órgão que a vezes é de prata.

E o sr. Américo de Oliveira (Fundão):

Garganta — aparelho fónico que ás vezes dá som demais.

Bom, eu conheço outros aparelhos fónicos que dão som demais e não são garganta. Veja, para não entrarmos em pormenores eruditos que nos poderiam levar longe, a definição dum leitor quase anónimo (assina C. C.):

Garganta — «órgão» em que São Carlos, São Bento e Santo António exigem a mais perfeita afinação.

E aqui se acabou a série musical. Começa agora a dos que se dedicam a assuntos de transito:

Garganta — afirma o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra — **é uma passagem muito estreita por onde se fazem passar coisas muito largas.**

Não é apenas a garganta que tem essa vantagem em matéria de transito. Mas ainda sobre este assunto, diz o sr. Dario Marques da Silva (Caldas da Rainha) que:

Garganta é o local por onde entram farófias e saem basófias.

E o sr. António Rafael, da mesma terra, considera que:

Garganta é a unica via de circulação para que não existe código.

A unica não digo; e olhe que ás vezes se paga pela língua.

A sr.ª D. Maria Rodrigues, de Lisboa, e o sr. M. A. Catarino, de Coimbra, têm a mesma feliz definição:

Garganta é a valentia dos covardes.

A nossa assídua concorrente C. H. B. (Carcavelos) hoje manifestou grandes inspirações artísticas:

Garganta — doença dos «pintores» que fazem com ela grandes composições.

E que dizer deste arroubo histórico?

Garganta — desfiladeiro das Termópilas da maioria dos faladores. (Manuel Fraga Junior, Lisboa).

E' formidàvelmente simbólico, mas o leitor esqueceu-se que os Persas só passaram no desfiladeiro supracitado depois da traição do pastor.

O sr. Carlos Feteiro (Caldas da Rainha) ainda não se esqueceu do sinapismo dos impostos:

Garganta — desabafa — é uma espécie de autopublicidade de que não se paga imposto.

Então é aproveitar, amigo. O pior é se se paga com piores modalidades.

Para se precaver é que o sr. Fernando José Rodrigues propõe a criação duma nova Caixa de Previdência, pois sustenta que a garganta é:

A Caixa de Previdência dos tenores e dos carrascos.

Também são abrangidos nos benefícios ás vitimas destes?

Uma jovem, Maria Manuela Xavier (Lisboa) parece ser barra em anatomia:

Garganta — descreve — é o poiso habitual das gravatas e bravatas.

Justo! Pode estar certa de que, de agora em diante, mais nenhum médico se enganará.

Ainda no mesmo campo altamente anatómico, diz-nos o sr. José Pessoa Graça (Queluz):

Garganta — parte do pescoço que, apesar de muito escondida, anda ás vezes muito á mostra.

Para terminar esta, que é digna de Antologia:

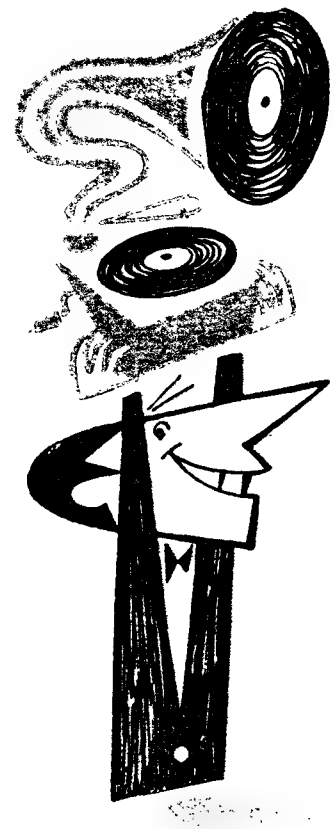
Garganta — um tunel em que o metropolitano é a zaragatoa.

Para a próxima semana fica a concurso a palavrinha

BARRIGA

As respostas devem estar em «Magazine», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao dia 21 de Fevereiro.

disco da semana



LUIS MARIANO

Sempre que Lisboa canta — Maringa — Venezuela — No meio de uma ilha

A Voz do Dono 7 LEG 5000

A vinda a Portugal do famoso tenor basco provocou nova onda de interesse pelos seus maiores sucessos. «Violetas Imperiais», «México» e «Bajito asi», andam de novo na boca dos discófilos que os procuram com renovado interesse.

A juntar á vasta discografia de Mariano «A Voz do Dono» publicou um «extended-play» com quatro numeros de êxito internacional. Muito nos apraz registar entre eles o famosíssimo «Sempre que Lisboa canta», inspirada melodia de Carlos Rocha, autêntico fabricante de sucessos.

De Luís Mariano resta dizer que nestes quatro numeros está, como em todas as suas gravações, perfeitamente bem. Um bom disco que as suas «fans» acolherão com entusiasmo.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 95.

VERSO... E REVERSO DA SEMANA

Alto cinemascópio, cor de Luxe.
Paris. Olympia. Vai cantar-se o fado...
«A Amália é a coqueluche...»
— dizem-me aqui ao lado.
Pois que seja. Aliás, eu quero crer,
Após ter sido tanta coisa (á letra
fadista, actriz, cançonetista, etc.)
só «coqueluche» lhe faltava ser.

* * *

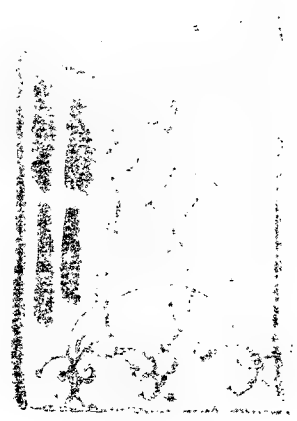
O Teatro da Trindade
desta vez
descobriu — é verdade! —
o teatro português.
Luís Francisco Rebelo eis a servi-lo.
«Pássaro de asas quebradas» — escreveu.
La estarei a vê-lo e a aplaudi-lo.
De asas cortadas — mas voou — e venceu...

* * *

A notícia do dia:
a Sofia
vai-se divorciar.
Anda no ar
Uma pergunta ansiosa:
quem vai colher a rosa
desta vez?
Quem vai ser o marido da estrela
(Um cometa, suponho...)
O marido de facto — porque em sonho
qual de vocês
já não casou com ela?

FIM DE SEMANA FELIZ PARA ...

«Portugal é tão infeliz que os seus naturais o trocam, chegando a épocar estival, pelos lugares estrangeiros...». Isto foi dito no século passado e embora concordando que o seu ilustre autor exagerou na afirmação, não deixaremos de notar muita verdade nela. Não tanto no que se realiza mas no que se sonha. Quem há aí que tendo dinheiro suficiente e lazeres bastantes não anda de agora pelos «Skis» da Suíça e da França, cheios de neve e snobismo. Quem, não tenha dinheiro nem lazeres, desiste de sonhar com as montanhas nevadas, com as paisagens surpreendentes que admiram já na folha de Janeiro dos calendários turísticos?



Estes, como disse, são em maior numero. Fatigam-se de sonhar alto e não dão conta da realidade que passa á sua porta. Refiro-me, notem bem, á burguesia porque o povo mais arraia miuda sobeja-lhe tempo para sonhar mas com a paisagem do pãozinho sobre a mesa!

E não vão supor que o mal de trocar os passeios ou os sonhos deles da nossa terra pelos da terra alheia ataca só os adultos. Não, senhor. Num inquérito que tenho feito a 100 rapazes e raparigas, cujas idades oscilam entre os 13 e os 18 anos, eis como responderam eles á pergunta: *qual o passeio que gostaria mais de dar nesta época do ano?:* todos a Franças e Araganças e apenas dois ao pátrio ninho, um á Covilhã e outro ao Algarve. Está mesmo a ver-se que o móbil do primeiro era a neve e que o móbil do segundo era a amendoeira em flor. Pois não senhor, não era. O da Covilhã preferia-a para acompanhar o seu clube preferido «que lá vai jogar uma partida difícil». e o segundo escolheu o Algarve porque iria visitar a tia Adriana que faz uma uvada bem boa...

Senhores! (apetece-me a mim gritar a quem isso possa). E' urgente nacionalizar os sonhos da nossa Juventude. Convençam-se que a pior das desnacionalizações começa pela degradação dos sonhos. Há que dar á imaginação dos moços através dos livros escolares, da Imprensa, dos cartazes, da Rádio, da Televisão, enfim, por todos os meios possíveis, a paisagem do nosso Minho, do nosso Vale do Vouga, das nossas Beiras, do nosso Algarve. Portugal não é um país pobre. Simplesmente, ou as suas riquezas estão mal distribuidas ou mal exploradas. A sua beleza é uma das maiores e deixamo-la ao desprezo...

Ora, amigo leitor, que venho eu receitar-te para óptimo passeio? Nada mais nada menos do que o Algarve...

Isso mesmo. Acredita que não é impraticável. Se consultares bem os horários dos transportes que nos ligam áquela província tenho a certeza de que hás-de encontrar algum que te convenha para uma rápida surtida. Rápida mas inesquecível. Sabes tu o que é o campo a perder de vista, o vale imenso, com

o véu da noiva branco e rosa a arrastar-se na extensão de muitos quilómetros? Sabes tu o que é ver a terra menina, os olhos mansos e límpidos, a recitar um dos mais lindos poemas da Paz, entendido por gente de todas as nações? Pois, meu caro, não percas tempo se queres admirar um dos mais extraordinários espectáculos da paisagem — e sonhar que és tu o príncipe por quem a princesa da lenda estava apaixonada, que era para ti que ela se vestia de branco e de sonho...

E se passares em Faro procura a tia Adriana. Diz-lhe que vais da parte do Jorge, o sobrinho dela, a provar a deliciosa uvada que a tia Adriana faz. Juntarás assim o util ao agradável... e o passeio ficará duplamente inesquecível...

CICERONE

CRONICA DA RUA HUMILDE

A PONTE

por MÁRIO CASTRIM

Relatámos na primeira crónica as dificuldades que experimenta a Rua Humilde quando chove. Práticamente, fica separada do resto da cidade visto que a inundação a bloqueia pelo sul e a outra saída «fala» para a encosta abrupta que leva, por um carreirinho equilibrista, até á estação do caminho de ferro.

Durante as horas que o esgoto emprega para dar vazão á água, como fazem os meus vizinhos e eu próprio para ir á lida? Eis o que vou desvendar na presente crónica.

A rua fica em plano inferior ao bairro do nascente. De algumas casas (da minha, por exemplo) vê-se perfeitamente quem anda á ciranda na «rua de cima», como nós lhe chamamos. Quanta vez passo horas esquecidas assistindo ás grandes partidas de berlinde, que os mocinhos organizam na rua de cima. Partidas «internacionais» que provocam um entusiasmo difícil de descrever.

Antigamente, diz-se, muitos dos prédios da Rua Humilde estavam ligados á rua de cima por estreitas pontes. Já não é do meu tempo, isso, nem, que eu saiba, de nenhum vizinho mais idoso. Hoje, nessas condições, existe só a do prédio n.º 47. Uma «passerelle» une o passeio da rua de cima á porta da cozinha, no segundo andar.

Nesse segundo andar mora a senhora Ernestina que todos teimam em chamar *Arnestina*. Ela, o marido que é apontador do cais, e a tia, a senhora Natividade, que toda a rua conhece por «Bruxa». A senhora Ernestina está na casa dos quarenta. Teve uma vida atribulada (diz-se...) até casar com o Armando. Isso não a impediu de engordar e de andar agora pelos oitenta quilos.

Conta-se que nos primeiros tempos de casada tão feliz se sentia que não saía nunca de casa. O marido, á tarde, trazia-lhe os mantimentos que ela se limitava a preparar. Talvez viesse tudo a passar despercebido se, numa ocasião, na mercearia, a Ernestina não se abespinhasse com o galego que lhe perguntava na voz insípida do costume:

— Que mais há-de ser, senhora Ernestina.

Aqui d'El-Rei que foste tu dizer! Ia-o comendo vivo. *Dona Ernestina* é que era! Não queriam lá ver! O galego, estupefacto, olhava-a por cima dos óculos. Não deu troco. Mas a cada fregueza que vinha chegando, contava ao mesmo tempo que pesava o arroz ou fazia as contas no papel grosseiro:

— Não quer ver há bocado, a Ernestina...

Não tardou uma hora que toda a rua conhecesse a história. As mulheres perceberam que se tratava da vaidade de casadinha de fresco, senhora da sua casa, apaparicada pelo marido, dinheiro na mão para gastar. Em qualquer outro lado, tudo ficaria por aí. Na minha rua, não. Quem faz mal, presta contas ou é lançado ao despreso. Já houve quem escolhesse esta segunda alternativa (como relatarei mais adiante) mas os resultados foram desastrosos.

No dia seguinte, quando a mulher do Armando descia a rua, deu de caras com a Maria Augusta, a do Jaime Latoeiro, que a interpelou.

— Adeus, ó *Arnestina*. Ai, desculpa! *Dona Arnestina!*

Este *dona* vinha tão jogado na brincadeira que a Ernestina empalideceu. Trocaram meia duzia de mimos, de ofenderem pai e mãe. Ficaram de mal, elas que se conheciam há tanto anos. Quando uma vizinha amiga comum procurava fazer as pazes, a Ernestina rematou orgulhosa e decisiva:

— E' para a morte.

A questão é que não voltou a falar-se mais no *Dona*...

O transito, nos dias de enchente, faz-se todo pela casa da Ernestina, em direcção á rua de cima. Nessa época, a porta nem se fecha. Entramos, passamos o corredor em direcção á cozinha. Aí, sentada ao canto, numa cadeira baixinha, está a velha, a «Bruxa». A unica portagem que pagamos é os «bons dias» ou «boas tardes» a quem está.

A «passerelle» anda sempre arranjada com um carinho inexcedível. Embora na posse da Ernestina todos a consideram como fazendo parte da rua, como sendo pertença de todos. A ninguém passaria pela cabeça (nem á própria Ernestina) proibir quem quer que fosse de servir-se dela. Todos concorrem para facilitar a vida da dona da casa: uns, levam jornais para atapetar o corredor e a cozinha, outros tomam á sua conta a lavagem da escada nessa semana. Dos vasos dispostos nos muros da «passerelle» nenhum foi comprado pela mulher do apontador.

Na primeira chuvada depois da zanga, a Maria Augusta mostrou-se ao princípio renitente em passar pela casa da Ernestina em direcção á rua de cima.

— Ela faz mal — comentou esta — Uma coisa não tem nada com a outra...

Nesse ano a Maria Augusta passou uma semana no Carregado. Trouxe de lá um vaso grande, de duas asas.

— E' para a ponte... — disse á vizinha

Fizeram as pazes. O vaso é aquele á esquerda com uma grande e feliz begónia.

Novas galinhas

Pedro Sopikov, biologista de Leninegrado, acaba de demonstrar, pela primeira vez, a hereditariedade dos caracteres adquiridos.

Fazendo transfusões de sangue em galinhas Leghorn e Australorps, obteve uma nova espécie que se caracteriza por uma carne mais tenra, um peso cinquenta por cento mais elevado e uma postura de 170 a 180 ovos por semana.

Estes caracteres são transmissíveis.

Rectilíneos e Curvilíneos

(Continuação da 1.ª página)

do o gume lhe tocou no cerne, de uma vez só, sem se curvar, caiu».

Não consegui ler mais nada. Este problema da verticalidade incurvável, da rigidez que quebra mas não verga, tocava-me muito de perto. Aí estava motivo para uma longa meditação e mais algumas horas de espertina. E vai daí, comecei a tecer em redor do aprumado chopo do Miguel Torga as descosidas considerações que se seguem.

* * *

Costumam os tratadores de caractereologia classificar os homens em vários grupos, consoante os traços predominantes dos seus respectivos caracteres, quando bastaria dividi-los muito simplesmente em: rectilíneos e curvilíneos. No primeiro deste grupos caberiam todos aqueles que, como o chopo do Torga, têm aprumo, têm dignidade na vida e na morte e só tombam quando o gume lhes toca o cerne, mas mesmo assim firmes, direitos, tal como viveram. Para o segundo grupo iriam os seres ondeantes, viscosos e adaptáveis a todas as maneiras e a todas as circunstancias, que vivem em indigno desaprumo e mal o machado da vida os toca se deixam pender flácidos e enrodilhados.

* * *

Mas, antes de mais nada, cumpre esclarecer um equívoco que se estabeleceu, não sei se intencionalmente, acerca de rectilíneos e curvilíneos, o qual consiste em atribuir aos primeiros o grave «defeito» do orgulho e aos segundos a grande «virtude» da humildade, esquecendo de maneira lamentável que o sentimento geralmente apodado de orgulho nada mais é do que uma íntima noção da dignidade inerente á pessoa humana, ao passo que a humildade, qualidade muito apreciável nos cães, é geralmente o nome com que a sabujice se disfarça. E este estranho equívoco recebeu ingénua sanção de algumas pessoas religiosas, imperdoávelmente esquecidas de que sendo o homem, segundo a própria religião, feito á imagem e semelhança do seu Criador, não poderá deixar de ter essa íntima noção da sua própria dignidade e só a Deus se deverá humilhar.

Note-se, porém, que não estou falando dos humilhados, nem dos humildes por condição social, mas unicamente daqueles que se rojam de maneira nojenta diante dos mais poderosos, que dobram servilmente a espinha, que adulam e bajulam na expectativa de lucrativas benesses. Porque o amargo travo do fel da humilhação até pelos mais rectilíneos é muitas vezes conhecido e as condições chamadas humildes não são incompatíveis com o mais elevado sentido da dignidade.

* * *

Os curvilíneos, por temperamento, começam a manifestar-se desde a mais tenra infancia e todos nós travámos conhecimento com tipos desse género logo nos bancos da escola. Quem haverá que senão recorde ainda com nojo de certos colegas conhecidos por «engraxadores», em consequência da «humilde» posição por eles assumida diante dos professores e que por esse motivo eram desprezados por toda a «malta»?

Os curvilíneos por deformação só muito mais tarde se manifestam. Enquanto crianças e adolescentes, têm um comportamento sensívelmente igual ao dos rectilíneos; mas adaptam-se logo que surge a idade adulta, com a mira de fazerem «carreira». Ao contrário dos rectilíneos, que passam todo o resto da vida a pretender forçar a circulação daqueles valores morais com que a educação oficial os atulhou desde a infancia e ainda mesmo depois de terem verificado que eles não têm circulação no mundo corrupto onde serão forçados a viver, os curvilíneos por deformação procuram trocar esses valores por outros que, embora sem moral, dêem dividendos.

* * *

Vejamos, por ultimo, como se comportam os curvilíneos na vida prática.

Suponhamos, por exemplo, que o amigo leitor está empregado numa repartição ou num escritório cujo chefe é um curvilíneo. Esse chefe terá por sua vez outro chefe diante de quem se curvará e assim sucessivamente até ao cimo da escala, dada a hipótese de que todos eles sejam da mesma espécie.

Imaginemos agora que todos os funcionários dessa repartição ou desse escritório são do tipo curvilíneo e seremos forçados a reconhecer que tudo se passará numa encantadora e simétrica série de curvaturas desde a base até ao cume, embora com uma ou outra dentada nas costas ou nos calcanhares (depende da amplidão da curvatura) no parceiro que fica adiante. Mas, se por acaso um dos funcionários, um só que seja, é do tipo rectilíneo, lá temos a série interrompida e sobre ele tombará a surda antipatia de todos os curvilíneos, superiores, iguais e inferiores. Uma ou outra cabeça que se erga no meio de muitas que se curvam, constituirá sempre uma ofensa, um desafio e um péssimo exemplo.

E são sempre gravíssimas para os rectilíneos as consequências da sua rigidez de espinha. Para eles, nada de condescendências, nada de protecções, nada de promoções. «Se não te curvas — pensará o chefe — é porque trabalhas pouco, visto que o trabalho deve produzir uma natural curvatura de espinha. Se não me adulas, se não te ris servilmente quando eu pretendo ter graça e não sorris amabilíssimamente quando te concedo a honra de um cumprimento, se não mostras um ar compungido quando me doi a cabeça e não tremes de medo quando me sabes mal disposto, então é porque te supões superior a mim, a mim que sou teu «chefe» e que conquistei este lugar com tantas adulações, tantos risos servis e sorrisos postiçamente amáveis, tanta compunção e tão incómodas curvaturas de espinha. Curva-te também, faz como eu e como sicrano e como beltrano, que são tão bons rapazes, tão bons funcionários, tão «humildes» que até dá gosto protegê-los».

Assim pensarão, muito provávelmente, os chefes curvilíneos acerca dos empregados rectilíneos e por isto se verá como é difícil para quem depende de um indivíduo dessa espécie — e quem não dependerá? — conservar a espinha direita. Só talvez nas profissões liberais os rectilíneos conseguirão sê-lo sem consequências tão graves, embora mesmo assim com muitas dificuldades e inumeros contratempos.

* * *

Tais foram, amigo leitor, as considerações que ocuparam as minhas horas de insónia. Serão talvez um tanto péssimistas e desencorajadoras para os rectilíneos, mas isso não impede que eu tenha como máxima ambição da minha vida poder acabar como o chopo do Miguel Torga, isto é, cair ainda bem direito quando o gume me atingir no cerne. Quanto ao resto, os curvilíneos que se governem e lhe faça muito bom proveito.

ALFREDO BRÁS

NOVAS DO JAPÃO

A firma cinematográfica japonesa Shin Toko acaba de produzir um filme intitulado «A Grande Guerra da Ásia e a justiça internacional». Com ele, pretende provar-se-se que

1) O ataque de 7 de Dezembro de 1941 contra Pearl Harbour foi um acto de legítima defesa e não uma agressão contra os Estados Unidos.

2) Os criminosos de guerra japoneses, julgados depois do conflito, estavam inocentes.

As autoridades americanas haviam proibido a todos os G. I. estacionados no Japão, de figurarem no filme em questão. O papel do general Mac Arthur acabou por ser desempenhado por um comerciante australiano.

O filme estreou-se no dia 3 de Janeiro. Muitos observadores pretendem ver nele a demonstração de que o «ultranacionalismo» japonês, de tão triste memória, está levantando cabeça...

A VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NO SECULO XIX (3)

Depois de Manique, as invasões francesas! Já em anterior artigo sujerira a sua importancia na formação intelectual e política da geração de Borges Carneiro, a geração dos revolucionários de 1820. Vamos agora ver porquê.

Para a jovem geração liberal do nosso País, a França era a pátria da Revolução que vencera o feudalismo e reconhecera e codificara os Direitos do Homem e do Cidadão. *Falar em França — cujos frutos espirituais com tanto custo eram lidos no nosso País, ás escondidas da Polícia — era falar em liberdade, em vitória contra o despotismo, contra a arbitrariedade, contra a perseguição sistemática, contra a incultura.*

Sobre a Inglaterra — e apesar dos economistas e teóricos liberais ingleses tanto haverem influenciado o nosso liberalismo — a França levava uma decidida vantagem: desde há muito que a Inglaterra se apresentava aos olhos da nossa burguesia como um obstáculo á sua expansão económica. Com excepção dos exportadores de vinhos do Alto-Douro, a quem o Tratado de Metuen favorecera, os comerciantes portugueses execravam a Grã-Bretanha. A emancipação dos Estados Unidos — então altamente estimados no nosso País pelos liberais e odiados por Manique — tivera o alto significado de ser um exemplo de como as economias dos povos oprimidos pela Inglaterra podiam libertar-se de tal jugo.

Ao entrarem em Portugal, as tropas de Junot traziam consigo o enorme prestigio de serem francesas. Quando pela primeira vez pisavam as ruas de Lisboa — alguns liberais ingénuos da capital terão pensado que, com a chegada do «Exército da Liberdade», chegara também a hora da libertação da sua pátria do velho despotismo ridiculamente encarnado numa corte cinzenta que, de cauda entre pernas, se fazia á vela para o Brasil, abandonando o País ao invasor. Nas primeiras horas de confusão ainda um grupo de maçons se apresentara a Junot, também pedreiro-livre, para o homenagear. Mas breve seria o equivoco. Logo se desmascarou que o exército francês não era o «exército da Liberdade», mas apenas o instrumento de uma burguesia rapace e imperialista; e que ele e as classes reaccionárias portuguesas faziam um excelente casamento.

Junot, pediu, pouco tempo depois, que, nas lojas maçónicas, se substituisse o retrato do principe regente, D. João VI, pelo de Napoleão — o que os pedreiros livres recusaram. Seguidamente procura que o elejam Grão-Mestre do Oriente Lusitano, José Liberato Freire de Carvalho, que assistiu á reunião do Oriente em que se tratou do assunto, regista nas suas Memórias *a resposta dada por unanimidade e que se manifesta contra a pretensão pelos seguintes motivos:*

1.º — Porque existia Grão-Mestre e portanto não estava vago o lugar;

2.º — Porque este devia ser ocupado por um português;

3.º — Porque o tempo das eleições não era aquele;

4.º — Porque em Junot faltavam as eminentes qualidades e as sublimes virtudes que o deviam habiltar para tão alto emprego.

A burguesia revolucionária começava a ver límpido no meio do emaranhado de confusões ideológicas que daria os melhores resultados. Desde essa data a burguesia organiza-se clandestinamente, torna-se revolucionária, e ao mesmo tempo que combate o Francês, primeira exigência de momento, vai estudando planos de futuro — ou seja os planos que lhe permitirão a conquista do Poder e a vitória da sua *Revolução. Os jornais dos emigrados políticos residentes em Londres — o* Campeão Português *tinha como redactor principal José Liberato Freire de Carvalho — recomendam instantemente a instauração de um regime representativo, parlamentar.*

O Tratado de Comércio de 1810 acontecimentos que fundamente perturbaram a geração a que pertenceu Manuel de Borges Carneiro. No ano seguinte fundava-se o «Sinédryo», associação clandestina que lançaria a Revolução de 1820. Vai começar a intensa e patriótica actividade de Borges Carneiro. Esta digressão pelo passado era necessária para que comprcendessemos o motivo porque, de subito, surge á frente dos destinos do País uma geração de homens altamente preparados e conscientes da sua missão.

Espirito Nacional.

Quem perde Portugal: o Marechal.
Quem sancióna as Leis. o Rei.
Quem saõ os executores os Governadores.
Para o Marechal, hum Punhal.
Para o Rei, a Lei.
Para os Governadores os Executores.

Quadra popular do tempo das Invasões Francesas

por **Augusto da Costa Dias**

O cidadão Borges Carneiro

do momento. De resto a situação, no nosso País, tornava-se dia a dia mais clara. Enquanto o povo miudo iniciava os incitamentos á revolta e era impiedosamente arcabuzado — os Regentes nomeados por D. João VI (cumprindo ordens reais) recebiam Junot com o maior servilismo. O alto clero e a nobreza atropelavam-se no afã de proclamar a sua admiração pelo imperador dos franceses. O cardeal-patriarca de Lisboa dizia na sua pastoral:

> «Não temais, amados filhos, vivei seguros em vossas casas e fora dellas; lembrai-vos que este exército é de S. Magestade o Imperador dos Francezes, e rei de Itália, Napoleão o Grande que Deus tem destinado para amparar e proteger a Religião, e fazer a felicidade dos povos; vós sabeis, e o Mundo todo o sabe: confiai com segurança inalterável neste homem prodigioso, desconhecido de todos os séculos, etc.».

Diversos bispos se apressam a compor variações no mesmo tom e os milhares de esbirros que Manique altamente especializara em assuntos antifranceses (já vimos que, para o chefe da Polícia de D. Maria I, a expressão equivalia a antiliberais), passam a servir sob as ordens de Junot para perseguir os patriotas nacionais, a quem se designava por jacobinos. *Jacobino era o nome que se dava a todo o individuo incómodo aos interesses das classes dirigentes. Estas e Junot — o invasor de dentro e de fora de portas, irmanavam-se. Eis um matrimónio (que entregava o comércio do Brasil aos Ingleses) e o desembarque das tropas britanicas no nosso País, mais vieram ajudar ao esclarecimento politico da burguesia liberal portuguesa. Agindo em nome do Tratado de Metuen, uma das primeiras medidas das tropas britanicas foi destruir as fábricas que encontravam pelo caminho; reforçando este trabalho inicial, Beresford virá a dar todo o seu soberano apoio aos senhores feudais portugueses do clero e da nobreza — aliança reaccionária que se abate sobre a burguesia nacional.*

Nestes anos de provação a burguesia ganhou verdadeira consciencia nacional. Tornou-se uma classe capaz de conquistar e de assumir o comando do País. A Revolução de 1820, seria, em parte, o fruto das Invasões Francesas. Entretanto, terminadas estas, o Senhor D. João VI não se mostrava disposto a deixar a terra brasileira; em seu nome era o País governado por Beresford. Em 1817 dá-se a conspiração anti-britanica, na qual, entre outros, perdeu a vida o ilustre Freire de Andrade. A brutal execução dos conspiradores foi outro dos grandes

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

O destino de uma criança

Todo o Mundo seguiu apaixonadamente a «história de Julia».

Quem vem a ser esta Julia de que toda a gente, comovida, fala? Alguma actriz cinematográfica propagandeada por esta ou aquela poderosa máquina financeira? Ou então alguma menina prodígio, em transe de criar obras-primas eternas para gozo e pasmo da Humanidade? Talvez alguém que, por seus amores ou feitos extraordinários, se visse, de agora para já, subida no galarim da fama?

Nada disso, leitores. Infelizmente, nada disso...

A Julinha é uma pobre menina doente. Seu pai, o reverendo pastor metodista Charles Cooke, vendo-a enfraquecer e sumir-se dia-a-dia, levou-a ao hospital. O médico, após ligeira observação, voltou-se para o reverendo Cooke e disse-lhe:

—Reverendo, vais precisar de muita coragem para suportar esta provação... Pede a Deus que tua filha não tenha o mal que lhe desconfio...

O médico recusou-se a adiantar uma unica palavra. Algum tempo depois a terrível verdade queimou o coração do reverendo Cooke: a sua pequenina Julia estava atacada de leucemia, estava a ser devorada lentamente por um tigre implacável...

Após o tratamento, Julia voltou a casa dos pais, sem qualquer esperança de cura. Viveria algum tempo mais, nada havia a fazer senão tornar tão felizes quanto fosse possível os ultimos dias da pequenina...

As provas de solidariedade, de compreensão, começaram a surgir de todos os lados, de conhecidos e desconhecidos. O reverendo Cooke, fortalecido por tão extraordinárias provas de carinho e solicitude, teve uma ideia, uma inspiração, que imediatamente levou á prática: solicitou de todos os homens, todas as mulheres, todas as crianças, fosse qual fosse a sua raça ou crença, que rezessem por Julia.

Todos responderam a este apelo. No templo, na igreja, na sinagoga, na mesquita, em todos os dialectos, em todas as línguas, subiram orações pela vida de Julia. Todos sentem que a vida de uma criança é um bem precioso á volta do qual todos devem congregar-se para o defender. Se um dia o perigo de uma nova guerra ameaçasse a vida não já de uma, mas de milhares, milhões de crianças, estou certo que os homens e mulheres de todo o Mundo, fosse qual fosse a sua raça ou crença, elevariam as mãos e se uniriam para que fosse derrotado tão horrível flagelo!

...Até agora, a Julinha não morreu. O desejo, a esperança de milhares, de milhões de pessoas, parece que, desembocando nele, lhe deram novas forças, novo vigor. Os médicos continuam a afirmar que a pequenina tem os seus dias contados que nada, por enquanto, a poderá salvar. «Não importa — responde a fé inabalável do reverendo Cooke — as nossas orações continuarão a defendê-la...»

Sim. Não importa. Infelizmente, por enquanto, a Ciência nada poderá fazer senão, unindo-se á esperança de milhões de pessoas, prolongar a vida da pequena Julia, ganhar um dia mais...

Não importa. O que importa, sim, é que todo o Mundo começa a dar-se conta do que representa, para o destino da Humanidade, o destino de uma criança.

A conquist

O saquinho mágico das viagens interplanetárias começou a apaixonar a Humanidade em 1957. Promete ser uma paixão duradoira. A medida que os séculos avancem, novas e mais surpreendentes mara-

Há vida fora

Por MANUEL

vilhas sairão do barretinho encantado que não se esvaziara jamais.

Por saber isso, a nossa imaginação põe-se desde já a trabalhar na máxima força, numa tentativa de penetrar nos tempos vindouros e compensar-nos, deste modo, da brevidade da vida humana. Esse esforço, melhor dizendo, essa boa vontade excessiva, leva por vezes a situações extremas, como seja a de colocar no chão da realidade dados por enquanto puramente hipotéticos, e a dar para amanhã, ou para logo já, o que provavelmente não se realizará senão dentro de muitas dezenas de anos.

Certa agência telegráfica não anunciava que estão dentro das possibilidades actuais as viagens ás estrelas? Esse cumulo de boa vontade exalta a imaginação do publico, sedenta de novidades e maravilhas mas, segundo me foi possível averiguar, não corresponde a um mínimo de verdade.

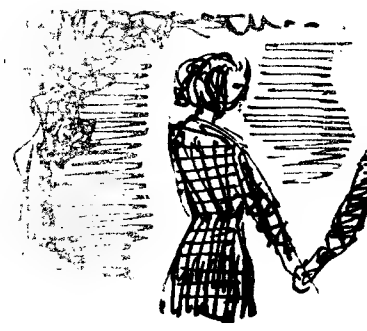
As viagens interplanetárias podem distribuir-se por quatro graus que respeitam ás dificuldades a vencer. A viagem do primeiro grau terá por objectivo a Lua; as do se-

Frio. «Vai nevar!» exclama uma voz juvenil.

Não, afinal. Tudo se resolveu sem escandalo. O dia continuou embrulhado na manta cinzenta, á espera que a chuva começasse a abrandar o coração de gelo.

Em vão. Para a tarde, havia ainda o mesmo céu, compacto, ensimesmado. «Muy espeso lo techo» como diria Alfonsina Storni.

Devo dizer que a carranca do tempo me impressiona pouco. O que ele quiser, eu acho bem. Pedir-lhe sol, se o peço, faço-o por in-



tenção de outros. Dos que vivem ali para Monsanto, no flanco da cidade que os ignora, depois de os escorraçar. E dos doentes para quem o Sol representa alguma coisa pela qual vale a pena lutar, um esforço mais, mais um resto de esperança.

Por mim, adeus, Chuva, névoa, ou frio. Benvindo tudo porque em tudo encontro par. Nenhum frio me arrefece, nenhuma névoa esconde aquilo que sei existir lá mais adiante.

Sei até que, lá mais para diante, vaí haver festa em tempo assim. Imaginem: o sobretudo que trazemos não tem forro de remorso; e o livro que se lê aqui, gostosamente, não tem a contrapartida de Monsanto; e a musica ressoa toda a sua pureza em nossa alma sem sofrer o deserto e o suão dele.

Talvez porque sei disso, o tempo não me influi.

* * *

Regresso a casa.

Tardinha.

O mesmo tecto espesso, de que fala a Alfonsina.

Desço do autocarro três paragens antes do meu destino. Porquê, não o descobri nesse momento. Apeteceu-me, aí está. Percorrer aquelas centenas de metros entregue a mim próprio, que tão poucas vezes acontece.

Os poetas, especialmente os chamados «romanticos», não desistiram nunca de fazer participar a Natureza de seus dramas, sonhos preo-

...ista do Céu

...agens ...baixo- ...Pro- ...ra. Á ...ncem, ...mara-

...ora da Terra?

...EL SALGUEIRO

...ncan- ...mais. ...ginа- ...ar na ...a de ...os e ...bre- ...esfor- ...von- ...zes a ...a de ...lados ...poté- ...para ...não ...mui-

...não ...s pos- ...ás es- ...ronta- ...blico, ...ravi- ...ssível ...um

...po- ...graus ...es a ...grau ...o se-

...uma

...sem ...nbru- ...spera ...ndar

...ain- ...ensi- ...cho»

...a do ...o. O ...edir- ...r in-

...ivem ...o da ...e os ...para ...coisa ...um ...e es-

...évoa, ...e em ...frio ...con- ...mais

...ante, ...sim. ...raze- ...o; e ...men- ...Mon- ...la a ...a so-

...mpo

...que

...gens ...não ...pete- ...elas ...mim ...con- ...cha- ...ram ...fatu- ...reo-

gundo grau. Vénus, Marte e, possivelmente, alguns asteróides. Nas do terceiro grau estão incluidas as viagens aos outros planetas principais. Finalmente classificam-se em viagens do quarto grau as que têm por objectivo os corpos celestes situados fora do sistema solar.

Estas (a que se referia a mencionada agência telegráfica) apresentam dificuldades incomensuravelmente maiores do que as restantes. Basta dizer que a estrela mais próxima do Sol — e por isso se chama *Próxima* — que faz parte da constelação do Centauro, encontra-se a uma distancia que expressa em quilómetros daria o algarismo 4 seguido de treze zeros... os mundos estelares mais distantes apanhados pelos mais poderosos telescópios, encontram-se milhões de vezes mais longe.

Como devem calcular, daqui até que possamos visitá-los ainda correrá muito tempo... Não há duvida que esse objectivo constituirá sempre uma tentação para a Ciência que, por mais que ande, tem sempre os olhos mais longe do que os passos que dá... Poderiamos, do decurso dessa viagem, assistir, quem sabe ao nascimento das estrelas, *saber* concretamente como nasceu o nosso Sol... Poderiamos atingir as regiões infinitamente longe onde se formam novos sistemas planetários, como sucedem ao nosso, há muitos biliões de anos. Poderiamos desembarcar em novos mundos onde (não tenhamos a menor duvida) existem seres pensantes...

A ciência avalia em uma sobre mil as estrelas que possuem satélites, planetas semelhantes á Terra.

Partindo-se do facto de que, na Galaxia a que pertence o Sol, existem cerca de 100 biliões de estrelas, pode deduzir-se que existirão cerca de 100 milhões de «sistemas solares» na nossa Galaxia.

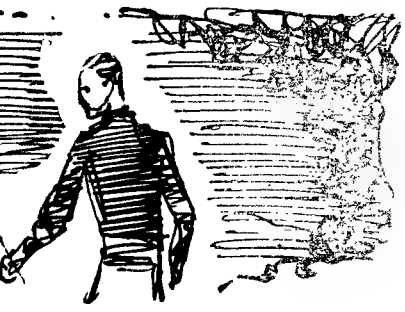
Os telescópios mais poderosos não nos permitem ver os planetas de estes sóis «estrangeiros», mas a ciência passou já das suposições ás provas directas — graças aos sucessos obtidos, nestes ultimos anos, pela «astronomia do invisível».

Assim, o astrónomo soviético A. Deutsch estabeleceu, atendendo a certas irregularidades observadas no movimento da estrela n.º 61 da constelação de Cisne, que ela possui um satélite, análogo aos planetas do sistema solar. Descobriram-se de igual maneira satélites a outras estrelas mais chegadas ao Sol, entre elas a Próxima, de Centauro.

As condições necessárias á aparição da vida não existem em todo o lado, evidentemente. Mas deve existir um numero infinito de planetas com uma rica biosfera, isto é, povoado de seres vivos que poderiam ter as formas terrestres. Teoricamente, porém, a vida no Cosmos infinito não deve diferir da nossa.

O objectivo, porém, do nosso artigo de hoje consistia em conversarmos a respeito das imensas dificuldades que encontraremos *quando* pretendermos iniciar uma viagem de quarto grau. O espaço, porém, está a atraiçoar-nos e temos de adiar para uma próxima sessão. Preparem-se, desde já, para tomar conhecimento de novas maravilhas, neste conto de fadas que estamos vivendo.

POSTAL ILUSTRADO



cupações, de se referirem a ela como padrão ou tom de contraste.

Não, sou poeta, mas agora entendo um pouco da história. Embora diga, que o tempo, não me influi. Quero eu isso, mas até ser verdade! Para fazer jogo franco, digo que a caminhada pela solidão da encosta arborizada tinha mesmo por fim pôr-me á prova. Brincar ao «faz-de-conta». Faz de conta que estou isolado numa cela, com o tecto a um palmo da minha cabeça. Faz de conta que me dizem que tudo termina ali, que não há mais Primavera, que não há mais socorro...

O imobilismo das árvores e das nuvens aumenta a ilusão de um remédio. Sei que não é verdade, que estou apenas brincando ao «faz-de-conta». Apesar disso, experimento inquietação...

...Na encosta, debaixo de uma acácia que rebenta por todos os lados em ansias de florir, dois namorados sentindo-me os passos, compõem-se atabalhoadamente. Ficam de mãos dadas, agradecendo que eu me afaste.

Afasto-me. Tão profunda, tão absurdamente tranquilo...

por

MANUEL AGRA

MORSE

Modelos...

Exprimindo, embora, publicamente, a sua profunda mágoa pelos incidentes anti-semíticos ocorridos nas ultimas semanas, o chanceler Adenauer não conseguiu acalmar as apreensões dos Alemães responsáveis e dos 30.000 Judeus que permaneceram na Alemanha Ocidental.

Após treze anos de silêncio, os antigos nazis começam a exprimir publicamente o que, durante tanto tempo, guardaram no coração. E' frequente ouvirem-se frases nas quais se divulga uma nova onda de anti-semitismo, cheia de rancor e de maus propósitos.

Os autores delas são, por vezes, levados ao tribunal. Assim aconteceu a um industrial de Herford por haver declarado que «todos os Judeus deviam ser fuzilados...».

Um alto funcionário do Land de Hesse foi suspenso das suas funções por motivos análogos.

O Governo alemão está presentemente convencido de que existe uma organização secreta de antigos criminosos de guerra nazis que se ocupa em proteger os seus membros e em organizar a sua fuga para o Egipto ou Argentina quando o perigo os ameace.

Mas o que inquieta mais ainda os Alemães é a entrada na cena política de certos nazis. O caso mais espectacular é o do antigo general SS Reinefarth, eleito pelo Landtag do Schdeswig-Holstein, sob a etiqueta do Partido dos Refugiados. Dos outros quatro eleitos deste partido, um era alto funcionário do partido nazi, e outro dirigente das Juventudes Hitlerianas.

Criticado por haver escolhido como candidato um antigo general SS, o presidente do partido, o dr. Gille, respondeu que o general Reinefarth era um «inofensivo e honesto soldado e um perfeito modelo para a juventude alemã de hoje».

Os estudantes de Kiel não gostaram desta frase e protestaram... o que nos leva a crer que a juventude alemã e o dr. Gille não têm positivamente os mesmos gostos — e os mesmos modelos.

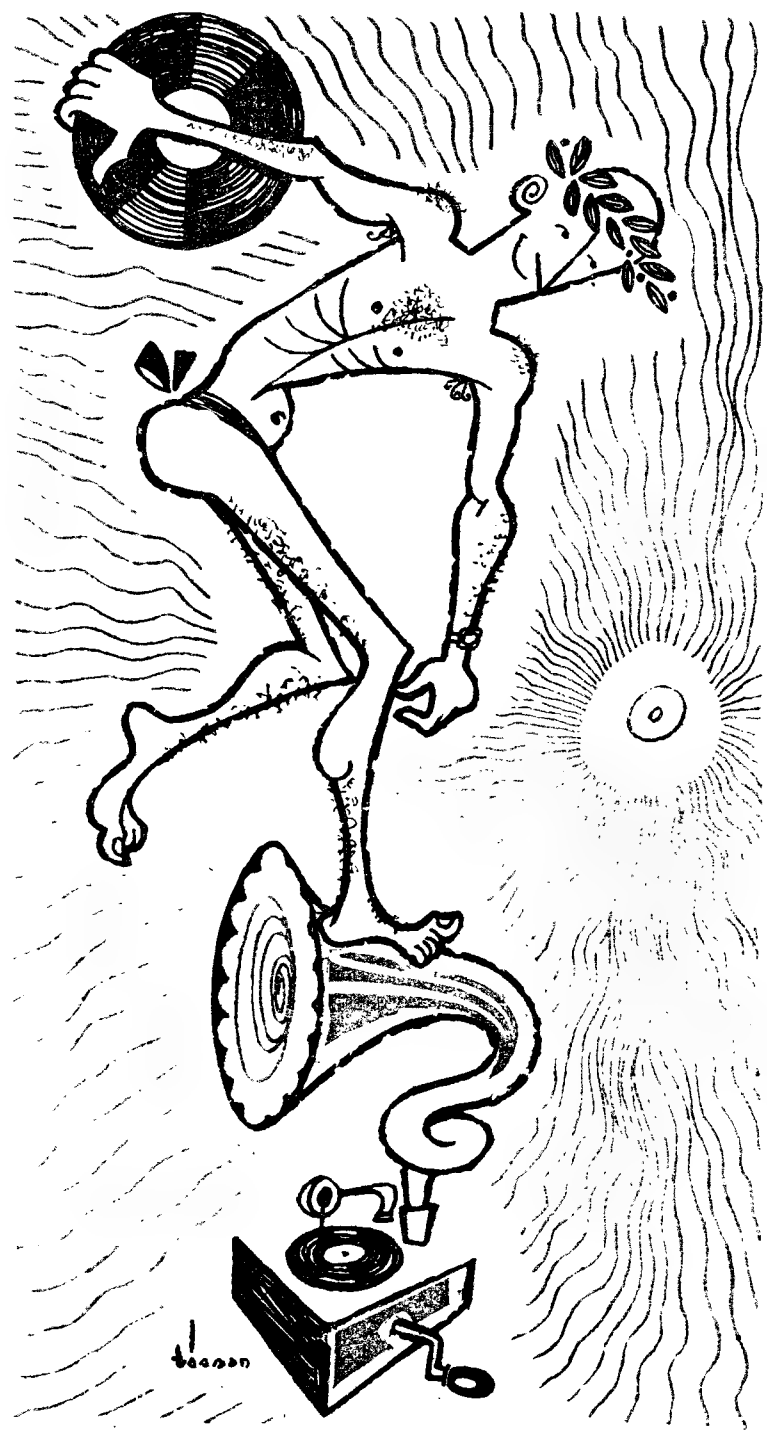
'APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Os novos campeões das Olimpíadas

Reportagem poético-espacial

(Serviço em rigoroso exclusivo para o «Diário de Lisboa»)

Grande coisa é uma pessoa *estar por cima*! Eu aprendi esta enorme lei da mecanica social com meu tio Bernardino que Deus haja. Era um homem de primorosa eloquência que não discursava com a sebenta á boca dos éculos; o que tinha para dizer golfava-lhe num caudal limpido e por isso não havia ninguém que o não o entendesse ás maravilhas. Quando a cólera lhe atenazava um pouco os joanetes, ele exprimia aquela mesma lei com uma palmada estereofónica no pescoço e a legenda indispensável: «Aqui ninguém põ o pé!».



Recordo o facto, empoleirado neste planeta, onde (leia-se nossa crónica anterior) os homens *convenháveis* não têm ideias pois as vestem, para defender o pêlo, consoante as cores e feitios das modas oficiais. E recordo-o porque, numa destas noites, o nosso ilustre amigo Mob, homem de vestes e ideias folgadas, assestou o seu óculo ultra-visual para a Terra. Digeri então o inefável gozo de sentir que «aqui ninguém punha o pé». Aquela modesta bola era a Terra! Onofensiva Reduzida ás suas planetárias contingências. Uma ervilha como outra qualquer. Resignada na ambição de ser centro do Mundo.

Fui arrancado a estas heresias pelo amigo Mob. «Olhe, Diógenes que isto é perfeitamente consigo» — disse, ao mesmo tempo que me indicava qualquer eminência terráquea. Mexendo num *aproximador*, tudo se foi tornando nítido — a paisagem e os homens. No alto do monte havia um estádio grego. Percebi que era grego em virtude do trajo dos que lhe enchiam as bancadas Depois, alcovitando melhor, consegui ler a palavra «Párnaso» num letreiro ali mandado editar pela Junta Autónoma dos Poetas. A cena interessava-me. Vi então um poeta a pisar solenemente a arena do estádio. Parou. A culta assistência aplaudiu. O poeta sacou de um disco. Era, pois, uma prova de disco. O poeta gesticulou a sua mensagem e lançou-a no espaço. E que disco era aquele?

Procurei na memória onde vira eu objecto idêntico. Enquanto procedia a este varejo, lá no «Párnaso», uma poetisa descia á liça para também despedir a sua mensagem. O disco voejou no ar e, descrevendo uma curva foi cair numa grafonola. Pareceu-me que havia descoberto o enigma. Aguardei, porém. Já outro poeta descia á liça e a cena repetiu-se. Então não tive duvidas. Tratava-se de umas olimpíadas novas, pelo menos novas no meu país á beira-mar plantado.

Mas que olimpíadas? Estas coisas demoram a saber-se, mas sabem-se. A mensagem dos poetas é daquelas que não obedece, ou melhor que pode libertar-se da força da gravidade. Mesmo neste planeta Kostur, tão avesso a evidências de cultura, onde os homens vestem ideias conforme nas conveniências do Estado (os que vestem) — mesmo aqui chegou a notícia das Olimpíadas da Poesia. Tenho aqui os discos na mão. Afinal na minha terra os poetas também já lançam o disco voador. O meu amigo Mob mostrou-se interessadissimo com o facto. Estava aclarado o mistério que tanto preocupara os terráqueos: os discos voadores não passavam de proezas poéticas.

Quisemos ouvi-los e Mob trouxe uma grafonola. No fim da audição discutimos o espectáculo. Ele, claro, não conhecia Sofia Melo Breiner, nem Vitorino Nemésio, nem Mourão Ferreira; também não estava ao facto do *espírito de capela* dos lusitanáceos, era, pois, o ouvinte ideal: desinteressado, sem brotoejas partidárias, sem males de pele intriguistas. Calculam como registei os seus depoimentos.

«Em primeiro lugar — disse — esta invenção é um verdadeiro monumento póstumo. Os poetas já podem aspirar á imortalidade sem, para isso, depen-

por DIÓGENES

derem da Camara Municipal do burgo onde nasceram ou onde morrerão (o mais tarde possível). Simultaneamente pouparão a qualquer edil, que nunca leu poesia em dias de sua vida, uma demonstração de patinagem oratória a propósito de um poeta que nunca lhe fizera mal algum. E desta maneira se acabará com o feio masoquismo de só se dizer bem de uma pessoa depois de ela já não ter ouvidos para ouvir.

Claro que nós podemos admitir que o poeta não seja o melhor intérprete oral da sua obra. Pelo menos no que toca ao respeitável publico. Mas se a ideia pegar talvez venha a contribuir para o aprofundamento da compreensão do fenómeno literário. Os historiadores da literatura quando se pronunciarem sobre um poeta não dispensarão de o ouvir ao natural, coisa bem diferente de o o ouvirem temperados pelos recitadores. O autor e o recitador passarão, aliás, a fornecer um curioso e talvez revelador termo de comparação: entre a intereointerpretação e a exterointerpretação.

[illegible] servirá ainda, para se saber se era melhor o poeta estar calado. Para os sofredores de mistérios insoluveis o lançamento do disco poético viria trazer inebriantes interrogações: como diria Camões os «Lusiadas»? (e etc.). Mas ainda não é tudo. A auto-interpretação do poeta é um atestado de sinceridade como nunca nenhum regedor ou oficial de Junta de Freguesia seria capaz de traçar. Queo diga, por exemplo, o regedor responsável pelo dr. Vitorino Nemésio. Há na sua interpretação uma espontaneidade camponesa que um regedor bem intencionado não consegue atestar.

«E você já pensou — disse Mob finalmente — que prazer não vai ser para os novos-ricos este de fartarem a boca com a notícia: «tenho lá em casa o Nemésio, a Sofia, o David». Hospedeiro de poetas, hem? E só pela despesa do disco!

O limite...

O Papa Leão XIII tinha por vezes comentários de uma ironia muito leve e subtil.

Num dos ultimos anos da sua existência recebeu uma delegação de religiosas as quais lhe comunicaram terem pedido a Deus que lhes prolongasse a vida até ao 100 anos.

O Papa Leão XIII volveu, sorridente:

— Estou muito comovido com a vossa ideia! Só não entendo é o motivo por que pretenderam pôr um limite á bondade da Providência!

Instinto da saúde

Mesmo depois das férias, grandes ou pequenas; mesmo quando se vê ao espelho e observa um rosto rejuvenescido, queimado pelo Sol; mesmo quando o ar livre lhe abriu o apetite; mesmo que se sinta exuberante de saude -- pense que deve conservar esse maravilhoso tesouro. E como?

Primeiramente, deve prolongar, tanto quanto possível, as suas férias benfazejas. Mas a vida da cidade voltou ao seu trepidar e é difícil pensar em descanso.

Pois bem, amigas, dêem-me a vossa mão e ouçam uma bela história que lembra os belos contos de fadas da avózinha: entre no seu quarto e veja, em vez do leito, um belo prado verdejante onde cresce a erva fofinha; á noite, ela será uma cama macia para o seu corpo fatigado. Regule o sono conforme as estações do ano.

Diante da banheira já pronta, esqueça os niquelados e os ladrilhos — pense que é um rio que corre silencioso, que vem das montanhas para a refrescar, todas as manhãs e para vivificar a sua saude.

Abra a porta do frigorífico e diga-me que contém belos legumes frescos e frutos dourados — alimentos simples alimentos de saude.

Enfim, se se instalou no «maple» relaxe os musculos fechando os olhos e pense que o Sol da praia lhe beija o rosto ou que o Luar e as estrelas lhe lançam um pouco da sua paz.

Queridas leitoras, isto não é um jogo mas uma velha receita de um velho amigo.

Realmente, tudo o que a vida moderna nos dá e que temos de enfrentar, deve ser olhado com olhos felizes e optimistas. E' preciso crer na Natureza, porque ela é uma fonte segura de saude e bom humor; sair da Natureza é sair da saude. Infelizmente é o que sucede á maior parte de nós, pobres mortais que vivemos na cidade, no ritmo trepidante da vida moderna. Sem querer, mesmo, somos levados a esquecer o que é bom para o nosso corpo e em que consistem os verdadeiros tesouros que por todo o lado a Natureza nos oferece.

Apoderemo-nos desses tesouros de saude, tentando encontrar a velha sabedoria instintiva do corpo, que as férias nos dão por algumas curtas semanas e que os animais possuem em alto grau. Querem?

Um pouco de imaginação e caminhemos para uma saude melhor...

A CENOURA TORNA AS PESSOAS AMÁVEIS...

...diz o povo. E há, sempre, na voz do povo, um pouco da voz de Deus... já o disse o poeta e creio bem que é verdade. A cenoura torna amáveis as pessoas que o não são, certamente ou, pelo menos, que deixaram de o ser. Porquê? Porque o bom humor é um benefício da saude. A análise do sangue, demonstra a falta de qualquer elemento indispensável ao equilibrio organico, permitindo estabelecer a relação com as perturbações do individuo.

Entre os numerosos elementos que se encontram no sangue, há um de importancia capital — o potássio. O excesso ou a deficiência deste elemento pode provocar perturbações diversas. A deficiência pode provocar a fadiga geral intensa, pernas flácidas, sonolência e perturbações de carácter, frequentes exaltações, irascibilidade, estados estes acompanhados por perturbações da vista — visão obscurecida.

E' então que intervem a cenoura, como um medicamento milagroso: um ou dois copos de sumo de cenoura por dia põe tudo nos seus lugares. A modificação do carácter é rápida, porque esta mudança não era mais que a deficiência do potássio — hipocaliémia.

Mas, amigos insociáveis, não transformem o vosso regime em regime de coelho!... Apenas interessa o sumo da cenoura, obtido após o fruto espremido.

Também torna mais aguda a visão nocturna, aclara a vista — isto devido não apenas ao potássio que contém, mas á vitamina A, de que é rico portador (a matéria corante da cenoura). No entanto a vitamina A não tem influência sobre o carácter.

SAIBA COMER

Diálogo entre senhoras

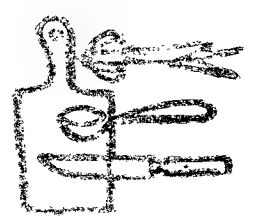
— Ainda bem que a encontro, espero que me diga alguma coisa sobre dietética...

— Pensa, talvez, que lhe vou dar «boas receitas»? Vai ver como se engana.

— Oh! Não é possível, eu sei que me vai ensinar como respeitar os princípios famosos da dietética.

— Como quer que lhe diga o que

«deve» comer, depois deste suculento jantar que acabamos de ingerir e em presença de uma família como a sua, que vai dos quatro aos sessenta anos? Não pense em «regimes», não faça listas que convêm a estes e não aqueles e outras para aqueles que estes não podem sequer provar... Não, minha Amiga, simplesmente, ponha na mesa a



maior variedade de alimentos que lhe seja possivel. E pense naquele adágio francês que nos diz «se o céu nos deu os melhores alimentos, o diabo nos deu as piores cozinheiras».

— Evidentemente, se em cada dia pudéssemos fazer só boa cozinha... não faríamos mais nada.

— Não, é um erro pensar que só a boa cozinha é demorada. A boa cozinha não quer dizer apenas iguarias requintadas, muito condimentadas, muito aparatosas, demoradamente cozinhadas. Se lavar muito, descascar muito e cozer lon-

gamente, terá destruído o melhor dos alimentos que vai servir. Assim, sim, terá feito de má cozinheira, mesmo que os seus convivas a encham de elogios ditirambicos. Pense que a continuar assim, será

responsável pela «fome» que se instalará em sua casa.

— Fome, que palavra horrivel, para quem como eu procura alimentar a família o melhor possível!

— Pois bem, é um verdadeiro crime ferver demasiado os legumes ou cozê-los em muita água, deitando, «cuidadosamente», fora a água da cozedura.

— Então não acha que devo escorrer os legumes?

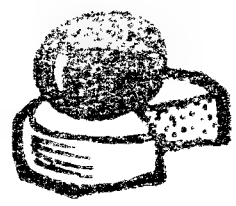
— Creio que você se encontra ainda no tempo das diligências... Os elementos vitais dos legumes são indispensáveis... pois bem!, eles dissolvem-se na água da cozedura, tal como o açucar; era pense que deitando fora uma água que contém toda a vida, nos apresenta bocados de celulose privados de todos os elementos vivificantes...

— Sugere, então, que os legumes sejam cozidos em vapor?

— Não, sugiro apenas que sejam cozidos «em pouco tempo» e «em pouco liquido», sem empregar o bicarbonato de soda, na esperança de lhes conservar a bela cor verde.

— E acha que deva pelar os legumes?

— O menos possível. Não raspe muito, não pele muito; uma escova



dura é também eficaz. Sabe que a casca da maior parte dos legumes e as folhas exteriores, escuras, são verdadeiras reservas de sais minerais?

— Sim, mas não pensava que isso fosse tão importante. E para a carne, também é a mesma coisa?

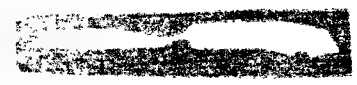
— Claro, também para a carne o menor tempo de cozedura é o mais indicado. E não é preciso que a sirva a todas as refeições. Os ovos, o peixe, a caça, os queijos, contêm tão boas proteínas como a carne. Em cada refeição, devemos ter proteínas, desde a mais terra idade até á mais avançada, mas é preciso variar, a todo o custo.

— Mas tenho ouvido dizer que os hipertensos não devem consumir muitas proteínas...

— Todos os pequenos conselhos que lhe dou, apenas se destinam a pessoas de saude perfeita; para as outras há os médicos.

— Sabe, sem que eu pense ser-lhe desagradável, que todos a associam á salada de cenouras cruas? Chamam-lhe a «dona salada...»

— Muito bem. Se eu conseguir demonstrar a importancia das saladas, terei atingido o meu fim. E dar-me-ei por feliz. Mas é já tarde, no próximo sábado falaremos mais sobre o assunto.



RECEITAS DE DIETÉTICA

SOPA ANDALUZA

Cozer, durante meia hora, num litro de água, 3 batatas grandes, 3 tomates e um pedação de abóbora madura, que represente mais ou menos o volume das batatas e tomates. Passar pelo passador e servir com quadradinhos de pão torrado e um pouco de queijo ralado.

TIRAS DE BATATA COM RESTOS DE CARNE OU PEIXE

Se tem restos de puré de batata, junte-lhe um pouco de farinha de trigo, para lhe dar consistência. Misture com os restos de peixe ou de carne passados pela máquina. Salgar e pôr um pouco de pimenta. Juntar uma cebola finamente picada, salsa e um ovo inteiro. Misturar bem. Forme bolinhas que passará em farinha e fritará em bom óleo quente. Escorra e sirva quen-

SALADA VERDE

Corte folhas de alface em pedaços, folhas de uma chicória, agriões, rabanetes pequenos, fatias finas de cenoura crua e rodelas de beterraba cozida. Tempere com o molho seguinte: desfaça uma gema de ovo em bom azeite, sem fazer «maionaise», tempere de sal e pimenta, uma pitada de vinagre e deite sobre a salada, no momento mesmo de servir.

PUDIM INSTANTANEO

Faça um pudim instantaneo de chocolate e um de baunilha. Deite numa forma molhada, alternando as duas cores, depois de começar a massa a arrefecer. Vá deitando dentro, pedacinhos de frutas cristalizadas, de várias cores. Desenforme e deite por cima uma calda de açucar de ponto alto e bem batida. Enfeite com frutas cristalizadas, ou claras em castelo.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

Da Vinci na corte do Sforza

(Continuação da 1.ª página)

derrotado os mercenários de Luduvico Sforza. Este, aprisionado por Luís XII, é levado cativo para França, onde virá a morrer no castelo de Loches, volvidos oito anos.

Leonardo perdera um protector. Perdera também a sua maior obra escultórica, em que trabalhava havia dezassete anos, a estátua equestre de Francisco Sforza, pai de Luduvico, ainda em modelo de gesso, destruída pela soldadesca invasora. E quando o comandante francês, horrorizado com o sacrilégio, pretendia castigar os culpados, Leonardo, que assistira impassível ao vandalismo dos Franceses, intercede, obtendo-lhes o perdão.

E talvez se erre ao pensar que esta sua acção fora inspirada pela bondade. Não. E' que é provável que da Vinci, espírito mais científico do que artístico, não amasse a arte por exprimir o Belo mas pelo que ela representava de experiência criadora. Ao assistir calmamente á destruição da sua obra, talvez esquissasse no papel, atento e interessado, esse espectáculo a que decerto não faltaria vigor e colorido. Tal como fizera ao desenhar com sangue frio invulgar a agonia de Beatriz e a morte horrorosa de Savonorola.

MARIA JOSÉ MARINHO

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da 1.ª página)

depois da ultima guerra, ganhou confiança em si mesmo e já se lança sózinho pelos «boulevards», respirando este ar de perdição que o envolve assim que salta do vapor em Calais.

Capaz agora de todas as loucuras, esquecendo que se encontra em terras de vício, vai deixando para o Americano, que faz o seu baptismo europeu, a peregrinação organizada em grupo, e esforça-se com toda a gana por se comportar como os nativos. Assim, arregala o olho ás pequenas — e as Francesas têm não sei que canino deslumbramento para o seu coração racionado —, atira piropos rubros num francês mascavado, perde-se por becos e vielas, preguiça com um ar «monchalant» pelos «cafés», onde se enamorou da languida Ginette, que lhe dava a morder «croissants» ensopados em café com leite, lhe chamava «mon petit chou», e o amou numa semana e em cinquenta libras.

Chega até a sofrer do fígado como um bom francês e não pode passar sem a sua garrafinha de Vichy. Gira por toda a parte em cabelo (arremeçou o coco para o fundo de uma chapeleira com naftalina) e num blusão largo e desportivo, de barba crescida, sente-se intelectual, existencialista, angustiado e sujo, sujo!

Meu Deus! Nesse dia, com a saudade do banho quente vem-lhe uma subita nostálgia da pátria, da xícarazinha do chá e até um absurdo enternecimento pelo coco. Regressa com uma névoa de sentimentos confusos, sempre um pouco mais desiludido com o Continente, mas cada vez mais mortinho por lá voltar.

Na verdade o Inglês se se diverte fora da Ilha, é com alivio que torna a pisar a sólida certeza do solo natal. Aqui sente-se reentrar no bom-senso, na ordem e na razão. Lembra-se com horror de gostos bizarros que o assediaram em Nice. Uma tarde devorou-se em ansias de grávida por peixe frito servido numa folha de jornal — esse hábito plebeu que detestara entre os seus concidadãos!

Em Granada, sob um sol escaldante, ao sair da Alhambra, pediu chuva, a chuva da sua terra aos céus implacáveis de luz! No Egipto ao contemplar os areais do deserto, alvoreado pela fosforescência amarelada do céu, da terra, do ar, desejou desvairadamente o nevoeiro londrino, e outro diluvio de Noé para mitigar aquelas ventosas de fogo na pele.

De sorte que para o Inglês o viajar é compreender os encantos sem preço da vida na Ilha. Os dias de Inverno serão de tédio e melancolia, mas o Inverno é, afinal, a estação em que todo o Inglês com fortuna abala para o Sul da França, a Sicília, o Mediterraneo em busca do sol glorioso. Sir Winston Churchill deu o sinal de retirada, desaparecendo numa manhã de nevoeiro com rumo a Marráquexe. E na sua peugada levantou logo voo um aristocrático bando, que foi repousar com os seus iates para as águas tépidas do Adriático, arejar os palacetes da Riviera, da Costa Azul, enebriar-se com os ares das Canárias e da Madeira.

Quando chega a Primavera, ou no Verão, quando a horda dos funcionários, dos lojistas e comerciantes invade o Continente, o nobre bando imigra para gozar a delícia pastoral da Inglaterra e da Escócia e pescar o salmão nos rios do Norte. Deste modo evita, ao mesmo tempo, o contacto com uma turba excitável, preservando um digno isolamento, numa solidão estética para admirar as belezas intocadas da Arte e da Natureza.

No entanto, a maioria dos Ingleses viaja por ora á roda da lareira e visita as agências a colher informes e brochuras. As solteironas pensam nos picos nevados das montanhas da Suíça. As almas romanticas e sensíveis embalam-se com o sonho da Itália, ao passo que as naturezas frias seguem no mapa a rota da Alemanha ou da Escandinávia.

Partir, correr mundo, tornou-se uma aventura deliciosa, e depois traz-se sempre lá de fora um saco de histórias, um «flirt» para contar á noite no clube, enquanto o monstro do nevoeiro roça o ventre imundo contra a vidraça.

Recordo-me de um diálogo no comboio ao regressar de Itália. As luzes mortiças da «veilleuse» arroxeavam o compartimento e encorajavam íntimas confidências. Mãe e filha trocavam entre si com uma leve exaltação impressões de um encontro romano. E através da barreira do clangor metálico nos rails ouvi a mãe dizer para a filha com a ternura que se põe nas coisas irremediávelmente perdidas:

— Lembras-te, menina, dos seus olhos líquidos e apaixonados? — E o perfil! Ah!, até parecia o Mussolini...

Ao lado o marido, sólido e sereno, lia o jornal, interessadíssimo nos resultados do campeonato de futebol, indiferente aos desabafos romanticos de madame e da menina.

LUIS DE SOUSA REBELO

A preciosa saúde

Num esforço enorme para melhorar a circulação automóvel na capital japonesa, a Municipalidade de Tóquio acaba de instituir o estacionamento pago — á razão de dois escudos a hora.

Mas a Municipalidade tem um projecto mais ambicioso: fazer que a família real venha a residir em Kioto, abandonando Tóquio definitivamente. Razão: o palácio imperial e o seu parque imenso, situados em pleno coração da cidade, paralisam o desenvolvimento urbano e prejudicam a circulação de veículos. Caso a família real se deslocasse para Kioto (ou Hayama, á beira mar), o palácio seria transformado em museu, e o jardim já poderia ser atravessado por três ou quatro grandes artérias que melhorariam a circulação da cidade.

Efectuaram-se já diversas reuniões para estudar a maneira de pôr o assunto ao imperador. Dir-lhe-ão, possivelmente, que os ares viciados da grande cidade arruinam a sua preciosa saúde... Outros dizem que o chefe de uma nação «democrática» não deve viver num castelo da Idade Média...

Como reagirá o filho do Sol? Como se trata de defender a sua preciosa saúde, é natural que aceite, muito grato!

Faltavam-lhes vitaminas

Os monges de Monte Olivete, em Itália, tornaram-se verdadeiros especialistas no tratamento de antigos e preciosos manuscritos deteriorados pelo tempo. A nova técnica que inventaram para o efeito é muito interessante: conseguem restaurar as folhas injectando-lhes em sucessivas picadas, vitaminas B2 e B12.

UMA GRANDE NOVIDADE

Edição de LIVROS DO BRASIL

«AS VOZES DO SILÊNCIO»

2.° volume

(não pode deixar de ler)

A mulher, em casa, não despegava os olhos do filho. «A guarda? Se ele não voltasse?» Um vácuo tão grande... Nem queria pensar o que seria a vida sem ele.

Mas depressa a angustia daquela noite morreu. Era Inverno mas o Sol brilhou e Jerónimo chegou com o Sol e as mulas libertas, por acaso também.

Com o peito aberto á aragem da manhã as veredas da serra nada lhe custaram a subir. Tudo fora fácil, mesmo demasiado fácil.

Atravessou a aldeia sem o ar perdido dos outros dias e não evitou a loja do Pinto. Avançou e disse com quanta força tinha: «Vamos ás nossas contas, diga quanto lhe devo»?

Depois falou á mulher: Que iria outra vez, que não havia perigo, que a guarda não sabia dos caminhos malditos da serra».

Nova ida, mais ansiedade e aquilo passou a fazer parte da vida de todos os dias. Muitas vezes fitou o prego onde outrora prendia a lanterna de mineiro, mas sabia a razão porque sempre que o fitava, fugia de olhar-lhe. Talvez fosse remorso, um remorso fundo. Mas... tudo ia mudando. Mais sonhos... O filho poderia ir á escola... Seria decerto mais do que mineiro... Começava a esquecer quanto a vida era má e já não sentia as dores dos companheiros que corriam para a mina, nem sequer ouvia o grito das sereias.

Mas as mulas? Sempre a mesma carga pequena... E o tempo sem fim que levavam a chegar á fronteira? E as noites perdidas pelos corregos? E a guarda? A guarda, uma história como a do lobisomem que se transformava num cavalo e corria sete adros numa noite só. Comprariam um carro. Nem encostas a subir, nem ribeiras a passar, nem as sombras que nas noites claras faziam tremer de pavor.

E um dia o carro chegou. Correram velozmente pelas estradas; as noites deixaram de ser agónicas, vieram mais sonhos, tudo se dilatou.

O Melo, das Cortes, com falta de dinheiro... Mas tinha uma quinta e Jerónimo pensava que a quinta podia ser dele. Mesmo toda a aldeia podia ser dele, Jerónimo pensava que toda a aldeia podia ser sua.

A mulher encheu-se do vento da ambição, o casebre deixou de ser negro. Nunca mais choraram o incerto da vida. Na aldeia os antigos companheiros olhavam-no de lado. Jerónimo encolhia os ombros e dizia que a inveja os mordia; os outros afirmavam que o dinheiro lhe tinha subido á cabeça.

Partiram, como sempre, de noite. A carga era grande e o carro custou a pegar.

Não sabia explicar o que sentia; ainda disse ao outro que seria melhor adiar a viagem. O companheiro sorriu e respondeu que a noite era sempre a mesma, que era igual a todas as outras.

Partiram mas aquilo não lhe saía da cabeça. Viu uma prisão e encontrou-se do lado de dentro das grades. Depois o filho, a mulher... Suava... Os olhos muito abertos não deixavam de fitar o bocado da estrada iluminada pelos faróis. A mulher... O filho... Sós, no mundo, aos encontrões da vida. O dinheiro ganho em tantas noites de perigo, perdido estupidamente. Não voltaria á aldeia. Melhor, iria, mas ao lado de um guarda, de um homem de carabina ao ombro. E os outros a rir... Sim, rir-se-iam

Chegaram a uma encruzilhada. A luz de um relampago iluminou os dois homens.

—Grande temporal que se vai levantar. Não chegas a casa com um fio enxuto. Anda comigo, não tens precisão de apanhar uma molha. Comiamos umas boas febras...

—Fica para outra vez — teimou o outro.

—A «má hora» é capaz de te esperar ao fundo do corgo.

—Adeus, até amanhã.

Não, o outro não se convencia. Então o Lucas saltou á frente do companheiro.

—Ninguém me fez uma desfeita dessas.

O companheiro afastou-o com o braço. Precisava de abrir caminho, custasse o que custasse.

Perdida toda a calma, desvairado, o Lucas gritou:

—Ou vens comigo ou um de nós tem de ficar aqui.

Agarrados, os dois homens, rolaram pelo chão. O Lucas cedia. Duas mãos possantes lhe apertavam o pescoço. Sufocava.

—Larga-me que me afogas.

O outro deixou-o. Foi então que o Lucas acariciou, pela segunda vez, nessa noite, o cabo da navalha.

Luzes da cidade O Carnaval

IMITANDO um pouco o costume inglês, que olvida por principio a existência do Carnaval, também entre nós parece ir perdendo-se a longa tradição que dedicava quatro dias a expansivos folgueds.

Os mais velhos lembram com saudade os «bons tempos» da vida, pelo menos, não devia ser tão cara, em que se despejavam cartuchos de farinha sobre os transeuntes, se esborrachavam duzias de ovos na cara dos parceiros e se davam valentes sovas nos inimigos pessoais ou nas pessoas desprevenidas Campeava a violência, a atitude sádica de se ver nódoas nos fatos cabeças partidas, óculos quebrados e donzelas desmaiadas de medo. Um diabinho, pior do que Pan das florestas, desencadeava uma furia malévola dentro de cada um, e divertia-se mais o que maior estragos fazia.

Mas havia também o lado «snob», mais aristocrático, que mascarava o Carnaval de cores mais suaves, de divertimentos mais aceitáveis Na Avenida havia o «corso» desfile de carros alegóricos com lindas raparigas, que deitavam serpentinas sobre o publico e faziam ofertas de pequenos sabonetes frasquinhos de perfume Tratava-se de um combate palaciano: «confettis» para lá e para cá, papelinhos multicores, saquinhos caixas de fósforos metidas em papel de seda recortado. A multidão animava-se, participava nas batalhas jovialmente.

Nesses tempos, os conquistadores pouco correctos aproveitavam-se da aglomeração para beliscarem muitas senhoras; mas elas sabiam que a época era propicia a abusos, e defendiam-se, então com grandes alfinete-de-ama — por serem mais fortes — que punham a distancia os atrevidos Os cinemas enchiam-se: bailes serradura a cair dos balcões para as plateias, cabeças desprovidas de pelo a servirem de alvo, mais serpentinas, e os papelinhos a entrarem violentamente nas bocas, nos narizes; a poeira a sufocar todos, mas festa á grande, alegria, convivência entre conhecidos e desconhecidos As máscaras abundavam nas ruas Eram crianças, senhoras e homens, e nos bailes particulares, em casa de algum titular, sob o disfarce dos dominós faziam-se declarações de amor, viviam-se aventuras galantes.

Os velhinhos choram o Carnaval perdido, a indiferença de agora, a apatia desta época, outrora folgazã, irónica e aventureira Clamam que a alegria morreu, que não há entusiasmo, que ninguém quer divertir-se, sinal infalivel da decadência da nossa raça. Mas a esperança renasceu com a promessa de um Carnaval diferente luxuoso, internacional — o Carnaval do Estoril. Atracções estrangeiras, grandes vedetas da rádio e do cinema — chamariz certo para os amadores de colecções artísticas —, bailes originalissimos e, enfim, um corso como ainda não houve memória e que perdurará na tradição dos dias gloriosos do Entrudo. O fogo do primeiro entusiasmo já arrefeceu, entretanto Os pais de família verificaram que os preços elevados dos recintos de festa no Estoril, com todas as inovações dos bailes cor-de-rosa, bailes de máscara imaginativa, bailes semimascarados, não são para a sua bolsa modesta, para o seu orçamento desequilibrado Ainda havia o corso, mas os preços das bancadas igualam-se ao dos bilhetes de alguns lugares de S Carlos, e para se estar de pé (sabe Deus quantas horas de espera e incomodidade) paga-se o mesmo de um cinema na altura destas festas Só lhes resta a vaga consolação de, para além das bancadas, da multidão de pé em lugares reservados, dos parques de estacionamento dos automóveis conseguirem vislumbrar alguma coisa.

Muitos há que não estão para se sujeitar a sorte tão mofina, com o agravante de estarem perto de um espectáculo sem o poderem apreciar e, assim, resolveram frequentar outra vez os mesmos cinemas teatros e «boites» dos outros anos, unicos sitios onde se celebra o estouvado Entrudo modernos templos das antigas saturnais romanas em honra de Saturno, Baco ou Isis. Respeitáveis senhores enfiarão na cabeça chapeus de papel com disticos «Viva a folia!», «Brincar até cair!», haverá jogos de sacos, «confettis» numerosos, entradas em casa a avançada hora da manhã, mas isto não bastará para os consolar da perda a que os votaram.

Quando o Carnaval deixou de ser brutal nas ruas (os vestigios só se encontram felizmente, nas bisnagadas de rapazes atrevidos, numa ou outra garrafinha de mau cheiro e nos «rabos» pendurados), quando se procurou civilizar as maneiras dos foliões, intérpretes do bárbaro Entrudo, quando se lhe vestiu a casaca e se lhe pôs um laço cor-de-rosa na lapela, eis que perde a popularidade, a característica de festa publica, para se tornar um divertimento de uma multidão escolhida, especial, privilegiada. Afinal foi tudo uma ilusão! Se o Carnaval de Veneza Nice ou Monte Carlo inspirou o majestoso programa do Estoril, a verdade é que o português médio não lucrou nada com isso, e essa sensação de logro azeda-lhe o humor da tal maneira, que afivelará ao rosto a máscara do prazer que não sente, do riso que não soa.

Talvez os velhinhos tenham razão. Talvez o Carnaval tenha morrido e seja difícil fazer reviver as suas cinzas apagadas...

DULCE REBELO

BILHETES PAULISTANOS

(Continuação da 1.ª página)

entre a fauna humana, variada e rica, que acorre ao «bar» do Museu ao fim da tarde.

Ao contrário do que acontece em Lisboa, onde os intelectuais só se vêem ocasionalmente nas livrarias do Chiado ou nos corredores da Brasileira, os escritores e os artistas paulistas têm dois ou três locais de reunião que constituem outros tantos mundos á parte. Um deles, o Clube dos Artistas, mais conhecido pelo Clubinho, é uma verdadeira republica autónoma. Vasto casarão, mobilado mais do que modestamente, ali se encontram todas as noites escritores, jornalistas, cineastas, poetas, pintores, musicas, enfim, toda a gente que se conhece e aprecia o encanto das horas perdidas em discussões sobre temas do seu agrado. A comida é excelente, as bebidas incrivelmente baratas, a espontaneidade a nota dominante do ambiente. Tudo ali é permitido, desde intermináveis discursos sobre o estado do fundo, ás danças exóticas da primeira candidata a bailarina desejosa de exibir o seu talento invulgar mas desconhecido...

Não é de surpreender, assim, que o intelectual que chega a São Paulo vindo do Rio de Janeiro, da Bahia, ou de Porto Alegre consiga ver em poucas horas a maioria das pessoas do meio que lhe interessam Ainda há poucas semanas tive ocasião de verificar isso. No mesmo dia, acompanhei Adolfo Casais Monteiro ao «bar» do Museu, á tarde, e ao Clubinho, á noite. O autor de «Europa», que reside agora no Rio, foi saudado e festejado por quase todos os presentes.

A naturalidade da maioria dos frequentadores é um dos pormenores que mais impressiona o visitante que não seja «habitué». Vale a pena contar um caso ali acontecido há anos com Fernando Lemos quando o jovem pintor português chegou a São Paulo. Não conhecendo ninguém na cidade, o seu primeiro pensamento foi dirigir-se ao Clubinho de que ouvira falar aos amigos... Entrou, sentou-se na primeira mesa livre, pôs a mala aos pés e pediu uma cerveja

Vendo-o sozinho, alguém lhe perguntou:

—Quem é você? A sua cara não é conhecida por aqui...

—Chamo-me Fernando Lemos e sou pintor.

—Português?

—Sim.

—Vive há muito em São Paulo?

—Acabo de chegar.

Principiou a juntar-se gente em torno do pintor «desembarcado» no Clubinho

—Em que hotel está?

—Em parte alguma. Já disse que acabo de chegar. Se até tenho a mala comigo.

Houve gritos, palmas, um burburinho infernal. Todos os presentes insistiram em cumprimentar o pintor aventureiro, esse Português que lembrava os Portugueses da era de Quinhentos Ali mesmo, Fernando Lemos lançou as bases de amizades futuras e resolveu o problema do seu alojamento provisório, tantas foram as pessoas que lhe ofereceram os seus apartamentos.

Hoje, decorridos alguns anos, São Paulo considera Fernando Lemos como um pintor seu. E' nessa qualidade que tem sido premiado em várias exposições nacionais e internacionais, a principiar pela Bienal; é como paulista que a crítica se regozija pelos seus êxitos. Vindo do surrealismo, Lemos enveredou pelos caminhos da pintura abstracta. No «bar» do Museu era ontem «o homem do dia» Foi no pequeno e acolhedor átrio que se inaugurou a sua ultima exposição dez desenhos a nanquim que assinalam uma nova e decisiva etapa na sua vida de artista.

Como ouuco ou nada entendo de pintura abstracta, passo a palavra a um técnico, Geraldo Ferraz, crítico de artes plásticas do maior quotidiano de São Poulo: «As formas surgem de uma cristalização mais densa, mais inteira, mais vertebral, a vírgula tornou-se oval no processo de coagulação, e seus acumulos de pontos e de ossos formam estranhas figuras que lembram momentos larvares, ajuntamentos difusos de organismos a plasmarem-se, de portais estranhamente ornamentados, de uma decoração limpida que tende, contraditòriamente, ao barroco... Uma reconquista do barroco?».

Pelo que me diz respeito, sem me embrenhar nos meandros da interpretação da pesquisa abstracta de Fernando Lemos, cujo sentido é completamente diferente do que aponta a obra de Vieira da Silva, apenas posso dizer que gosto. Fernando Lemos é um poeta que exprime insuficientemente nos seus versos a riqueza da sua vida interior, um poeta que jamais conseguirá transmitir pela palavra o tumultuar de sentimentos, a inquietação permanente que o agitam. Realiza-se pelo desenho e pela pintura. Ontem surrealista, hoje abstraccionista. No Brasil encontrou o ambiente humano, a compreensão, o carinho que ele, criança grande, generoso, leal, exaltado, contraditório, iconoclasta, desorganizado a mais não poder, debalde procurará em vinte e muitos anos de uma existência frustrada No «bar» do Museu, os seus desenhos a tinta da China surgem-me com uma feliz expressão da realização de um menino irrequieto e autêntico, esse mesmo jovem que um dia caiu de surpresa no salão do Clube dos Artistas...

VI

O Jerónimo, um mineiro sem história, deixou há meses a lama das galerias. Trocou uma vida escura pelo escuro da noite... E queria uma nesga de sol...

... ...

Numa casa pequena, igual a tantas outras. A lanterna desapareceu do prego do postigo... A mulher tem os olhos cansados de chorar. Fita de onde em onde o filho, que dorme num berço de verga, mas os olhos fogem-lhe logo e param na porta. O Jerónimo, atrás das mulas, por corregos medonhos, negros como a noite.

«E se a guarda aparecesse»? A este pensamento, a mão tremeu-lhe no cano da arma. «Mas não, não podia ser; logo á primeira noite seria pouca sorte». O medo fazia-o tremer. Depois lá vinha a confiança, mas uma confiança ténue como um fio que estivesse a partir-se. Ao mais leve ruido, do açoite do vento na ramagem das árvores, lambia-lhe o corpo um tremor gelado. Sempre a mesma pergunta: «E se a guarda aparecesse»?

Mil vezes sentiu vontade de dizer ao companheiro que não tinha nascido para aquilo, mil vezes ouviu a mulher a pedir-lhe que não fosse. E o Pinto? E o dinheiro que pedira para pagar os gastos da doença do pai?

Viu no escuro da noite o tempo em que era só. Nem a lama das galerias lhe causava arrepios, nem o peso da picareta o fazia vergar. Veio a mulher — uma canga... Veio o filho — outra canga.

Curvou a cabeça para o chão da vereda e embrenhou-se mais pela vida a dentro. Lembrava fulano, lembrava cicrano. Porque seria que a sorte não queria nada consigo? O Pinto voltou a aparecer-lhe numa curva do caminho. Nem sabia ao certo quanto lhe devia.

Mudos, os dois homens, no negrume da noite e as mulas seguiam em frente num passo cansado. O caminho parecia não ter fim. Queria chegar depressa para que o coração não lhe saltasse do peito, de tanto bater.

Ansiedade e choque viveram durante muitas horas naquele peito queimado de ansiedade.

Maluquices

por Silva

O COMODISTA

O ENCANTADOR DE GAITAS

O FOGUETÃO

O ALMOÇO DO CIRURGIÃO

O PINTOR

A ANTENA DE TELEVISÃO

DIZ O MÉDICO...

Pequena história de uma velha doença

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

ENTRE os tratamentos clássicos das leucemias figuram, em primeiro lugar, as transfusões e as exanguínotransfusões. A transfusão constitui uma terapêutica útil e benéfica em todos os aspectos, quase não apresentando contra-indicações. Deve ser completa, isto é, sangue total, nas quantidades mínimas de 250 a 300 cc. Repetir-se-ão com insistência nos casos agudos e subagudos, nas leucemias crónicas activadas, todos os dias e, sendo necessário, duas vezes por dia.

Nas formas propriamente crónicas poderão efectuar-se semanalmente, durante um ou mais meses, sempre que o número de glóbulos vermelhos descer abaixo de três milhões por milímetro ou quando o quadro hematológico revele o aparecimento de formas jovens, imaturas ou acentuada reacção mieloblástica. A transfusão impõe-se quando se verifique uma trombopenia secundária.

Melhora sempre o estado geral do enfermo, aumenta o número de glóbulos vermelhos, fornece proteínas ao organismo e, com elas, anticorpos tão necessários á defesa destes doentes, em regra, diminuídos, lentos, apáticos.

De acordo com as últimas teorias, confirmadas na década passada, a leucemia parece ser uma afecção de origem neoplásica; mas certos autores (Gross e colaboradores) defendem a existência de um vírus. Para os últimos, e ainda para Mas y Magró, o critério da transfusão sistemática, nas leucemias crónicas, teria inconvenientes. A transfusão sanguínea, com prévia sangria, resultaria melhor.

Pasteur Vallery-Rador e Dreyfus defendem idêntico critério terapêutico, sendo Bierman de opinião que aquela deve ser acompanhada de antibióticos. Prescreve esta associação nas leucemias infantis e agudas. Foi, porém, Bessis, num congresso realizado em Lisboa (1951), quem defendeu a exanguínotransfusão no tratamento das leucemias crónicas. Este processo alicerçar-se-ia na acção antileucocitária do sangue fornecido ao doente e, ainda, na acção antileucémica do sangue proveniente de indivíduos normais.

O estado do doente recompor-se-ia; desapareceriam as hemorragias e surgiriam novas defesas, esfumando-se os sinais clínicos: esplenomegalia, adenopatias e hepatomegalia, entre outros.

A exanguínotransfusão actua igualmente sobre os glóbulos, formas jovens, plaquetas e a própria medula óssea. Nas leucemias aleucémicas os resultados obtidos foram apreciáveis.

A transfusão deve utilizar-se sempre nas formas agudas e subagudas, preparando o doente para outros processos de tratamento.

A exanguínotransfusão parece mais indicada nas leucemias infantis, sendo rara a indicação nas leucemias agudas.

Devem ser ministrados antibióticos a todos os enfermos, desde que tenham febre ou arrastem febrículas, associadas a infecções secundárias.

Os síndromes febris estão ligados a processos de bronquites, pneumonias, otites e pielites.

Outras febrículas parecem ligadas a formas graves, não bacterianas, que só desaparecem com a radioterapia e os antimetabólicos.

Qual a razão porque se devem empregar os antibióticos? Os leucócitos leucémicos, não defendendo o organismo enfermo (função fagocitária, formação de anticorpos), necessitam de ser apoiados e ajudados. Utilizam-se com vantagem a penicilina, a estreptomicina e a eritromicina, sendo muito importante a escolha do antibiótico, visto alguns deles alterarem em profundidade a fórmula sanguínea.

A actinomicina (C1, C2, C9 e J) foi ensaiada no tratamento da doença de Hodgkin e nas leucemias, tendo sido pouco animadores os resultados obtidos. Depois das experiências, levadas a cabo pelos investigadores japoneses, a droga foi abandonada.

O arsénio empregado pela primeira vez em 1865 (licor arsenical de Fowler) continua a ser estudado pelos hematólogos alemães. Inicia-se o tratamento com três gotas a cada refeição, aumentando-se até doze ao almoço e ao jantar. Quando o número de leucócitos desce, diminui-se a dose. Quinze gotas por dia, em enfermos não sensíveis, podem ser administradas durante quatro meses. Outros autores (Heilmeyer e Merck) são de opinião que as doses devem ser aumentadas até ao limite da intoxicação. Moeschlin é da mesma opinião, cimentada em largos anos de experiência e «contrôle».

A terapêutica dos antimetabólicos é constituída por um conjunto de drogas que actuam nas leucemias e tumores através de uma acção metabólica caracterizada pela inibição de reacções químicas. Nas leucemias utilizam-se os antifólicos, antagonistas do ácido fólico e os da adenina, e a azoserina.

Todas estas drogas inibem o produto final do metabolismo dos núcleos celulares, evitando destarte a formação de ácido nucleíco.

A azoserina, como antimetabólico, foi empregada pela primeira vez em 1957 no Hospital Ford, Estados Unidos.

Mas a radioterapia constitui ainda hoje a principal arma contra as leucemias. O panorama terapêutico é, porém, limitado: não se trata de um agente curativo. Intervala o período das remissões. Passado esse espaço de tempo, mais ou menos duradouro e longo, consoante os casos e o temperamento dos doentes, as manifestações clínicas e hematológicas reaparecem. Esta é a razão prima porque o processo de ataque tem de ser condicionado, evitando-se, quanto possível, os casos precoces de radio-resistência. Não se deve, contudo, esperar, para o efeito, que a enfermidade se agrave, pois nesse período torna-se-ia ineficaz.

Só a intervenção oportuna do médico legitimirá a indicação terapêutica, no momento exacto e preciso.

Utiliza-se nas leucemias crónicas. O maior rendimento obter-se-ia nos chamados períodos de «descompensação leucémica». A aplicação intensa, maciça, de uma única dose, aconselhada em tempos por Rosenthal, foi posta de lado.

Quando o número de glóbulos vermelhos é inferior a três milhões, não é prudente insistir com a terapêutica.

A radiumterapia, apesar das demoradas experiências de Jagie e Spengler, foi abandonada.

O emprego de compostos radioactivos (fósforo P32), durante oito dias, mantém-se. Efeitos: deposita-se na medula óssea e inibe a reprodução celular.

Têm sido ensaiados compostos citostáticos, entre eles o uretano (1885) e as mostardas nitrogenadas (Universidade de Yale), mais indicadas na leucemia de origem linfóide e na doença de Hodgkin. Recordemos as iperita, dicloren, nitrostan, o M. N., e as naftilclorinas (via oral).

O ACTH e a cortisona, aliados aos outros tratamentos clássicos, têm ajudado os doentes.

A butazolidina (1953) tem sido ensaiada em todas as enfermidades do sistema linfático e na doença de Hodgkin. Muitos autores insistem no emprego das vacinas, que estimulariam o sistema linfático, actuando ainda sobre o estado geral.

Durante as remissões é de aconselhar o uso de brometos, potássio, sódio e amónio, e os tranquilizadores do tipo fenaglicodol.

A grande esperança, no entanto, reside nos enxertos de medula óssea, préviamente irradiados.

A leucemia constitui um problema em suspenso, que justamente apaixona os investigadores, os clínicos e ainda os doentes e não doentes.

Todos os dias a Imprensa leiga relata casos de cura ou refere apelos desesperados.

De positivo sabe-se que um ou outro caso justifica o emprego de determinado processo de ataque, coroado de êxito naquelas formas que a Morte poupa.

Mais nada. Multidões de comunicações, longos e morosos colóquios, droga que sobe á cena, ocupando o lugar deixado vago pela que foi abandonada, e a noite, e o silêncio: o sofrimento lento dos que partem, e o desespero dos que, braços cruzados, assistem, impotentes, desvairados...

Sempre assim foi no somar dos conhecimentos que recheiam e ilustram as páginas da história da Medicina («A History of Blood», Londres, 1958), até que um dia, inesperadamente, a noite finda e a afecção, mercê de novos processos de tratamento, deixa de preocupar o Homem. Que esse ambicionado dia não venha longe!... Deus o permita!

A. d'E.

COMARCA DE LISBOA

3.ª VARA CIVEL

ANÚNCIO

Pelo Tribunal desta Vara, 1.ª secção, se faz saber que no próximo dia 25 do corrente mês, pelas 14 horas, á porta do referido tribunal, instalado no edifício da Boa Hora, se há-de proceder á arrematação em hasta publica, pelo maior lanço oferecido acima do seu valor matricial, do imóvel a seguir indicado penhorado ao executado Mário da Silva, ou Mário Boaventura da Silva, viuvo, morador em Caneças, pelos autos de execução ordinária que lhe movem os exequentes D. Maria do Patrocínio Borges Esteves Dias e outros, residentes nesta cidade, e a saber: Prédio urbano composto de rés-do-chão e 1.º andar, sito no Largo de Foge-o-Vento, no lugar e freguesia de Caneças, Concelho de Loures, desta Comarca, confrontando do Norte com o dito Largo, do Sul com José Anacleto Rosa e dos restantes com caminhos, descrito na 1.ª Conservatória do Registo Predial, sob o n.º 15.981, a fls. 121, do Livro B-57, e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 116, com o valor matricial corrigido de Escudos, 22.032$00. — Para constar se passa o presente a fim de ser devidamente publicado.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1959.

O Chefe da Secção
(a) **Justino Nunes de Melo**

O Juiz Corregedor da 3.ª Vara
(a) **Francisco Soares**

Secretário

Precisa-se para director-gerente de grande empresa de Lisboa, com um curso médio ou superior de comércio, que saiba bem francês e inglês e redija português com facilidade e perfeição.

Carta manuscrita pelo candidato indicando idade, habilitações, casas onde tem trabalhado e ordenado que pretende, a este jornal, ao n.º 1281.

TEMAS CULTURAIS

A Filosofia de Martinez Pasqualis

por AMORIM DE CARVALHO

Conhecer as ideias de Martínez Pasqualis, é essencial para arrumarmos, definitivamente, com a lenda da sua influência sobre o pensamento filosófico de Sampaio Bruno. Essas ideias estão (mas de que maneira confusa!) no que se chamou a «indigesta e caótica enciclopédia do oculto» — o *Traité de la Réintégration des Etres*, obra difícil hoje de encontrar. Foi publicada (dispenso-me de expor a história das complicações na procura do suposto mais autentico manuscrito) por René Philipon, em Paris, 1899. A dificuldade de apreensão da doutrina de Pasqualis é tal, que o seu discípulo Willermoz aconselhava Türkheim a ler três vezes seguidas o manuscrito que pertenceu a Kuhn. E Grainville escrevia assim ao supracitado Willermoz, enviando-lhe um manuscrito-cópia: «Previno-o de que encontrará contradições, lapsos, transposições, erros, enfim, por toda a parte. Aconselho-o a corrigí-los imediatamente enquanto tem consigo o Manuscrito de St. Martin». Gérard Van Rijnberk, no livro a que tantas vezes me tenho referido *(Un Thaumaturge au XVIIIe Siècle — Martines de Pasqually — Sa vie, son oeuvre, son ordre*, 1935), deste modo comenta o *Tratado*, que se publicou em 1899: «A total falta de ordem, de sistema, de subdivisões lógicas no *Tratado*, tornam extremamente difícil encontrar e reencontrar o que se pretende procurar. As noções, quaisquer que sejam, são expostas parcialmente. Os assuntos são abandonados bruscamente, para serem retomados mais tarde, deixados outra vez, e de novo tomados, refundidos a propósito ou fora de propósito, com uma falta total do menor esforço didáctico. Daí que a leitura do *Tratado* se torne desesperante» (pág. 49).

Mas no estudo de Rijnberk, e graças ao seu esforço na possível clarificação e arrumação de ideias (sem necessidade, portanto, de fritarmos os miolos na confusa obra de Pasqualis), já possuimos um conhecimento da teosofia e da teurgia do taumaturgo; ultrapassa de longe o conhecimento que possuía Sampaio Bruno, que não era mais, como se viu no artigo anterior, do que a referência rápida que Matter lhe fizera á margem de um estudo especialmente dedicado a Saint-Martin.

Seguirei, pois, Rijnberk. O livro deste contém, de págs. 45 a 51 e de págs. 124 a 128, a exposição da doutrina teosófica e da actividade teúrgica de Martínez; e de págs. 59 a 74 dá largos textos (que servem até para amostra do estilo e do pensamento embrulhados) referentes á prevaricação de Adão (o ponto dramático essencial da doutrina). Esses textos, postos em paralelo para confronto, são colhidos de dois manuscritos: um que pertenceu a Matter e outro que pertenceu a Chrétien de Hesse. Têm, intercalado, o kabbalístico «Tableau universal de Martines de Pasqually», em correspondência com certos passos dos manuscritos.

Além do *Tratado* e do testemunho documental dos rituais e catecismo da Ordem martinezista para o conhecimento da doutrina teosófica, também se possuem, para o conhecimento da eurgia, as cartas que o hierofante escreveu a Willermoz, ensinando «os meios teúrgicos para nos pormos em relação com os espíritos das esferas superiores e supremas» (Rijnberk, ob. cit. pág. 42).

Comecemos pela teosofia. Pretendendo ser uma história oculta da humanidade, é um emanatismo, isto é, aceitação de que todos os seres derivam ou *emanam* de um ser unico que é Deus. Da primeira emanação resultaram essências espirituais existindo na esfera divina ou superceleste. Alguns espíritos, porém, prevaricaram, pretendendo, á semelhança de Deus, fazer emanar de si seres espirituais. Deus separou então os espíritos que não prevaricaram daqueles que prevaricaram: os primeiros permaneceram na esfera divina ou supercelestе, e os segundos foram colocados na esfera celeste — guardados por um «espírito menor», Adão, ultima emanação divina: «os próprios anjos eram submetidos á sua grande virtude e seus poderes». Mas Adão foi tentado e enganado pelos espíritos que ele guardava: «Adão, tu tens inato em ti o verbo da criação em todos os géneros... Porque não operas a potência da criação divina que é inata em ti?...». Adão executou «físicamente» a sua criminosa e frustrada cópia da emanação espiritual divina; cópia, porque só pôde tirar de si, da já emanação que ele era, uma forma de matéria tenebrosa e completamente oposta á sua, dando origem aos homens. Foi o pecado de Adão. Foi a Queda. Punido, Adão decaiu da esfera celeste para a esfera terrestre, sujeito á condição da matéria corruptível que ele mesmo criou.

Trata-se, pois, de uma versão esotérica dos primeiros capítulos do Génesis, em que o antagonismo (ou a confusão) dos sentidos de *emanação* e de *criação*, parece estar, mais de raiz do que supõe Rijnberk, para lá das divergências terminológicas dos manuscritos, quanto ao emprego das palavras *criar* e *emanar* em panos intercorrespondentes (Rijnberk, ob. cit., pág. 58). Esta mesma divergência terminológica parece indicar o impreciso da doutrina, porque «emanação opõe-se á criação» *(Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, de André Lalande).

Mas reatemos. Não obstante as tentações demoníacas dos «homens» — produtos do pecado de Adão —, aparecem, entre eles, seres encarregados de trabalhar pela «reconciliação» *em* Deus (ou *com* Deus?), espíritos menores eleitos, nascidos «apenas pela vontade e operação divina», e que se encarnam por devotamento para com os homens. É a doutrina da «reintegração», que Martínez teria ido buscar aos manuscritos do árabe Al Rachath. O esforço da reconciliação reintegradora é servido por uma teurgia, amálgama de práticas, exorcismos, etc., do ritual mágico de diferentes povos, apropriado em sentido teosófico, na sua técnica de comunicação com seres superiores. É possível — diz Rijnberk — que Martínez tenha lido o famoso livro IV de Cornelius Agrippa e outros tratados; a diferença é não haver em Martínez um sentido temporal ou material, mas sim uma finalidade teosófica «inteiramente idealista».

Os «passes» da teurgia martinezista, testemunhados «na visão rápida de clarões ou de caracteres e de hieroglifos de fogo, por vezes na audição de vozes» (a aparição de fantasmas completos «parece duvidosa»), significavam que os seres espirituais evocados, com os quais se pretendia comunicar, obedeciam ao apelo — e recebia-se deste modo o «selo invencível da divindade, a garantia absoluta da salvação», isto é, da entrada na esfera «supraceleste».

Esta magia teúrgica, mais teosófico-moral do que espiritista, é, no entanto, como observa a crítica em geral, uma operação espiritista e transcendente. Rijnberk escreve, a finalizar o seu estudo: «Se existe, na verdade, o que os *Elus Coens* chamavam, com Paracelso, o *astral*, isto é, um veículo extracorporal das forças do Espírito, uma matéria *imaterial*, um substracto invisível das Obras Mágicas, os *Passes* que Martínez fez entrever aos seus *Réau-Croix* entram na ordem dos factos *metapsíquicos*, cuja possibilidade é incontestável».

Bruno também atentou nesta correlação entre o «espiritualismo» de Martínez e o moderno espiritismo, ao escrever: «Tema correspondente, se transcendentalizado, das modernas vivescências *espiritistas* anímicas» *(O Encoberto*, pág. 332). Será, portanto, em parte, nesta correlação posta pelo próprio Bruno, que mostrarei como o pensador portuense nunca podia ser martinezista. Fica para outro artigo. O exposto era indispensável para o leitor acompanhar, honestamente, a minha tese.

NOTA — Com respeito á data da obra de Fournié (de que falei no artigo anterior), cumpre dizer que Rijnberk, a pág. 29 do seu livro, já coincide com Bruno, pelo que este pormenor deixa de ter importancia. O importante é ser a obra de Matter a unica fonte dos escassos conhecimentos de Bruno sobre Martínez, quando escreveu o *Encoberto*, sem ter até sabido que o *Tratado da Reintegração dos Seres* já fora publicado. Ora a *Ideia de Deus* é anterior ao *Encoberto;* não se esqueça.

AMORIM DE CARVALHO

As grandes invenções do nosso tempo e as descobertas dos antigos seguidas na obra dos séculos

por PAUL BERNARDI

Pela sexta vez em seis anos, os jornais anunciam a descoberta no México de uma planta que provoca estranhas alucinações. Tal notícia ressurge periódicamente, mas assenta num equívoco. Na realidade, o que se descobre e se aperfeiçoa nos laboratórios são as aplicações químicas e terapêuticas de diferentes vegetais americanos que contêm alcaloides com uma acção ainda imperfeitamente explicada sobre o sistema nervoso, a circulação do sangue e o funcionamento do cérebro. A novidade encontra-se pois na utilização destes alcaloides, nas perspectivas que eles oferecem á medicina, aos psiquiatras e, em especial, aos alienistas.

Há já várias décadas que a ciência se interessa pelo «peyotl» (Echinocactus Williamsii), esse extraordinário cacto «que torna os olhos deslumbrados» e que possui a propriedade, para quem o mastiga, de traduzir os sons em cores e em formas fantásticas. Também já há muito são conhecidas outras plantas com efeitos análogos, como, por exemplo, o cpsilcocybo» mexicano. Um químico de Basileia, o dr. Hofmann, conseguiu finalmente isolar o elemento desse singular cogumelo que eria estados de loucura temporária. Mas esses vegetais de nomes indianos, como o peotl, o teonanalkatl e outros mais já eram conhecidos há dois mil anos pelos Aztecas, os Mayas e os peles-vermelhas do Texas, muito antes da chegada dos conquistadores. Utilizavam-nos esses povos quer na medicina quer nas cerimónias religiosas ou rituais. Como sucede em muitos outros domínios, os modernos cientistas apenas redescobriram um segredo que os povos primitivos haviam empiricamente achado.

Em 1842 já se transportavam casas inteiras de um lado para outro

Outra notícia que frequentemente aparece nas folhas da Imprensa periódica, como um boletim de vitória da técnica ultramoderna, é a que relata, com variantes, que na Europa ou na América foi possível transportar um edifício integralmente e de uma penada de um local para outro. Pois bem, essa habilidade hoje já trivializada está longe também de constituir uma novidade da nossa época. Há precisamente setenta anos, em Coney Island, perto de Nova York, o famoso Brighton Beach Hotel, que tinha 140 metros de fachada e 15 de largura, foi transferido com pleno êxito de um lado para outro, por meio de cento e vinte plataformas (que rolavam sobre vinte e quatro vias férreas) movidas por seis poderosas locomotivas. Muitos anos antes, de resto, outro hotel, o *Trémont*, de Boston, fora igualmente «deslocado», com todo o seu mobiliário e até com as pessoas que o habitavam.

Mas temos mais. Em 1855, decidiu-se «reerguer» coisa de dois metros toda a cidade de Chicago, que, edificada num terreno pantanoso, ameaçava ir-se afundando progressivamente. Grande numero de prédios foram içados sobre soclos, tendo os seus moradores de sair de casa com o auxílio de escadas, enquanto as ruas, que estavam a ser cheias de terra, não subiam os desejados dois metros. Tal proeza deveu-se em grande parte á imaginação de um caixeirola de 25 anos, George Pullmann, que mais tarde se tornou célebre inventando os vagões conhecidos pelo seu nome.

De resto, durante todo o século XIX, os Americanos gostaram de mudar de sitio levando a casa atrás. Charles Dickens, que visitou os Estados Unidos em 1842, afirma ter visto um dia uma casa a descer calmamente uma encosta sobre uma enorme carripana puxada por uma vintena de bois. E ainda os Americanos não estavam especializados nessa técnica!...

Quando foi demolido o «ghetto», de Francfort, a família Rothscild quis conservar a casa do fundador da sua fortuna. Mas como a velha habitação ultrapassava em mais de dois metros o alinhamento da Boernestrasse, foi erguida do solo, suavemente, a fim de poder recuar sem o menor estrago.

As estufas artificiais já existem há 3.000 anos

Vem a propósito assinalar outro hábito tido como moderno e que na realidade tem barbas milenárias. Os habitantes do «ghetto», de Francfort não eram proprietários do terreno em que viviam, o qual pertencia ao município. Por isso, as casas vendiam-se por andares e as hipotecas faziam-se por apartamento, segundo o princípio da «propriedade horizontal» cada vez mais espalhado nas grandes cidades, mas que numerosos países ainda ignoram.

Em todos os domínios, os homens, julgando inovar, inumeras vezes apenas renovam processos mais ou menos antigos. Assim se considera um progresso recentíssimo a existência dos aparelhos chamados «estufas artificais» onde, nas maternidades de hoje, se instalam os recém-nascidos mais frágeis. Ora já há mais de um século em muitos hospitais existia pelo menos o equivalente dessas estufas. Até na Russia, país que então não era dos mais adiantados em matéria de puericultura, a Casa das Crianças Abandonadas, fundada em Moscovo, por Catarina II, possuia uma instalação onde, com a ajuda de caldeiras e folhas de algodão, se conservava a vida de crianças nascidas antes do tempo normal. Tal estabelecimento era, aliás, modelar no seu género. Em 1880, contavam-se, entre o seu pessoal, 600 amas, cuja saude era objecto de constantes exames. Quanto ás estufas artificiais propriamente ditas, onde se põem a incubar os ovos de galinha, essas já existiam há três mil anos no império dos faraós.

Em 1566 já se transformava água do mar em água potável

E' justo que nos orgulhemos dos progressos da nossa época nos planos da cultura popular e da vida social, mas não devemos pensar que foi o século vinte que tudo nos trouxe. Nesse lapso de tempo impròpriamente chamado «a noite da Idade Média» já havia escolas gratuitas e bibliotecas publicas na abadia de Einsiedel, na Suiça, e em muitos outros locais da Cristandade. No século dezasseis, os irmãos Fugger instalaram cidades operárias em Augsburgo, e, no tempo de Bismarck, já os trabalhadores alemães de certas industrias beneficiavam de seguros, de reformas e de leis sociais que bem poderiam causar inveja a muitos países do nosso século vinte.

Estuda-se actualmente, com vista a socorros determinadas regiões desérticas, a transformação económica da água salgada em água de beber. Progressos notáveis nesse domínio registaram-se no decurso da ultima guerra mundial, no intuito de impedir que marinheiros e aviadores morressem de sede, em casos de naufrágio. Tudo o que nesse sentido se fez foram, porém, meras redescobertas, pois um processo pelo menos já era conhecido há quatrocentos anos. Em 1556, num dos lances da descontinua guerra do mundo cristão contra os turcos, as guarnições espanholas tiveram de beber água do mar destilada. E bem assim no diário de bordo da expedição de Pedro de Queirós ás terras austrais, se lê o seguinte trecho, com data de 6 de Fevereiro de 1606: «Nesse dia, instalou-se o forno e montou-se o aparelho para extrair água doce da água salgada. E no dia seguinte todos os marinheiros convieram em que essa água era agradável, suave e boa para beber».

A bomba de incêndio foi inventada antes da era cristã

Quando o general Galliéni mobilizou os táxis parisienses para transportar mais rápidamente os reforços, por ocasião da batalha do Marne, em 1914, teve uma ideia de génio, mostrando ao mesmo tempo que conhecia bem a história militar, pois essa ideia de requisitar os transportes publicos para fins militares remontava a Frederico-o-Grande, que, por várias vezes fez viajar regimentos inteiros em «diligências». Habitualmente, os reforços levaram imenso tempo a chegar, a pé, em marchas forçadas, e em geral chegavam tarde. No entanto, já em 1793, durante a Revolução Francesa, o escritor Jony, que então era oficial da Administração Militar, conseguira enviar, em malas-postas e «diligências» um exército de 21.000 homens em socorro de Valenciennes.

No domínio da medicina ou no da mecanica ou no da técnica pura, se não se houvessem perdido, em grande parte, os documentos da Antiguidade, verificar-se-ia que muitas invenções julgadas relativamente recentes já tinham sido feitas pelos nossos longinquos antepassados ou existiam em germe em processos de recuadas eras.

Causa espanto que a roda, por exemplo, a simples roda, fosse ignorada na América antes de Cristóvão Colombo, quando entre os povos menos evoluídos de outros continentes ela era conhecida desde tempos imemoriais. A roda foi inventada em cem lugares diferentes, o que, aliás, fácilmente se compreende. O que em geral se ignora é que a roda denteada, as engrenagens e o princípio da desmultiplicação já eram conhecidos no IV Século Antes de Cristo. A Antiguidade viu nascer génios da mecanica como, entre outros, o egípcio Ctésibios, que de barbeiro se fez sábio e inventor, cem anos antes da nossa era, com a ajuda da mulher e do filho, uma série de aparelhos uteis, tais como uma clépsidra que indicava as horas do dia e da noite por meio de um indicador móvel; órgãos hidráulicos; uma bomba aspiradora; uma espécie de espingarda de pressão de ar; uma fonte de compressão; bombas de incêndio, etc. O seu tratado das máquinas hidráulicas, que se perdeu, causava a admiração dos antigos. Expunha regras e princípios que os homens redescobriram progressivamente, no curso dos séculos.

A nossa época é a das invenções prodigiosas e podemos orgulhar-nos de a vivermos. Mas não esqueçamos que o espírito inventivo existiu sempre, em povos diversos, em todos os povos e em todas as épocas que precederam a nossa.

A música no judaísmo

Desde sempre têm-se mantido opiniões que divergem entre si, no que se refere á interrogação tecida pelo Mundo: é caracteristicamente hebraica a musica dos hebreus?

Supõe-se erradamente que não pode existir musica característica, desde que não tenha sido criada e desenvolvida dentro de uma pátria sua. Mas a verdade é que a pátria dos hebreus se fez onde quer que eles vivessem, através desses canticos religiosos que, na opinião de muitos, têm a sua origem na Bíblia. O canto entre o povo hebraico ficou sempre fortemente ligado ao ofício divino.

As melodias árabes tiveram grande influência sobre o espírito musical dos hebreus, e, de tal forma, que se hebraizaram e passaram a ser cantadas nas suas festas.

A musica do povo israelita exerceu, por sua vez, grande influência sobre os Gregos. Nas cerimónias das páscoas católicas conseguimos, fácilmente, notar, como os canticos, nas «Alleluias», apresentam vestígios da origem judaica. Há inegável originalidade na musica hebraica da Bíblia, como em nenhum outro folclore. A sua expressão até se singulariza pela insujeição a compassos regulares, e, portanto, sem variações, que a tornariam muito menos expressiva.

Os canticos gregoriano ou liturgico das igrejas romana e bizantina sofreram a maior influência da musica hebraica.

De quem herdou, este povo — perguntar-se-á — o gosto pela musica? Dos profetas e dos «Ieviim».

Embora as canções tradicionais, tão gratas á sua sensibilidade, merecessem a maior consagração, os Hebreus passaram a idealizar musica nova, e assim nasceram as melodias de poesias. Também os recitadores escreveram poesia com musica e cantaram-na diante do povo.

Mas, mantém-se a pergunta: é puramente hebraica a musica dos Hebreus? A musica sinagogal, até hoje filha fiel e constante do seu templo, baseia-se na antiga tradição, marcando bem a certeza de que abre, em seu caminho, o sentido religioso através do seu estilo. Assim, os Hebreus sentem-se, nos canticos, filhos de Israel.

Dos muitos sofrimentos e perseguições de que têm sido vítimas, resultou o facto de eles, natural e instintivamente, se deixarem penetrar pela musica dos outros povos.

Motivos franceses, ciganos, eslavos, alemães, a Leste da Europa, conquistam dos Hebreus, como que a expressão psíquica dos seus tormentos, especialmente, durante o período da Idade Média, em que inquisições, autos de fé e expulsões quase os obrigaram a esquecer ou limitar as suas expansões religiosas. As sinagogas, umas transformadas em cinza, outras, violadas, participam para a restrição de possibilidades de uma maior comunhão com o campo religioso. E assim, tudo se transfigura...

Com a fundação da «Sociedade de Musica Judaica» em 1908, renasce a vontade de criar novas obras da fonte primitiva da sua musicalidade. Krein, Stschewsky, Bloc, Millaud e outros iniciaram-se como criadores de uma musica especificamente hebraica.

A Palestina muito tem contribuído para o ressurgimento da musica do seu povo, e, estamos em crer que, se esta se aperfeiçoa e purifica, a pergunta tecida pelo Mundo encontrará na resposta, a certeza de que, além de ela se fazer sentir estilisticamente hebraica, marcará a sua primitiva originalidade. Para tanto, talvez baste que os Hebreus não voltem a sentir os seus ideais destruídos ou subjugados pela tirania de certas guerras, em que as larvas do mal geram atitudes absurdas e crueis.

LYGIA TOLEDANO EZAGUY

A sair brevemente:

«Charneca do Monte Agreste»

poemas, por **Domingues Carvalho**

Edição da:

Empresa de Publicidade «SEARA NOVA»

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«LUANDA» 17 de Fevereiro	Com escala por **Leixões**, para **Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.**
«PATRIA» 20 de Fevereiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Fevereiro.
«VERA CRUZ» 6 de Março	Directo a **Luanda e Lobito.** Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Março.
«BENGUELA» 13 de Março	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.** Carrega em Lisboa até 11 de Março.
«IMPÉRIO» 25 de Março	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa de 20 a 22 de Março.
«UIGE» 27 de Março	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 19 a 21 de Março.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 3 de Abril (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 14 de Março (ás 16 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA Rua de S. Julião 63 Telefs 30131/8—PORTO Rua Infante D. Henrique 9—Telf 2332

CADERNO DE UM REPORTER

Ainda existe a "Feira da Ladra"?

Uma recordação do Rastro lisboeta

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Nada de desperdícios...

Nada de ritmos alucinantes, nada de encomendar vivacidades mórbidas a quem já não pode com elas ou então de gastar energias em profissões duvidosas. A idade impõe-se e, sem querer passar certidões nem registos de idade a este ou aquele, nunca tive vocação para oficial do registo civil. Parecendo que não é ofício difícil, tenho de passar o resto do tempo que me sobra a olhar o perfil esquivo destas últimas horas, ao longo de dias absurdos e tristes. Mas tudo se dispersa e, ao pungir célere da saudade e da recordação das boas amizades nunca arquivadas de modo irremediável, esperamos que ela nos volte a pungir de novo. Teremos assim completado o nosso roteiro, o nosso périplo de saudade e, dado a volta ao nosso mundo de recordações. Esperamos que tudo se tranquilize em torno da pequena nave, e para, só então, lançarmos a barrica de óleo passageiramente acalmante. Quantas vezes, os que têm pouco ou nenhum direito para as despesas de escala, terão, assim, uma vez mais, feito a sua viagem. Mas os que pouco têm nem desse pouco se gostam de ver livres, e, assim se entregam a inúteis e estéreis desesperos. Para isso concorre a falta de estima por si próprios. Há, ainda, esse factor da vida: a estima dos outros é o supremo bem. Há, ainda, essas cidades tentaculares do imenso Oriente, onde as pessoas são tantas que já se desistiu há muito de as contar. Também não interessam os países muito novos pois pouco há neles a inventariar. Agora, vemos a propósito a imagem da velha, da velhíssima «feira da ladra». Se há redactores, todos dos antigos, que ainda têm tudo ligado á sua anterior personalidade, os novos, os muito modernos, são tão modernos que quase sempre até ignoram os nomes e apelidos que usam. Tudo é ignorado dessas grandes paradas da Dor, quantas vezes apenas balbuciadas e de que tudo se desconhece, até mesmo, na sua trágica grandeza, essa moderna tradução para português do «rastro» madrileno.

Poupar... poupar...

Tudo se tem conseguido refazer nessa velha «Feira», das coisas imensamente grandes ás coisas imensamente pequenas, e, até, os milhões têm rolado por essas ruas floridas pelas miudezas pequenas do imenso oceano humano. Outrora, quando ainda se praticava a pequena boémia que ás vezes aflora em furtivos esgares de saudade ou, pior ainda, de dor sinceramente contricta, nos pequenos «cafés» da madrugada que nascia, fresca e limpida, depois de uma noite inteira de trabalho — era ali, no tépido calor do «café» tapa-moscas, nos pequenos cafés da vizinhança, uma espécie de «café» de aduar, algo de muito moruno e de muito português, é ali que se combinavam serviços e se deixava transparecer algo do muito que, em nós próprios, ainda existia de intacto, e é puro e de bom. Com a estranha boa generosidade da gente nova, lavavam-se e perdoavam-se quaisquer agravos. Quem os guardava? Ninguém. Todos éramos generosos e nunca, por nunca ser, guardámos a recordação de uma briga.

Só uma vez se tem vinte anos

Só uma vez se tem vinte anos mas quando se tem, tem-se. Não é a brincar, não é puro platonismo, nem basta bater á porta da cozinha para que o incauto se evante e trate dos outros. Primeiro, tratemos de nós. Basta de simplicidades de animo, basta de tranquilidades de animo ausente. Agora, temos, em primeiro lugar de nos preocupar com coisas muito mais simples e que só a nós dizem respeito. De coisas imensamente mais graves. Com os anos e o pisar muitas vezes o mesmo asfalto tudo se torna comum e vulgar, não havendo nada a procurar nesses rebordos de asfalto, que, tudo oferecendo de comum e de vulgar, pouco ou nada de novo oferecem a todo aquele que tenha mais de quarenta anos de idade. E' essa a idade ideal para realizar grandes empresas ou iniciar os empreendimentos. E', pode dizer-se «a idade em que a vida já está traçada e pouco há a fazer de novo ou pelo menos de autênticamente inédito». E' a idade ideal ou para deixar ou para começar uma outra actividade. Mas, se cai, os outros não se baixam para iniciar uma nova actividade. E' a idade das grandes soluções — a idade em que a vida se afunila num estreito vão, numa estreitissima passagem, em que já é difícil impôr mais respeito aos filhos de nossos filhos que, criados ao abrigo de épocas mais clementes, não querem e não nos deixam ser clementes ou, pelo menos, melhores do que nós próprios, para com o inválido, o doente ou o simples desgraçado.

Uma vez na vida

Uma vez na vida devemos ser bons, pelo menos uma vez, e nunca bastará que repitamos e recitemos a velha lição do amor evangélico, por ele se encontrar no sumário de todas as religiões e, ainda, ninguém a ter podido apagar.

Essa lição de bondade e de paciência para com o próximo, repetida poderá multiplicar-se pelo menos em milhões de sementes de bondade. Quantas vezes, ao sentirmo-nos aflitos pelo constante e verrinoso pungir de um colega dizemos: «eu bem poderia, estalar-te, mas para quê?» Recebemos lições de humildade e de paciência que chegam a pontos indescritíveis»; renunciamos, mesmo, sinceramente, a demonstrações da vaidade de ser excessivamente e escandalosamente bons e quando nos supomos um monstro nunca superado de bondade, encontramos na vida de qualquer santo, mas, de um modo geral em todos, a lição da benigna bondade e da indescritível moralidade do bem e seu custeio.

Teríamos de estar aqui, pisando e repisando de modo congruente o lugar comum da «bondade do espírito» e da resistência da carne» e, depois dessa tarefa toda, tudo o que juntássemos não chegaria nem mesmo para uma aproximação do que pode a bondade em contraste com a força destruidora do ódio, infecundo, mau e estéril. Há épocas menos próprias que outras para a prática da bondade sem limites, género São Francisco de Assis, ou da bondade regulamentada e intempestiva, como a de certos anciães que, vêm invadir os prédios de residência. Lisboa, metida em mil e um trabalhos de purificação e aperfeiçoamento de si própria, a custo consegue reter o sangue-frio necessário aos seus trabalhos de aperfeiçoamento. Nada há que mais perturbe o indivíduo que pretende variar, não digo já melhorar, o seu nível de vida, do que a invasão do que próprìamente lhe diz respeito por causas em absoluto estranhas ao que lhe possa interessar. Ainda ontem, sentado a uma mesa, esperava, paciente e já resignado, os agentes técnicos de uma casa de artigos telefónicos. Tocaram; saltei, muito convencido em busca do ideal, e encontro uma velha ruína quase centenária.

CAMINHOS DE FERRO

Circuito Turístico Estoril — Sintra

Na C. P. e Sociedade Estoril existem á venda bilhetes combinados com a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs para o circuito turístico Estoril-Sintra ou vice-versa, com partida das estações de Lisboa (Rossio) ou Cais do Sodré, em comboio e passagem em autocarros da referida Cooperativa pelas povoações de Chão de Meninos, Linhó, Cadeia Central, Alcoitão, Alcabideche e Amoreira.

Estamos em pleno Inverno, mas, nesta quadra do ano também em Portugal há bonitos dias de sol luminoso que convidam a um passeio aprazível e tonificante.

Aproveitai os lindos dias de Inverno, não raros no nosso País, para fazer uma alegre diversão a uma das mais encantadoras regiões dos arredores de Lisboa, por preço económico, ao alcance de todos.

Nas estações de Lisboa (Rossio) e Cais do Sodré podereis adquirir bilhetes para o circuito Lisboa (Rossio)-Cais do Sodré ou vice-versa, compreendendo o percurso por estrada que custam 15$30, em 3.ª classe nos comboios eléctricos.

Entre Sintra e Lisboa (Rossio) os portadores de bilhetes de 3.ª classe podem viajar em 2.ª

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Há sempre qualquer imprevisto...

Texto integral do conto de

Frederick Austen

ERA um carrinho excelente, com certeza a melhor coisa do mercado por aquele dinheiro, o pequeno «Welbeck Six», o «Carro do Povo». Diziam os fabricantes ser sua intenção lançar o automóvel ao alcance de toda a gente, e não havia nisso qualquer exagero. James Jones estava encantado com o que comprara, embora tivesse possibilidades de adquirir outro muito mais caro — pois era um dos mais hábeis carteiristas do país, com abundante e farta colheita.

Comprou aquele carrito modesto, pois com ele podia disfarçar da melhor maneira as suas arriscadas proezas, as quais lhes rendiam muito dinheiro, que não gastava, entesourando-o previdentemente para poder gozar a vida quando se retirasse do «negócio». Com o «carro do povo» e o trajo simples, Jones parecia um operário de algumas possibilidades, destes que se encontra um entre a vulgaridade de milhões.

O seu campo de manobra era, invariàvelmente, o recinto das corridas de cavalos. Chegava ali, arrumava o pequeno automóvel, discretamente, no meio de tantos, de variadíssimas marcas. Depois, lá ia para o hipódromo, misturado com a multidão, sem se tornar notado. E começava a «trabalhar», transportando para o carro, no intervalo das provas, o que recolhia e ficava guardado entre as ferramentas e os panos oleosos da limpeza. Terminadas as corridas, tomava o volante, despreocupadamente, e seguia em andamento moderado, absolutamente seguro de que não reparavam nele, confundido no turbilhoante movimento, pois a simulação era perfeita, nada atraindo a atenção da Polícia. Procedia assim com a mesma perícia com que subtraía carteiras e jóias.

Claro que aquele carro barato tinha os seus inconvenientes: era pequeno e de pouca força, o painel dos instrumentos reduzido, fracos os estofos, portas que não se fechavam automàticamente e sem chave para a ignição! Isso, porém, que importava — pensava ele —. Qualquer dia compraria um dos melhores «espadas», desfrutando, então, de todas as comodidades!

*

Foi no concurso para a taça dos «pesos-pesados» que James fez uma das maiores colheitas da sua vida. O hipódromo estava repleto e, como se tratava de um acontecimento mundano, havia jóias caras e carteiras recheadas em abundancia. Previu um dia em cheio, pois gostava de se ver metido em densa multidão, sentir que a humanidade se comprimia á sua volta. Por três vezes foi ao carro e, nessa altura, já se acamavam no pequeno compartimento da bagagem três carteiras com grossas maquias, um belo colar de pérolas, dois broches cravejados de diamantes e uma pulseira de platina com lindas esmeraldas.

Voltou a embrenhar-se na multidão e assistiu, divertido á aflição dos que ansiosamente procuravam os valiosos objectos perdidos. Quer por um precipitado descuido ou por qualquer outra imprudência — que não é fácil de calcular —, alguns minutos depois, James foi apanhado, pela primeira vez na sua «carreira», com a mão na massa. Um rotundo e corado amador de corridas, de cujo bolso surripiara uma volumosa carteira, deu, subitamente, pela coisa e, voltando-se, agarrou-o com mão firme e desatou a gritar:

—Gatuno!... Polícia!... Este homem roubou-me a carteira!

Verdadeiramente, foi maior a vergonha do que o medo que James sentiu. Contudo, pôde executar um dos golpes mais difíceis que até então cometera: antes de o polícia conseguir romper por entre a turba, a carteira estava outra vez num dos bolsos do dono.

O polícia levou-o, e ao homem da cara vermelha, para fora do burburinho de gente e revistou-o dos pés á cabeça. Por sorte, já tinha colocado tudo no carro, de modo que o polícia nada de comprometedor descobriu.

—Não lhe encontro nada! — disse para o outro.

—Pois ele deve tê-la consigo! Senti perfeitamente a sua mão tirar-me a carteira! — protestou a vítima.

—Claro que não a tenho! — respondeu James, indignado —. Não ando por aí a roubar carteiras a ninguém.

Encarando-o, o polícia exclamou:

—Se, de facto, se trata de um carteirista, cá para mim é cara nova!

E, voltando-se para o queixoso:

—Não teria o senhor deixado cair a carteira por acaso?

—Evidentemente que não! — ripostou o cara vermelha, em tom zangado —. Tinha acabado de metê-la no bolso, depois de fazer uma aposta!

—Talvez a tivesse posto noutro bolso — sugeriu o carteirista, plàcidamente —. Já me tem acontecido isso mesmo, e depois julgar que a perdi.

Sempre a protestar, o homem tornou a revistar as algibeiras e ficou de boca aberta ao dar com a carteira.

—Eu... eu... — titubeou.

—Ora aí está! — disse James, triunfante —. Era mesmo o que eu tinha pensado!

—O polícia, pigarreando, falou assim para o homem gordo:

—O senhor acaba de fazer uma acusação grave a este cavalheiro!

—Isso não tem importancia! — retorquiu James, benévolamente —. A princípio, fiquei um tanto perturbado, mas como nem sequer lhe vi a carteira e bem sabia que não a tinha comigo...

—Não sei como lhe hei-de pedir desculpa! — volveu o amador de corridas —. Foi um engano terrível, mas estava tão convencido de ter sido o cavalheiro!... Gostaria de reparar o meu erro, de qualquer maneira!...

—Não! muito obrigado! Estou satisfeito por tudo se ter esclarecido.

—Então, vou fazer uma aposta em seu nome, num cavalo que eu cá sei! — acrescentou o gordo.

—E' muito amável, da sua parte! — comentou James risonho.

*

Feita a aposta, recebeu o respectivo bilhete. Realmente, o cavalo saiu vencedor e ele foi receber o dinheiro. Decidiu que já chegava para aquele dia, e foi indo, vagaroso, até o parque dos automóveis. Ali, o coração deu-lhe um pulo. Um polícia examinava, atentamente, todos os que passavam. Logo, porém, retomou a serenidade: a Polícia nada tinha a ver com ele e, com certeza, não pensaria em ir revistar o depósito da bagagem do seu insignificante carro. Mas, pelo sim pelo não, estugou o passo e sentou-se satisfeito ao volante. Momentos depois, saía do parque, a caminho de casa. A' medida que o carro ia rolando, sentia-se mais bem disposto e começou a cantar. O «carro do povo» trepidava a preceito e tudo corria bem. Foi só quando o meteu na garagem, e ao fechar a porta, que deu pela coisa e se sentiu arrepiado de horror.

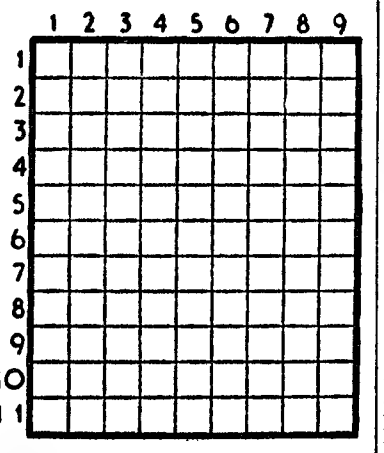
Por um simples acaso, os olhos poisaram na chapa e viu que o numero não era o do seu automóvel. A Polícia não teve dificuldade em dar com ele, quando o dono do carro participou a troca, mas depois de verificar o compartimento das bagagens...

E James, agora impossibilitado de andar de automóvel, seja qual fôr a marca, jura que nunca mais quererá um «carro do povo», pois, quando sair da cadeia, aquele que comprar não se parecerá com os outros...

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1579



HORIZONTAIS: 1 — Fluido gasoso que envolve o Globo. Bairro de Lisboa. 2 — Ninho. Preposição. 3 — Está morto. Contraia casamento. 4 — Artigo definido. Género de mamíferos carnívoros cuja pele é muito apreciada (pl.). 5 — Preposição e artigo (pl.). Data célebre. 6 — Cantão da Suíça. Pronome pessoal. 7 — Gracejar. Corrente de água natural e abundante. 8 —Chamas a ti. Pronome reflexo. 9 — Camareiras. Doçura. 10 — Cinchos. Magistrado superior das antigas Republicas de Itália. 11 — Planta vivaz e medicinal. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Freguesia de Lisboa. Batráquio. 2 — Esteiros. Deravuivos. 3 — Esquadrão (ant.). Freguesia de Lisboa. 4 — Símbolo químico do gadolínio. Reduzi a farinha. Habitação. 5 — Cabelos brancos. Chefe etiope. 6 — Mamífero desdentado espécie de tatu. Aqui está. Pena. 7 — Freguesia de Lisboa. Pedra de amolar. 8 — Limpara metais. 9 — Apelido. Freguesia de Lisboa.

Stlução do problema n.º 1578

HORIZONTAIS: 1 — Coai. Içar. 2 — Armo. Cora. 3 — Condene. 4 — Mal. Cal. 5 — Eras. Cela. 6 — Ré. Ad. 7 — Lavínia. 8 — Pé. Iró. Rs. 9 — Anil. Pote. 10 — Ute. Hão. Er. 11 — Sena. Sisa.

ERTICAIS: 1 — Cá. Meu. Paus. 2 — Orçar. Lente. 3 — Amolara. 4 — Ion. Sevilha. 5 — Dá. Ir. 6 — Ice. Canopos. 7 — Concedi. 8 — Areal. Artes. 9 — Rã. Lar. Será.

FLASH

Boas tardes, jardineiro

Lisboa, a das sete colinas, do que mais gosta é de brincar aos jardins.

Estou a lembrar-me da Célia, filda da mulher a dias. Vinha com a mãe que «não tinha onde a ficar». Pois sim, não fazia mal. E não fazia. A Célia punha-se ao cantinho da sala e toda a tarde a boneca de trapos via-se negra com ela. Passeava-a, embalava-a, dava-lhe banho, adormecia-a, ralhava-lhe, consolava-a...

— Célia, a tua filha é muito bonita...

— Isso é.

— O nariz...

— Não.

— A boca... o cabelo...

— Não senhor. Os olhos dela é que são.

Os olhos, dois pontos vermelhos de retrós...

Lisboa também é assim, do que mais gosto dos seus jardins são os olhos. O Tejo, a barra, longe...

Esta manhã andava por lá gente nos canteiros. Punham estrume, abriam regos e covas, deitavam sementes... Não tardam, penso eu com a ideia nas flores. Bem, já há delas por aí. No domingo dei uma volta pelo campo e distingui, reunidas na verdura, muitas libras de cavalinhos. Flores chamadas selvagens, só porque nascem quando lhes apetece sem pedir licença ao jardineiro e sem se prenderem a horários rigidos.

Jardineiro... Aqui está o emprego que eu gostava. Não digo isto por fingimento, para bancar o poeta. Digo a sério.

Não estar fechado, horas e horas... Respirar livremente... Ver as flores nascer debaixo dos dedos como se eu tivesse procuração da Vida... E quando levantasse os olhos, encontrar «o lá para diante» sem limites e não a parede vertical e inflexivel...

Aproximo-me do jardineiro que, com os dedos aconchega a semente no chão humido.

— Boas tardes, jardineiro... (Recordo-me que, á maneira de João de Deus, podia começar um poema assim).

— Boas tardes.

— Então isso que tal vai...

— Vai indo...

Conversa de chacha. Mudo de direcção:

— Qualquer dia temos aí flores novas...

— Isto há sempre, flores novas... todo o ano. Morrem umas, nascem outras...

— Gosta do seu oficio?

Encolhe os ombros.

— Olhe...

— Mas não gosta? — teimo eu, na minha —. Flores, semear flores, vê-las nascer, crescer...

Fita-me de soslaio a ver se estou a sério. E depois, esboroando um torrão entre os dedos:

— Bem... o ordenado é pequeno, sabe o senhor... E tenho dois filhos, e mulher. Sim, isto de flores... Eu gosto, é só o que sei fazer. O pior é o resto...

O resto, eu sei.

Os filhos, a casa, as doenças, as faltas...

E' preciso que o Mundo esteja muito doente para que se sintam infelizes as mãos que semeiam flores.

PROBLEMAS DOS JOVENS

Por
Carlos Alberto Cardoso
(16 anos)

Amigo Vítor, li o seu artigo sobre os Teddy-Boys desde a primeira á ultima linha e quis escrever qualquer coisa sobre certos pontos da exposição.

Primeiramente, usou um pouco de liberdade na escrita, pelo menos é essa a minha impressão. Os países estrangeiros não «exportam» boas e más ideias. Essas ideias propagam-se por si mesmas sem que haja necessidade de as exportar como qualquer mercadoria. Sim, porque não é o país que conduz ideias para onde deseja, mas sim elas que se guiam corrompendo ou habilitando este ou aquele membro da sociedade.

Bem sei que as ideias escusas são as mais procuradas, digamos, pelos jovens, visto ser de jovens que estamos a tratar, mas porquê só o jovem português a aproveitar-se delas? Jovem, está bem, mas o adjectivo português está em excesso.

Há-os em Portugal, com o «curso» incompleto, muito menos activos que na Inglaterra, por exemplo, apesar de, por vezes, praticarem acções em que o factor «moral» se encontra a vários graus negativos. Contudo, um Teddy-Boy poderá ser, quando muito, um valentão, um «gangster» em ponto pequeno, mas nunca um super-homem, como os classificou na sua declaração. Um Teddy-Boy é um homem, ou por outra, um jovem, que eu não considero «super» ao homem. E' certo que pratica actos de uma baixeza moral culminante, mas são actos, todos eles, susceptíveis de serem praticados por homens. Portanto, chamemos-lhes toda a série natural de nomes, menos super-homens, pelo menos por agora.

Há um outro ponto em que eu discordo, apesar de constituir comunicado de «noticiário»: E' a timidez, «regra geral», nos Teddy-Boys. Eles podem ser considerados, no meu parecer, como se fossem alunos cábulas de uma escola de «gangsters», se acaso ela existisse. Ora, num «gangster», regra geral, não campeia a timidez, mas sim o á-vontade e a descontracção que julgam, lhes assegura o êxito.

Mas, deixemos o «gangster» e tratemos do Teddy-Boy: ele é ousado e não tímido. A timidez retraí-lo-ia e ele não faria o que fez, disso estou certo, mas cada qual tem um angulo segundo o qual observa esta ou aquela face do prisma.

Assim, atribuiu á sociedade a maior percentagem de responsabilidade pela existência desses espíritos que considera doentios e muito bem. Mas esqueceu-se de mencionar a resposta ao possível porquê. Não atribua essa maior percentagem á sociedade. E' certo que existe a influência dela no indivíduo, mas á qual não podemos atribuir quase toda a culpa pelo que faz este ou aquele. Então, caso contrário, todos fariam o mesmo. Essa influência da sociedade, creio, exerce-se igualmente em todas as direcções, mas o facto está em os indivíduos se deixarem penetrar pelas ideias imorais que vão avassalando os países de um extremo ao outro, ou de as combaterem. Deste modo, atribuo a «maior percentagem da responsabilidade pela existência dos Teddy-Boys», a eles mesmos, porque se deixaram contaminar pela febre, fria.

Poderá dizer, agora, que um jovem não sabe, muitas vezes, como combater essa febre, quando ela se aproxima, mas, não há tantos jovens que estão sãos? Então, de quem é a culpa?

Deles, dos que agora são Teddy-Boys.

Destribuo uma parcela de percentagem da responsabilidade, outra pela educação ministrada pelos pais, mas atribuo a maior a eles mesmos.

E pronto, creio ter dito tudo. De resto, aprovo o seu «Contra-os-Teddy-Boys», mas apenas não concordei com certos pontos, que transcrevi.

Amigo n.º 1.286

para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

AINDA OS TEDDY-BOYS

VISTOS PELOS JOVENS

AS ESTAÇÕES

POR VICTOR RODRIGUES

E as quatro Estações dançaram...

A Primavera amanheceu de ilusões
e riu para a Vida.

As quatro Estações dançaram...

E o Verão gritou
na aurora roxa da madrugada.

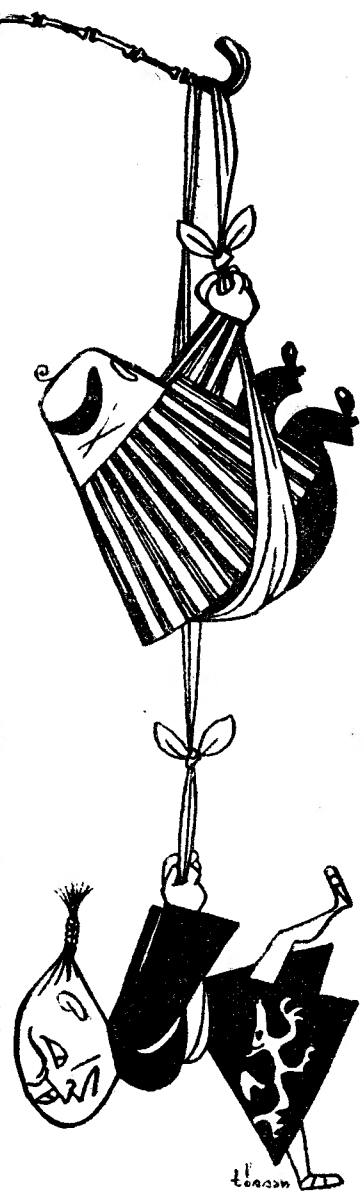
As quatro Estações dançaram...

O Outono rodopiou de folhas
e pétalas de vida vivida.

As quatro Estações dançaram...
de morte...

E o Inverno correu pelo vento
branco e irreal.

O mistério da bengala de bambu



Chegados que foram a Havana, capital da ilha de Cuba, o primeiro cuidado de Pararraios e do seu ajudante Basílio foi precorrer as principais ruas e avenidas em busca do *Clube das Bengalas*. O detective concluira que Sun Wi fazia parte de uma organização internacional e as bases dessa organização seriam pura e simplesmente, os tais clubes.

Todas as investigações resultaram infrutíferas. Nada viram semelhante ao *Clube das Bengalas* visitado no Rio de Janeiro. Em contrapartida, verificaram os estragos causados nos grandes edifícios onde estavam instalados os *Casinos* e nos palácios pertencentes a indivíduos nacionais e estrangeiros.

— Parece que passou por aqui um ciclone! — exclamou Basílio Sofito.

— Não me admirava — respondeu o detective, pensativo.

Populares ateavam fogueiras com o mobiliário que traziam do interior dos grandes casinos.

— Brincam cedo por cá o S. João! — comentou o ajudante, estupefacto.

Quis demorar-se por ali mas o detective não o permitiu.

— Vamos para o hotel — ordenou. — Preciso de coordenar ideias.

— Optimo! — e Basílio pôs-se a caminho. — Enquanto o senhor coordena ideias, atiro-me eu ao jantarinho que vão sendo mais que horas!

No hotel, Pararraios escolheu quarto no ultimo andar.

— Porquê tão alto? — perguntou Basílio.

— Vais ver não tarda — foi a resposta laconica.

Logo que tomaram conta do aposento, o detective abriu a janela de par em par.

— Compreendes agora? — inquiriu Pararraios.

— Que fresquinho! — exclamou o ajudante, pondo a cabeçorra de fora — Tem razão. Lá em baixo, com aquele fogareiro, fazia um calor...

— Nada disso — retorquiu o polícia-amador. E abrangendo, com um gesto largo, a paisagem em redor. — Vês, dominamos esta imensa área na qual se inclui o campo de aviação. Forçosamente...

— ...o tal japonês...

— ...por mais que queira...

— ...sem passar por aqui...

O jeito era preenchido por gestos que fácilmente se adivinham. Basílio, uma vez mais, manifestou desejos de comer alguma coisa. O jantar foi servido ali mesmo. Mas Pararraios não abandonava a janela... ...

Findo o repasto, Basílio manifestou desejo de «se deitar um minuto».

— Sei o que valem os teus minutos — e o detective sorriu.

— Mas, meu amo! Mas o japonês pode não estar aqui.

— Está. Ia jurar. E ele disse-o...

— Ora, ora!

— Escute! Disse-o a nós dois que íamos morrer — e de nada nos valia o conhecimento. Certos criminosos — é dos livros! — têm o prazer de se desmascararem quando sabem de antemão que isso em nada os prejudica...

— Está certo..... Mas essa história da bengala...

— Vou explicar-te. Tu já sabes que um sábio inventou a *máquina de parar o tempo* e já sabes também que, sem tempo, não pode conceber-se a vida. Acontece, porém, que *só a pode utilizar quem se apresentar com a bengala de bambu*...

Aqui, Pararraios suspendeu a narração.

— Basílio! — gritou — Chega aqui... A que não é...

— E' ele, meu amo. Posso jurar. Olhe a bengalinha...

—2Enquanto descemos, ele foge.

— Espere. De alguma coisa me valeu andar pelo Far-West...

Num abrir e fechar de olhos, fez os lenços em tiras, atou-as umas ás outras, armou o laço...

— Lá vai! — gritou.

Na rua, o japonês esbracejou, apanhado na armadilha.

— Puxe! Puxe! — gritava Basílio em voz de comando.

O japonês subiu um palmo acima do chão. Pararraios deitava os bofes pela boca. O funil relampejou. Tivera uma ideia...

— Vou pendurar-me do outro lado da corda... Quando o japonês chegar cá acima, tratas de lhe arrancar a bengala...

— Meu amo... prefiro a corda... Cá vou!

Enquanto Basílio descia velozmente, subia velozmente o japonês que a gitava a *bengala de bambu* como se quisesse espancar as estrelas.

Lá em cima, com um golpe de grande habilidade, Pararraios despojou-o do bastão precioso. Mas quando a criadagem e os hóspedes invadiam o quarto, atraídos pelo ruido, o japonês gritou-lhes:

— Prendam-no! Não o deixem fugir...

Pararraios foi manietado...

(Continua)

Por Manuel Salgueiro

Concurso da semana

Na vila singela
voltada para o mar
faz renda a donzela
faz renda a sonhar...

Os bilros nos dedos
velozes perderam
todos os segredos
que os deus lhes deram.

Menina não há
que em casando aposto
não leve a seu gosto
uma renda de... lá.

O mar, breve, ronda.
Porque é que se alinda
com rendas a onda
das Berlengas vinda?

Diferença nenhuma.
Não há quem entenda
se a renda é de espuma
se a espuma é de renda...

Não pares donzela
a renda que faz
para a dança mais bela
o vestido da paz.

Nestes dias vãos
de mãos tão inquietas
(tanto a ivda ofende!)
o mundo depende
das mãos do Poeta

e das tuas mãos.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a vila portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 21.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 92: I—Concurso «Gente Nossa»: Minho; II—Concurso «Gigantes da Humanidade»: Fernão de Magalhães.

Vencedores

1. — Amigo n.º 7 — Anabela Margarida Sander de Sousa Guerra (Lisboa).
2. — Amigo n.º 59 — Dúnia Rosale Entrudo Viegas (Faro).
3. — Amigo n.º 325 — Elsa Dulce Ferreira (Lisboa).
4. — Amigo n.º 957 — Maria Joaquina de S. Gabriel (Barreiro).
5. — Amigo n.º 1.036 — Jaime Teixeira da Silva (Porto).
6. — Amigo n.º 1.523 — Jorge Manuel de Frias Viana Fernandes (Coimbra).
7. — Amigo n.º 1.331 — António Rebolo Bento (Beja).
8. — Amigo n.º 403 — José Augusto Folga da Silva (Lisboa).
9. — Amigo n.º 1.133 — António Bandeira (Faro).
10. — Amigo n.º 1.527 — Norberto Duarte Costa (Lisboa).
11. — Amigo n.º 1.515 — Maria Lucília Fazenda (Amadora).
12. — Amigo n.º 1.128 — Manuel David Rodrigues Leite Assunção (Gaia).
13. — Amigo n.º 1.522 — Maria Teresa da Silva Proença (Queluz).

Prémios

1 a 3: «O POTRO VERMELHO», por John Steinbeck.
4 e 5: «O AVESSO E O DIREITO», por Albert Camus.
6 e 7: «UM HOMEM NO JARDIM ZOOLÓGICO», por David Garnett.
8 a 10: «ANTES DO AMANHECER», por Somerset Maugham.
11. — «O BAIRRO», por Vasco Pratelini.
12. — «A CASA DO CANAL», por Georges Simenon.
13. — «PORGY E BESS», por Du Bose Heyward.

PREMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE FERNÃO DE MAGALHÃES

14. — Amigo n.º 1.528 — Julio Maggioly Novais (Lisboa).

14. — «A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA», por J. Carcopino, e «O AVESSO E O DIREITO», por Albert Camus.

DIARIO DE BORDO

Amigo n.º 1367 — Paulo Fernandes de Almeida (Lisboa): A troca do livro foi voluntária, pois só depois de seres premiado é que tomámos nota da tua idade. Vais gostar, com certeza, do «Seixo Solitário». Agradeço-te muito por me teres enviado a tua ficha completa.

Amigo n.º 990 — Carlos Alberto Fernandes — Não deves de forma alguma supor que não reservamos para ti a mesma atenção e amizade que dispensamos aos demais amigos do «Juvenil». Ficámos aguardando a resposta da tua correspondente, mas nada recebemos até agora. Dá-se até o caso dessa Amiga não concorrer já há bastante tempo nos nossos concursos semanais. Vamos procurar arranjar-te outra correspondente. E crê sempre na nossa muito grande amizade.

Amigo n.º 1378 — Maria Manuel Chambon Arim (Lisboa): Pois claro que perdoamos e que continuamos a «ser teus amigos no verdadeiro sentido da palavra». Dou-te os meus parabens por teres resolvido aprender a escrever á máquina. Mas leva o curso até ao fim.

Amigo n.º 1104 — Carlos Liberto da Conceição Oliveira (Amadora): a tua sugestão vai ser aproveitada, pois é, na realidade, excelente. No caso do professor japonês que nos escreve a pedir os endereços completos de jovens que queiram corresponder-se com estudantes nipónicos, nós vamos já aplicar a tua ideia. Muito obrigado pela tua amável colaboração e não te esqueças que todas as sugestões serão bem vindas.

Amigo n.º 1524 — José Guerreiro Coelho Pencarinha (?) — Loulé: Como podes verificar desde já, foste inscrito no ficheiro dos Amigos do «Juvenil» com o numero 1524. Podes portanto concorrer a todos os nossos concursos.

Amigo n.º 223 — J. João G. Ventura (Coimbra): Merecias ficar de jejum pelo menos uma semana. E isto era o menos que, em nosso entender, te poderia cair em cima da vida. Na realidade que ideia te passou pela cabeça ao supores que ias ser reformado? Já te conheço quase há dois anos, ficaste na lista dos meus amigos (sem qualquer numeração) e na do «Juvenil» (com o n.º 223): as coisas assim continuarão, enquanto tu desejares. O que já vai sendo altura é de eu saber o que representa o J. que pões á frente da palavra João. Não é uma arma secreta? Um agraço e escreve todas as semanas, pois desgosta-me que os velhos amigos não escrevam com assiduidade. Podes comunicar á Maria do Céu que vai levar um grande castigo por nem sequer ter escrito a dizer que recebeu o livro que o pai fez o favor de levar daqui. Já teria ela reparado que o livro levava uma dedicatória?

Amigo n.º 67 — Margarida Losa (Porto): ainda não te escrevi porque tenho estado a deitar foguetes desde que recebi a tua carta. Claro que gostei do teu trabalho. Porque não escreves pelo menos semana sim, semana não? Pesa-te a caneta? Quando arranjar um minuto disponível escrever-te-ei uma grande carta. Obrigadíssimo!

Amigo n.º 1237 — João Fernando dos Santos Mendes (Estoril): Manda o teu artigo. O resto fica connosco.

Amigo n.º 1428 — António Augusto da Silva Maurício (Sintra): Repara que és o n.º 1428 e que portanto já estás inscrito na lista dos Amigos do «Juvenil» há bastante tempo. Agora manda a tua data de nascimento.

Amigo da Nazaré que assina com um nome irreconhecível (talvez T. Marrazes?): Manda a tua morada, data de nascimento e nome completo e bem legível. E manda trabalhos teus.

Amigo n.º 796 — José António Freire (Coimbra): faremos o que nos pedes.

Amigo n.º 1271—António Manuel Velez Gomes Ponce (Lisboa): Não recebemos o teu artigo. Todos os trabalhos dos Amigos são bem recebidos. Repara, porém, que sendo a História uma ciência, os artigos que sobre esta matéria se escrever estão obrigados a um grande rigor de verdade. Mas manda o teu trabalho, pois teremos muito gosto de o publicar, caso mereça, e de te dar a nossa opinião sobre o assunto.

TROTE

AMIGOS NOVOS ENTRADOS ESTA SEMANA

1521 — Maurício de Campos Pereira (deve indicar-nos a sua data de nascimento e a sua morada); 1522—Maria Teresa da Silva Proença (Queluz); 1523 — Jorge Manuel Frias Viana Fernandes (Coimbra); 1524 — José Guerreiro Coelho Pencarinha, de Loulé (deve indicar-nos a sua data de nascimento); 1525 — Fernando Joaquim Tavares Rocha, da Guarda (deve mandar-nos a sua data de nascimento); 1526 — João A. F. Ferreira (Lisboa); 1527 — Norberto Duarte Costa (Lisboa); 1528 — Julio Maggioly Novais (Lisboa); 1530 — José Henriques Martins Fontes (deve enviar-nos a data de nascimento); 1531 — José Alberto Martins Fontes (idem); 1532 — António Manuel Simões Coutinho (Porto).

Noticiário sobre os concursos do "Juvenil"

Terminaram os prazos para a entrega dos trabalhos respeitantes aos concursos organizados pelo nosso jornal, de colaboração com a Portugália Editora:

1 — Concurso «QUAL É COISA QUAL É ELA»

que constava da coloração das ilustrações do livro com este nome.

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Já por várias vezes publicámos as condições que regulam este concurso, mas hoje repeti-las-emos.

Trata-se de apresentar um trabalho sobre o nosso País: a paisagem ou os monumentos, ou o modo de viver do nosso povo, as suas festas, as suas canções, a vida da juventude camponesa, ou ainda lendas da nossa terra, etc.

Tal como sucedeu o ano passado, dá-se inteira liberdade criadora aos concorrentes, não se limitando o tamanho dos trabalhos.

2 — Concurso «AUGUSTO GIL» que exigia a entrega de um trabalho sobre o poeta de «Luar de Janeiro», «O canto da cigarra», etc.

No dia 28 do corrente daremos os resultados de um e de outro concurso.

E agora que todos os Amigos prestem a máxima atenção ao nosso concurso anual

Haverá as seguintes categorias:
1.ª — Jovens até aos 12 anos.
2.ª — Jovens entre os 13 e os 15 anos.
3.ª — Jovens entre os 16 e os 20 anos.

Haverá prémios literários e prémios para as ilustrações que acompanharem os textos (fotos, desenhos ou pinturas).

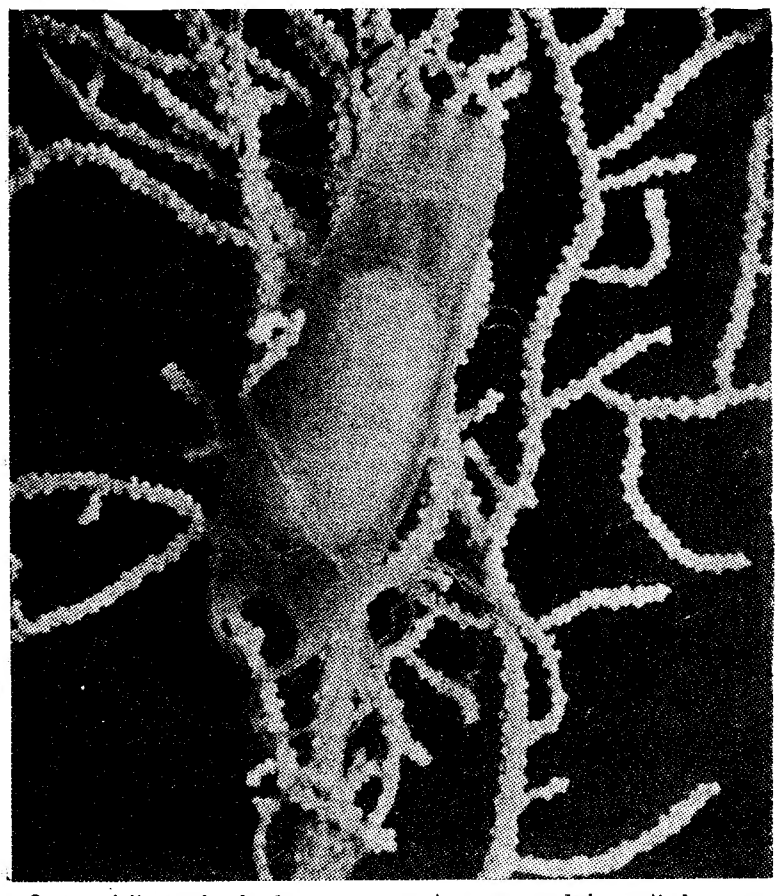
O prazo de entrega termina no fim do mês de Fevereiro. Os prémios serão entregues nas férias da Páscoa.

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se para ti, aos sábados!

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

ANIMAIS, ESSES DES CONHECIDOS

Jardins maravilhosos? não; colónias de animais



Quem visitar o fundo dos mares, ficará maravilhado com o imprevisto espectáculo de um mundo estranho. As mais belas cores, as mais estranhas formas, enfim, maravilhosos jardins encantados. Mas, em verdade, não são jardins nem são plantas — mas muito simplesmente animais, animais vivos e em rica e grande variedade. Dir-se-ia um verdadeiro conto de fadas!

Daqui as esponjas, organizadas em colónias de animais unicelulares; dali, medusas, que, como os corais, constroem recifes. Por toda a parte, em profusão, corolas vermelhas, plumas multicores e delicadas, véus transparentes como gaze, quietas num ambiente branco deslumbrante da areia do chão, num azul esverdeado da água. Como

Por Helena Costa Dias

plantas misteriosas de um jardim encantado, miríades de animais desconhecidos, ramificados como arbustos de floresta virgem, mas em cores vivas; cada ramo revestido de milhares de pequenos animais que trabalham em comum, frágeis como cristal, mas poderosos como verdadeiros rochedos. Tudo tem uma aparência pacífica; mas uma força hérculea se esconde neste emaranhado, agarram para não mais largar, paralisam e matam com um veneno terrível. O coral é, quase sempre branco; o roxo é raro; por vezes revestido de milhares de pólipos carnudos rodeados de um anel de tentáculos, torna-se amarelo ou verde. Os seus ramos espalham-se em todas as direcções...

Mas se a corrente se moveu, dir-se-ia que uma brisa agitada correu o fundo dos mares: as esponjas verdes, azuis, douradas, cada uma parecendo um poucochinho do arco-íris, umas semelhando candelabros, outras ânforas bojudas ou leques delicados, junto ao contraste das negras ou apenas pardas que mais realçam o vistoso das cores — mexendo-se, remexendo-se, em busca dos micróbios de que se alimentam e nadam na água agitada. Os ouriços, com um diametro de 15 a 25 centímetros, negros, crivados de frágeis alfinetes irritantes, erguidos em todas as direcções, á espera dos resíduos de outros banquetes. Daqui para ali, como tocados por varinha mágica, milhares de braços esguios uns, outros grossos como punhos, movem-se numa dança lenta (todos os movimentos debaixo de água são lentos); ondulam véus; ramos emaranhados, talos semelhantes a vegetais, tentáculos movendo-se como cobras, enroscam-se e distendem-se, transparentes, gelatinosos, indiscretos como se lhes tocasse o sol e luminosos na noite; penhachos coloridos, toda uma estranha e fantástica beleza, coleante, agitada, cortada por seres nunca imaginados, listrados de amarelo e vermelho, pintalgados de negro e violeta, fusiformes, cilíndricos, achatados, sós ou em grupos.

Pela areia branca reptam estrelas de cinco pontas, estreladas do mar, logo seguidas de outras de 12 braços grossos e curtos; os ofiurídeos serpenteiam, movem os braços para os lados ou enroscam-nos para baixo e para cima, buscam os ouriços de que são comensais; os ovos espalham-se na água, seres jovens aprendem a tratar de si, pares de enamorados passeiam os braços estrelados...

Colaboração dos leitores

O Suplemento Juvenil, do **Diário de Lisboa**, publica-se para todos os jovens portugueses.

Não apenas para ser lido por eles, mas também para ser colaborado por eles. Como podem ver neste numero, aprésentamos sempre trabalhos dos nossos jovens amigos.

Fazemo-lo com satisfação e — porque não dizê-lo? — com orgulho... Eles provam que a mocidade continua amando a poesia, a cultura, a arte.

Ficamos, pois, aguardando a colaboração dos nossos leitores — poesias, contos, reportagens, entrevistas, curiosidades e passatempos para **Dois Minutos de Intervalo**, etc., etc.

Pedimos, no entanto, que a colaboração não ultrapasse as 700 palavras.

CINCO ENSAIOS E UM DISCURSO

O novo livro de Alberto Camus, prémio Nobel de 1957, compõe-se de um conjunto de cinco ensaios — «A Ironia», «Entre o Sim e o Não», «Com a Morte na Alma», «Amor á Vida», «O Avesso e o direito» — e o discurso que proferiu em Estocolmo, na altura em que lhe foi entregue o Prémio Nobel. Estes trabalhos são acompanhados de um extenso prefácio, de bastante interesse.

Eis uma obra que muito agradará aos nossos leitores maiores de 17 anos. E' uma edição de «Livros do Brasil» e pertence á sua colecção «Miniatura».

Na colecção «Livros do Brasil» acaba também de sair o romance do jovem escritor brasileiro Fernando Sabino — «O Encontro Marcado» — obra que tem tido extraordinário êxito no seu país. E' uma obra sobre a juventude do nosso tempo.

OS CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

COM a ajuda dos seus fiéis cavaleiros Artur deu ao povo inglês aquilo que os povos da terra mais amam e desejam: a Paz. Então, conforme o juramento que todos tinham feito, os bons cavaleiros da Távola Redonda partiram pelos quatro pontos cardiais á procura duma injustiça que por eles esperava para ser castigada. Ora enquanto os seus fiéis cavalos seguiam por montes e vales, deu-se o caso do rei Artur partir para uma caçada acompanhado de Acolão da Gália. Não levavam destino certo: caçariam onde encontrassem caça, aparecida a noite, dormiriam ao relento, aconchegados ao bafo duma fogueira — e isto dias e dias e, quem sabe, semanas.

Por TROTE

VI — Na prisão do cavaleiro Damasco

Uma tarde já tinham corrido tanto, tanto, que os cavalos arrefeceram no chão, mortos de fadiga. O sítio onde estavam era uma floresta fechada que parecia noite.

— Aqui não ficaremos, senhor — disse Acolão da Gália. — Avisa-me o coração que muitos animais ferozes nos esperam para nos desfeitear. Agora que já não temos cavalos só nos resta caminhar até deparmos com uma casa.

Os dois cavaleiros assim fizeram e estava a noite a ensombrar o céu quando através da ramaria das árvores enxergaram um lago prateado. A alegria deu-lhes novas forças e correram valentemente até se libertar da floresta. Viram nessa altura que uma nave dourada deslizava brandamente nas águas e que a proa apontava para eles. Dentro em pouco, mesmo junto a seus pés, a quilha da nave fez «ssrr» ao raspar nas areias da margem.

— Vejamos o que lá está dentro — murmurou Artur — A' fé de cavaleiro, que me cheira a uma bela aventura donde sairemos muito honrados.

E nem esperando sequer que Acolão da Gália dissesse sim ou não, rei Artur saltou como um gamo para dentro da bela barca de ouro. Logo, por encanto, lhe surgiram doze lindíssimas donzelas, que disseram como se fossem uma só boca:

— Deixai cavaleiros que cuidemos de vós tão ricamente como vosso estado merece.

Naquele mesmo instante pegaram nas mãos de Artur e do companheiro e conduziram-nos a uma sala onde se estendia uma távola formosamente coberta de vinhos, frutas, peixes e doces. E os cavaleiros comeram de maneira qual, nunca o tinham feito em dias de sua vida. Acabado o comer, as mesmas donzelas levaram-nos a belos quartos onde se ouvia uma doce musica feita para embalar os espíritos cansados. «Fui atraído a alguma emboscada» — pensou o jovem monarca. Mas logo sem medo, erguendo a voz, pergunta:

— Quem sois vós, amigos, que assim gemeis? Que vos aflige? De bom grado daria a vida para vos salvar.

E disseram as vozes:

— Somos vinte cavaleiros aqui prisioneiros há mais de sete anos.

— Porquê, cavaleiros? Traistes o o vosso povo?

— Não, meu senhor. O dono deste castelo — o cavaleiro Damasco — é o mais pérfido e poltrão dos cavaleiros deste Mundo. Por feios ardis se apoderou de terras do irmão e este um dia mandou-o desafiar para um duelo. Damasco tremeu como varas verdes e resolveu arranjar um cavaleiro que se batesse em seu lugar. Mas nenhum de nós aceitou tão desonroso feito e ele, para se vingar, de nós se senhoreou pela traição. Aqui estamos prisioneiros e sabei que preferimos morrer a lutar por ele.

— Razão tendes — afirmou Artur — mas eu não estou aqui pela força e por isso me oferecerei para assim vos salvar e a mim próprio.

Nesta altura vinha entrando uma donzela e disse-lhe Artur:

— Ide, senhora minha, contar a Damasco que por ele combaterei se depois da justa me der a liberdade e a todos os vinte cavaleiros que aqui jazem prisioneiros. Se aceitar, dizei-lhe mais que me envie a minha espada, a minha armadura e o meu cavalo.

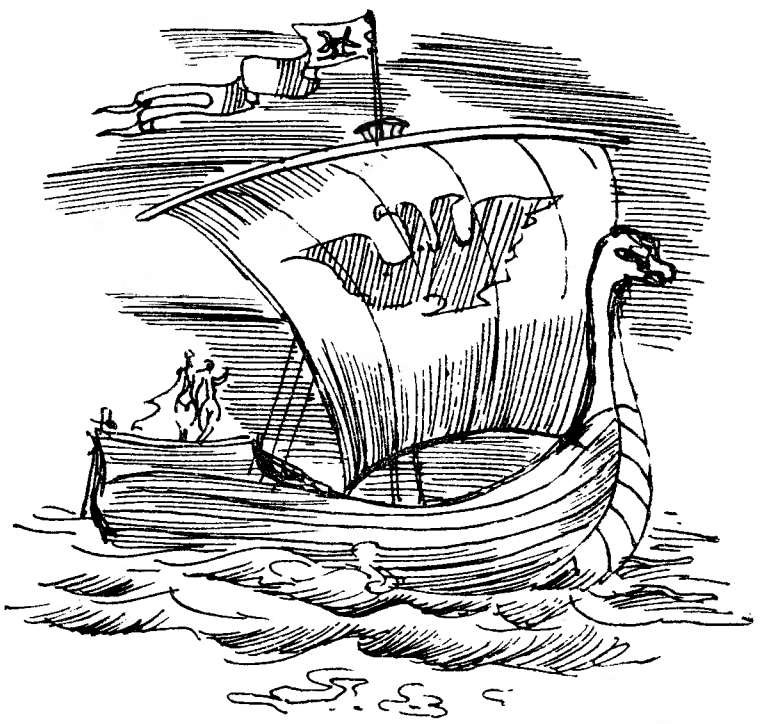
A donzela voou em bicos dos pés e foi anunciar a Damasco a boa nova.

— Seja — gaguejou o cavaleiro felão — isso me apraz. Mas ele há-de jurar que combaterá até á morte.

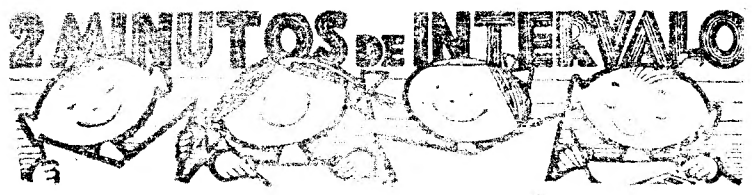
Levado á sua presença o jovem Artur jurou que seu combate seria até á morte. Então também Damasco jurou que libertaria os vinte prisioneiros.

Isto mesmo foi cumprido, pois Damasco só pretendia matar o rei Artur. Na verdade, os barões de Inglaterra estavam vencidos mas não convencidos. No negrume da mentira e da traição se reuniam para tramar a morte do bom rei. Finalmente um dia viram a seu lado Morgana, irmã de leite de Artur. Esta Morgana era feiticeira e, despeitada por não ser rainha de Inglaterra, passara a odiar o seu companheiro de infancia. A's suas artes se ficara devendo que Artur fosse atraído ao barco e deste á prisão do cavaleiro Damasco. Seu intento era que o monarca se batesse com Oncelaco, irmão de Damasco e morresse ás suas mãos.

(Continua).



(Próximo episódio: «A ESPADA TRAIDORA E EXCALIBUR»)

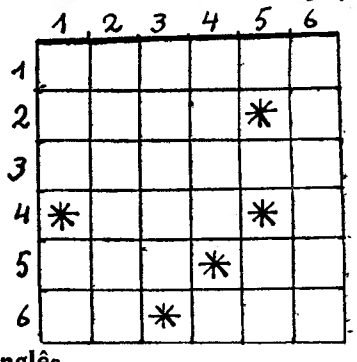


PALAVRAS CRUZADAS

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Seguir. 2 — Ser. 3 — Coral. 4 — Pouco. 5 — Pestana. Osso. 6 — Vogais. Prefixo.

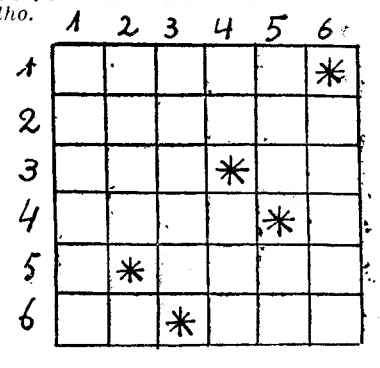
VERTICAIS: 1—Seco. Isso. Aquilo. 2 — Utopia. 3 — Quase irreal... 4 — Vitelo. 5 — Ouro. 6 — Igreja.



Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Glória. 2 — Loção. 3 — Formiga. Nenhum. 4 — Fundo. 5 — Corre. 6 — Se. Dedo do pé.

VERTICAIS: 1 — Satisfatóriamente. 2 — Sózinho. Isolado. 3 — Lontra. 4 — Duas letras de arroz. Pôr. 5 — Ali. Acolá. Não. 6 — Barulho.



Razão

A Isabel queixa-se á mãe:

— Tu, mãe, nunca me dás razão...

— Estás enganada, minha filha — explica pacientemente a mãe. — Sempre que tu a tens, eu dou-ta.

— E a pequenita:

— Essa está muito boa... Quando eu a tenho não preciso que tu ma dês...

Longevidade

Um amigo censura ao Senhor Periquitão o facto de ele, de vez em quando, beber «uns copos» fora da refeição.

— Fica sabendo que quem bebe em excesso nunca chega a velho!

— Pois olha — retorquiu Periquitão. — O meu irmão nunca bebeu senão leite e morreu novo.

— Com que idade?

— Com três meses...

Só no fim...

— Se estiveres toda a semana sem fazer maldades, dou-te um livro de histórias... Estás contente?

A Periquitinha não responde.

— Como! — torna a mãe. — Não estás contente?

— Não sei! Só o posso saber no fim da semana...

SE QUISERES...

Se quiseres colorir fotografias ou fazer pintura com tintas de aguarela, nós aconselhamos-te

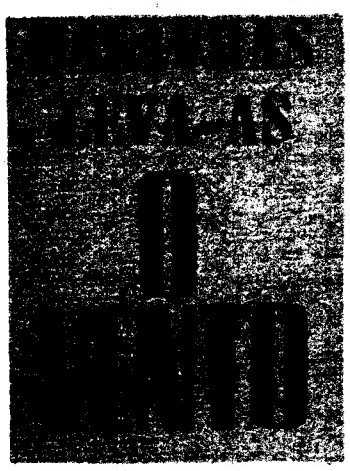
CORES «OLCAR»

Pedidos a

OLIVEIRA CARMO

Av. Rovisco Pais, 32, 3.º, Dto. LISBOA

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Estou convencida de que não há ninguém do Algarve até ao Minho que desconheça esta palavra *Bodega*. Mas empregada num sentido que já não é nada daquele que lhe cabe de nascença.

Assim, quando dizemos que aquele jantar «foi uma bodega» estamos muito longe de fazer um elogio. Um trabalho mal executado ficou «uma bodega». Um livro mau é «uma bodega», a uma casa mal arrumada chamamos-lhe nós *bodega*.

Porquê? E' isso que vamos ver.

As palavras *bodega, adega* e *botica* derivam do grego *apotheke botica*, que hoje conhecemos com o significado de farmácia. Já significou loja de venda a retalho. (Desses tempos nos ficou a frase *há de tudo como na botica...) Bodega* significava taberna (e mantém este significado na lingua castelhana).

E' de acreditarmos que as tabernas de há muitos anos não teriam um aspecto muito asseado. Aliás, por essa provincia, as casas onde se vende o licor de Baco não primam ainda hoje pela higiene, e mesmo nas grandes cidades, como por exemplo em Lisboa, há tabernas que são autênticas *bodegas*...

Uma casa suja, mal arrumada e mal iluminada, cheia de nódoas, de moscas, de gente mal vestida e doente, passou naturalmente a servir de termo de comparação para outras casas ou coisas feias e sujas. De uma recem-casada também dizemos que *a sua casa é um brinco* — isto é, bonita, agradável, bem posta — ideias sugeridas por um brinco.

Quando afirmamos que determinado trabalho é uma *bodega* estamos a compará-lo no desleixo, no descuido, na sujidade que apresenta como uma taberna, dessas que encontramos ainda hoje a cada passo quando nos deslocamos, na província.

Agostinho de Campos fala-nos de uma companhia inglesa estabelecida em Espanha, negociando em vinhos, e cuja razão social é *Continental Bodega Company*.

Uma firma que usasse este nome em Portugal, ver-se-ia a braços com alguns problemas, por causa daquela «bodega». Porque as palavras não apenas nascem e morrem mas também se transformam, até significarem o contrário do primitivo significado!

A palavra na origem, o grego *Apotheke*, conheceu vicissitudes. Ulisses crismava de Apotheke a sua dispensa. No evangelho de S. Mateus, *Apotheke* era o celeiro. O sitio, nos conventos da Idade Média onde se guardavam as ervas medicinais chamava-se *apotheke*. Ainda hoje em alemão farmácia ou botica se diz «apotheke».

Por
Natália da Fonseca

ESTRANHA AVENTURA

Naquela tarde de Agosto o Sol deixava cair os seus raios luminosos sobre os vastos campos. Acompanhado do meu fiel cão «Tobi» dirigi-me para o vasto olmedo que ficava perto. Sentei-me á sombra duma árvore a ler um livro, enquanto «Tobi» foi dar uma volta. As aves entretinham-se no seu cantar enquanto o astro-rei iluminava tudo.

A tarde estava encantadora e convidativa para uma soneca, e eu aceitei esse belo convite. Estendi-me na relva, pondo o livro como cabeceira. Dentro de minutos dormia a bom dormir.

II

Tobi! Tobi!—chamava eu—. Mas o meu cão não havia meio de aparecer. Tinha-me dirigido com ele para o campo, e ele tinha ido atrás de um coelho e agora não aparecia havia já meia hora. Resolvi ir á procura dele, e depois de muito andar, descobri a cerca de 500 metros uma porta brilhante que parecia ouro. Esta porta não tinha nenhuma casa atrás, mas sim uma espécie de muro bem construído. Dirigi-me para ela e quando estava a cerca de um metro dela a tal porta abriu-se automaticamente. Eu quis fugir, mas uma força invisível empurrava-me para dentro. Depois a porta fechou-se e eu tentei abri-la mas em vão. Comecei então a correr pela enorme galeria que ficava na minha frente. Andados cerca de cem metros sempre a direito, o chão sumiu-se a meus pés, e depois de enorme trambulhão encontrei-me num salão com quatro altas colunas de mármore. Ao princípio não vi nenhuma porta, mas depois de muito olhar vi uma atrás de uma espécie de altar. Fui direito á ela para a abrir e quando ia para começar a abri-la ouvi passos ao fim do corredor que ia agora transpor. Num instante escondi-me atrás de uma coluna e esperei. Passado pouco tempo quatro seres que me causaram horror apareceram na sala.

Vestiam uma espécie de armadura de ferro, os seus sapatos do mesmo metal, mas preto, terminavam em bico, mas o que mais me causou repulsa, foram duas antenas que traziam cada um na cabeça.

Deviam elas ter cerca de 30 centímetros cada uma e zumbiam, vergando-se.

Olharam para todos os lados, e não me vendo dirigiram-se por uma porta que eu ainda não tinha visto, pois era secreta. Depois de se afastarem, eu saí de detrás da coluna e tentei acabar o trabalho interrompido.

Não foi difícil, pois descobri uma mola na parede e carreguei para dentro. A porta abriu-se e transpus a correr. Esta galeria era muito escura, ao contrário da outra. De repente ouvi passos, e encostei-me á parede. Durante dois minutos estive quieto sem ouvir nada. Mas de subito duas mãos de ferro agarraram-me. Tentei resistir, mas o meu esforço foi inutil. De repente ocorreu-me a ideia de que destruindo aquelas antenas ele morreria. Já me levava ao colo bem agarrado, mas consegui libertar um braço e comecei a distribuir socos para o sítio das antenas. De subito acertei em cheio numa e tive uma espécie de choque eléctrico. Ao mesmo tempo largou-me para depois se deixar cair por terra. Novamente comecei a correr por este corredor, e agora tornei a cair numa sala idêntica á outra onde tinha caído, mas desta vez fui menos feliz. Dentro da sala estavam dois dos tais seres que ao verem-me tentaram agarrar-me o que conseguiram passado algum tempo, mas não foi nada fácil, pois eles não andavam tão depressa como eu. Levaram-me através de enormes corredores, mas desta vez também me lembrei das suas antenas, mas não podia usar as mãos, pois levavam-mas presas. Passado pouco tempo um deles apalpou a parede e carregou num botão. Uma porta abriu-se e os meus captores obrigaram-me a entrar.

Cerca de 20 pessoas estavam numa enorme sala. Numa espécie de trono estava um ser que devia ser o chefe. A um canto estava o meu cão amarrado que ao ver-me começou a ladrar, tentando soltar-se.

Apareceu então um sofá como que saído do solo, e o chefe ordenou-me: — Senta-te terrestre, mas vais morrer juntamente com este animal por violarem o nosso terreno sagrado.—Fazendo sinal a um ser que estava de pé, este pegou numa espécie de pistola e disparou algumas bolas de sabão que me começaram a asfixiar. Antes de desmaiar pude ver o meu cão cair. Nisto acordei.

III

Que grande pesadelo—disse eu.— Ainda foi bom acordar. O meu cão estava já a meu lado. Voltámos a casa, pois já era tarde. Mas havia uma coisa que não estava certa. Como podia haver ali aqueles seres?

AMIGO N.º 1494

Por
António Degóis Pereira
(15 anos)

Amigos!

Não se esqueçam que termina no fim de Fevereiro o prazo para a entrega dos trabalhos do Concurso «PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Ler notícia na página central.

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

ERA de Roterdão e ficou sempre conhecido pelo nome próprio logo seguido do da cidade onde nascera. Grande humanista, no completo sentido da palavra, isto é, espírito versado profundamente nas línguas clássicas, mas também cidadão cultíssimo e que tinha do Homem um conceito nobre e vasto. Toda a sua obra exerceu profunda influência não só no Renascimento do Norte como em toda a Europa e, devemos apontá-lo, na Península Ibérica. Alguns historiadores da literatura portuguesa supõem haver influência sua na obra de outro verdadeiro gigante da Humanidade — Gil Vicente. Sabe-se que Damião de Góis, historiador e humanista português, se relacionou com ele e com ele conviveu.

A sua obra mais conhecida e mais popular é o «Elogio da Loucura», que outro grande espírito da época, Hans Holbein, ilustrou. Este mesmo retrato que publicamos é da autoria do mesmo genial pintor e encontra-se no Museu do Louvre.

As respostas devem estar no «JUVENIL» o mais tardar até ao próximo dia 21 de Fevereiro, acompanhadas dos habituais elementos: nome, data de nascimento e morada dos concorrentes e o seu numero de ficheiro, no caso de já o conhecerem. Juntamente deverão enviar a menção dos três artigos que mais lhes agradaram no Suplemento desta semana.

Além dos prémios habituais, daremos um, especial, ao melhor trabalho sobre o grande humanista holandês.

NOTAS DE LEITURA

Um pequeno grande livro e uma remodelação dum jovem

Não poderia deixar de conversar um pouco com os nossos leitores sobre um belo livro que, decerto dirão mesmo, parece ter sido escrito em Portugal, salvo uma ou outra circunstancia. Refiro-me ao romance «A lua e as fogueiras», do italiano Cesare Pavese. Infelizmente desaparecido aos 42 anos, Cesare Pavese é um dos maiores escritores deste século, e um escritor profundamente original que soube encontrar um caminho que o distingue de todos os romancistas italianos do seu tempo.

«A lua e as fogueiras» é um romance perturbador, onde os motivos de encantos se entrelaçam e são diversos. Um homem procura o local da sua infancia e não pode deixar de o procurar: «Existe uma razão porque voltei a estes sítios. Porque voltei aqui e não a Canelli, a Barbaresco ou a Alba». Mas esta busca da infancia, daquele tempo em que o Mundo era ainda de «outra maneira», liga-o de novo á vida de pequenos campónios, de gente provinciana. A infancia acrescenta-se, tem um capítulo novo que é o presente: «Quando íamos ontem pela estrada, encontrámos dois rapazes que atormentavam uma lagartixa. Nuto tirou-lha das mãos. Todos passámos pelos vinte anos!

«— Se Sor Matteo nos tivesse feito o mesmo quando andávamos pelas ribeiras — perguntei-lhe — que terias respondido? Quantos ninhos caçámos nesse tempo!

«— São gestos de ignorantes — respondeu — Fazíamos mal. Deixai viver os animais. Já sofrem o seu quinhão no Inverno.

«— Não tenho nada a dizer. Tens razão.

«— E depois, se se começa assim, acaba-se por degolar os homens e queimar os campos».

Esta actualização do passado é constante. As mínimas coisas o acordam: «E' um calor que me agrada. Tem um aroma próprio: e dentro deste aroma encontro-me eu também, pois ele contém vindimas, ceifas e o cair das folhas, tantos sabores e tantos desejos que eu não suspeitava já trazer em mim».

Desta forma se desenrola ante nossos olhos a história de pobres camponeses, a poesia a irromper e a deslizar mansamente na dura realidade. E' um romance que não esquece.

Fernando Namora decidiu reeditar «As sete partidas do Mundo» — romance escrito entre os 17 e os 19 anos. Eis uma obra que os jovens (maiores de 17 anos) deverão ler, pois possui, para eles, particular interesse. Uma coisa é um adulto escrever sobre adolescentes — outra é estes próprios escreverem sobre a sua vida, as suas preocupações, os seus problemas. O adulto interpreta; o adolescente «vive». Grande diferença, não é verdade?

Nesta reedição só me parece que o autor não deveria ter introduzido nenhuma alteração formal na matéria-prima antiga. Estas alterações não vieram acrescentar nada na obra do conhecido romancista e parecem — como direi? — um pouco intrusas.

«A LUA E AS FOGUEIRAS», por Cesare Pavese (LIVROS DE BOLSO «ARCÁDIA»), «AS SETE PARTIDAS DO MUNDO», por F. Namora (Arcádia Editora).